

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA – (INHIS)**

LÍVIA PEREIRA DOMINGUES

ENTRE A SERRA E A SAUDADE: O ENSINO DE HISTÓRIA EM CENA

UBERLÂNDIA

2025

LÍVIA PEREIRA DOMINGUES

ENTRE A SERRA E A SAUDADE: O ENSINO DE HISTÓRIA EM CENA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção de título de Licenciatura em história.

Orientador: Gilberto César de Noronha.

UBERLÂNDIA

2025

LÍVIA PEREIRA DOMINGUES

ENTRE A SERRA E A SAUDADE: O ENSINO DE HISTÓRIA EM CENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial à obtenção
de título de Licenciando em história.

Uberlândia, 8 de setembro de 2025.

Banca Examinadora:

Gilberto César de Noronha – Doutor (UFU) - Orientador

André Fabiano Voigt – Doutor (UFU)

Marta Emília Jacinto Barbosa – Doutora (UFU)

“O Passado nunca morre, nem sequer é passado”
(Faulkner, 1931, p. 73).

RESUMO:

Este trabalho apresenta o relato da criação, produção e execução de uma peça teatral desenvolvida com estudantes do ensino médio na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, em Arapuá (MG), como proposta de valorização da história local e preservação da memória coletiva. Diante da escassez de registros históricos sobre o município, a atividade buscou transformar fontes fragmentadas — como registros orais, documentos eclesiásticos e relatos da comunidade — em material dramatúrgico. A peça resultante foi construída de forma colaborativa entre alunos e professores, permitindo o contato direto com o passado do município e promovendo a construção de identidade e pertencimento. O trabalho defende o uso do teatro histórico como ferramenta pedagógica ativa no ensino de História, capaz de sensibilizar, envolver e educar por meio da arte.

Palavras Chave: Teatro histórico; ensino de história; identidade cultural; fontes históricas; metodologias ativas, história local, Arapuá – MG.

ABSTRACT:

This paper reports on the creation, production and performance of a play developed with high school students at the Manoel Gonçalves Boaventura School, in Arapuá (MG), as a proposal for valuing local history and preserving collective memory. Given the scarcity of historical records about the municipality, the activity sought to transform fragmented sources - such as oral records, ecclesiastical documents and community reports - into dramaturgical material. The resulting play was constructed collaboratively between students and teachers, allowing direct contact with the town's past and promoting the construction of identity and belonging. The work advocates the use of historical theater as an active pedagogical tool in history teaching, capable of raising awareness, involving and educating through art.

Key words: Historical theater; history teaching; cultural identity; historical sources; active methodologies, local history, Arapuá - MG.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.....	18
Figura 2 - Mapa da Capitania de Minas Gerais com Suas Comarcas.....	21
Figura 3 - Corte do Mapa da Capitania de Minas Gerais c Suas Comarcas.....	22
Figura 4 - Mapa da Região entre a Mata da Corda e o Rio São Francisco.....	23
Figura 5 - Cenário 01 da peça teatral sobre a história local de Arapuá.	51
Figura 6 - Trecho de uma das cartas e Foto da medalha de Francisco de Paulo Moura Neto..	66
Figura 7 - Carta de Francisco P. Moura Neto.....	68
Figura 8 - Figurino das alunas G. B. e A. L.	96
Figura 9 - Figurino das alunas T. B. e N. R.....	96
Figura 10 – Comparação entre o Figurino aluno E. R e a Foto de Francisco de Paulo Moura Neto	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de acontecimentos históricos elaborado pela Autora.	40
Tabela 2 - Quadro de Pessoas Relevantes nas fontes elaborado pela Autora.....	46

SUMÁRIO

1.	PRÓLOGO (Introdução)	10
2.	PRIMEIRO ATO: ONDE ESTÁVAMOS ESSE TEMPO TODO?	17
3.	SEGUNDO ATO: EU NÃO SEI DE NADA!	37
4.	TERCEIRO ATO: EU ESCOLHO ME LEMBRAR DE VOCÊ.	42
5.	QUARTO ATO: NÓS COMEÇAMOS E TERMINAMOS JUNTOS.	51
6.	QUINTO ATO: O QUE NOS TOCA E O QUE NOS (CO)MOVE?	94
7.	EPÍLOGO: O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS POSSIBILIDADES EM CENA....	99
8.	REFERÊNCIAS.	104
9.	ANEXOS	109

1. PRÓLOGO (Introdução)

A disseminação e a produção do conhecimento histórico são desiguais no tempo e no espaço. A história de comunidades pequenas e interioranas é frequentemente considerada irrelevante pela historiografia tradicional que tem o costume de priorizar escalas pequenas, grandes eventos, grandes protagonistas e os relatos de centros urbanos mais populosos. Parte dessa tradição ainda ecoa a noção de história de Hegel que classificava como de menor relevância os eventos, situações específicas e as narrativas históricas nas quais o indivíduo atribua importância pessoal aos acontecimentos históricos, como no trecho mencionado da obra *“Razão da História”*: “Mitos, canções folclóricas e tradições não são parte da história, mas continuam sendo costumes obscuros, característicos de povos não muito conhecidos”¹. As histórias de cidades do interior costumam ser vistas apenas como potenciais memórias pessoais e de pouca análise científica. Por isso, são ignoradas ou pouco valorizadas, o que enfraquece a compreensão dessas regiões e de seus processos de identificação. Quando são tratadas, geralmente circulam apenas entre um público restrito e já envolvido com o tema, evitando-se refletir sobre essas histórias locais como caminho para entender questões mais amplas.

Ao tomar como objeto de estudo historiográfico a porção do espaço reconhecida oficialmente como município de Arapuá, na região do Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais foi possível perceber os desafios da pesquisa da história local. O impulso inicial para dar início ao processo de pesquisa sobre a história do município de Arapuá surgiu no âmbito da disciplina História e Região, ministrada no segundo semestre do curso de História finalizado em julho de 2022 pelo professor Gilberto Noronha no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ganhou força com as experiências práticas vivenciadas nos Projetos Interdisciplinares (PROINTER I, II, III e IV), conforme estabelecido pela Resolução nº 9/2020 do Colegiado do Curso de Graduação em História que me permitiram aprofundar no tema. Ao me propor tal objeto de estudo, a primeira indagação foi quanto ao problema das fontes: Onde devo buscar informações sobre Arapuá?

Nos primeiros contatos ao procurar por fontes nas instituições municipais tudo o que me encontrou foi um vazio, a presença humana naquela região existia desde pelo menos o século XIX, mas onde se encontravam os registros dessa presença?

As dificuldades começaram na preservação da memória social e na falta de políticas eficazes para identificar e disponibilizar registros históricos para pesquisadores e para a

¹ HEGEL, Georg W. F. **A Razão na História**: uma introdução geral à filosofia da história. São Paulo: Centauro, 2004. p. 45

população: os arquivos da prefeitura e da biblioteca municipal, consultados inicialmente, não oferecem documentos acessíveis, isso contribui para a exclusão da história do município dos currículos escolares, seja por uma orientação externa que a considera menos relevante, seja por obstáculos práticos à sua inclusão². Como resultado, para jovens estudantes e para a população em geral, há uma lacuna de conhecimento histórico inexplorado que o município de Arapuá compartilha com outros tantos municípios do Brasil e do mundo.

Esse padrão de abordagem histórica mais amplo acaba inibindo ou impedindo que os professores e as escolas desenvolvam formas de ensino ligadas à cultura e à vivência local, a exemplo da Indonésia, que como país diverso culturalmente teve ao longo do tempo, e ainda tem, dificuldade de apresentar um currículo com uma história regional mais específica: “as escolas tornaram-se instrumentos eficazes para comunicar uma ideologia nacional uniforme, visões históricas e valores à juventude”³. Iniciativas de preservação existem, mas, são incipientes.

A longo da pesquisa sobre Arapuá, deparamo-nos com os desafios impostos à preservação da memória, os perigos do esquecimento das tradições, as tensões entre as expressões culturais populares e os embates entre a história vivida pelas pessoas e a história oficial, que se constitui pelas vozes de determinados sujeitos e grupos sociais hegemônicos, frequentemente tomada como a versão predominante e legítima dos fatos.

Alguns bons trabalhos historiográficos foram realizados sobre o município, entretanto, eles se encontram arquivados por suas instituições e deslembados por sua população. No âmbito privado, diferentes instituições, de forma isolada, preservam — ou não — suas próprias memórias históricas. Em geral, essas instituições mantêm narrativas restritas à sua trajetória específica, fornecendo recortes parciais da história da cidade com seus arquivos guardados nos escritórios e gavetas empoeiradas, mas de acesso restrito, desconhecido das pessoas da cidade que viviam o presente inconsciente da riqueza dos registros de seu passado.

O Ensino da história local trata-se de uma situação complexa, pois não depende apenas da vontade do professor ou das diretrizes da direção da escola, mas também de fatores externos e decisões políticas mais amplas. Selva Guimarães Fonseca destaca também que a formação dos professores, diante das dificuldades de fontes, materiais e currículos também se torna um desafio para a abordagem da história local:

² Cf. FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125–141, 2012.

³ Cf. SARI, Novi Rusita; YANTI, Serly Fatma. Sejarah Lokal dan Desentralisasi Pendidikan di Indonesia. **Tarikhuna: Journal of History and History Education**, v. 4, n. 2, p. 115.

"Enquanto, nos cursos superiores, os temas eram objetos de várias leituras e interpretações e predominava uma diversificação de abordagens, problemas e fontes, nas escolas de ensino fundamental e médio, de uma maneira geral, as práticas conduziam à transmissão de apenas uma história, uma versão que se impunha como a verdade."⁴

Conforme analisado por Circe Bittencourt, os currículos de História no Brasil vêm, nas últimas décadas, seguindo uma tendência cada vez mais marcada por uma abordagem tecnicista e padronizada, priorizando conteúdos generalizados em detrimento das especificidades regionais, das experiências culturais diversas e da construção crítica do conhecimento histórico: "O domínio da produção historiográfica e do processo de reelaboração e apropriação desse conhecimento em uma situação escolar que, invariavelmente, tem de estar relacionada aos objetivos pedagógicos"⁵

"Pianovski (2015) argumenta que a educação deve envolver os estudantes na análise de fontes históricas, transformando a escola em um espaço de renovação e de consciência sobre a história no cotidiano e sobre sua capacidade de transformar a realidade. No entanto, Garrido (2005) critica o fato de que os sistemas educativos formais têm ignorado essa experiência, impedindo que a escola funcione como um espaço para a subjetivação e socialização dos estudantes"⁶

A atual política educacional do governo⁷, que busca padronizar os currículos escolares em todo o território brasileiro, adota uma ordem cronológica fixa e uma abordagem rígida no ensino da História. No entanto, considerando a grande extensão do Brasil e a diversidade cultural e regional existente, essa uniformização não leva em conta as especificidades locais. Dessa forma, as necessidades e os interesses reais dos estudantes de diferentes regiões acabam não sendo considerados para orientar o processo de aprendizagem:

"um aspecto negativo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, na política educacional atual, a unificação dos currículos de ensino em âmbito nacional e a manutenção cronológica do ensino da História, por não atender as expectativas e necessidades demandadas pela diversidade e complexidade da educação brasileira, pois a reforma não respeitando as singularidades, acaba cerceando, por exemplo, a possibilidade de se realizar o ensino através da identificação de características e problemáticas específicas, para que os anseios e prioridades de cada região sejam os motivadores do processo de ensino-aprendizagem"⁸

⁴ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. São Paulo – SP: Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 60.

⁵ BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Perdizes - SP: Cortez Editora, 2005. p. 138.

⁶ ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico, **LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades**, Asunción, Paraguay. ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5171.

⁷ Especificamente do Estado de Minas Gerais, forjada nos retrocessos desde o golpe de 2016. MACHADO, Cristiane. JACOMELI, Mara Regina Martins. O golpe e a gestão democrática das escolas. In: **O Golpe de 2016 e a Educação no Brasil**. Uberlândia, 2018. p 141 - 152.

⁸ BARROS, Márcio Rogério. **Dinâmicas Teatrais no Ensino de História**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT, 2022. p.20-21.

“Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação da educação.”⁹ O modelo tradicional de ensino, no qual a realidade é apresentada de forma engessada, o que é ensinado e a realidade vivida pelos estudantes está descompassado, e a tentativa da construção crítica do saber ignora experiências cotidianas, suas dores, esperanças e contextos sociais, principalmente o contexto histórico através do currículo escolar padronizado distante da educação dialógica, problematizadora e ativa. Como prosseguir num âmbito educacional que excluem as experiências históricas de seu próprio município?

Todas as dificuldades para manter vivo, através da educação, a reflexão sobre os acontecimentos sociais e históricos da cidade contribuíam para o apagamento gradual de sua identidade, o que é uma perda expressiva principalmente para as novas gerações que já convivem com as consequências da falta de salvaguardas dos registros históricos. Considerando essa realidade, me perguntei qual seria o objetivo deste esforço: preservar a história local? Examinar de forma crítica as fontes que contribuíram para as construções identitárias? Questionar a memória oficial? Todos esses elementos são relevantes e foi a partir destes questionamentos que meus esforços começaram a delinear. De forma geral, a pesquisa e o projeto de extensão que dela surgiu, teve como propósito primordial provocar uma reflexão que visa relembrar às pessoas, em especial aos alunos e à comunidade escolar, da importância de tomar consciência de sua história, (re)conhecendo a e (res)significando os vestígios do passado rico e significativo, repleto de diversos relatos inexplorados, incentivando-os a questionar, a buscar seus desdobramentos e a compreender os processos que moldaram a sua realidade.

Ao trabalhar para reunir fontes e narrativas dispersas que possibilitariam avançar no projeto e produzir uma narrativa, esperançosamente coesa, ainda que formada por vozes diversas, sobre a história do município, percebi que um bom ponto de partida para tecer esta trama, de forma participativa, democrática, rica em perspectivas; seria atuar no ambiente escolar da cidade. Para tanto, além da pesquisa documental, foi criada, organizada e realizada uma peça teatral colaborativamente com estudantes do 1º Ano do Ensino Médio de Arapuá-MG, da Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura¹⁰. Sob o título “Entre a Serra e a Saudade – Uma história sobre Arapuá”, a proposta foi registrada como projeto de extensão da

⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 32.

¹⁰ A E. E. Manoel Gonçalves Boaventura, é uma instituição de ensino pública, no âmbito estadual, destinada ao Ensino Fundamental e Anos Finais e ao Ensino Médio, está localizada na R. Miguel Veloso nº 180 Bairro: Centro em Arapuá – Minas Gerais, promove ações culturais, como a "Semana da Família"

Universidade Federal de Uberlândia, organizada entre os meses de agosto e novembro e apresentada no dia 26 de novembro de 2024.

A experiência buscava incentivar o conhecimento histórico de maneira mais acessível e envolvente fazendo com que os alunos se aprofundassem na história da cidade. Suas contribuições foram fundamentais para ressignificar as fontes e mobilizar aqueles vestígios dispersos partindo das escolhas dos desdobramentos da narrativa e da construção e de toda ambientação da peça, e com a comunidade que se envolveu ativamente, não apenas como espectadores, mas também como sujeitos, participando do processo de construção e valorização de sua própria história. Ao incentivar a (re)construção e valorização das narrativas histórias locais, esta ação pedagógica envolveu a comunidade nas reelaborações críticas da memória social em consonância com as ações de preservação e valorização das histórias locais.

Para a apresentação dos resultados obtidos neste projeto de pesquisa, ensino e extensão, fruto de um processo de formação acadêmica no âmbito da Licenciatura, a presente monografia foi estruturada em seis sessões que, em referência aos termos do texto teatral, nomeamos de Atos¹¹, nas quais de forma sistemática são delineadas as etapas desse evento. Na primeira seção (Primeiro Ato), exponho o processo investigativo que serviu de alicerce para a concepção e execução da Peça Teatral, detalhando as fontes consultadas, o árduo processo de localizá-las, transcrevê-las e refiná-las, até que se tornassem apropriadas para uma análise crítica em sala de aula.

Na segunda seção (Segundo Ato), abordo as oficinas realizadas em sala de aula no dia 20 de setembro, de 2024 com as turmas do 1º Ano A e 1º Ano B da E. E. Manoel Gonçalves Boaventura, momento crucial para o início do projeto pedagógico proposto. Na primeira aula analisamos as fontes primárias já encontradas e relatamos as percepções e opiniões dos alunos acerca da história do município, evidenciando seu primeiro contato com a História Municipal no contexto da sala de aula, um encontro significativo que despertou tanto curiosidade quanto questionamentos. Nesta seção, ainda apresento o processo de produção do roteiro da peça teatral, que envolveu a seleção dos personagens e dos eventos históricos que poderiam ser trazidos à cena, considerando não apenas sua relevância histórica, mas também o modo como seriam representados de forma intrigante e envolvente. Além disso, exploro as dinâmicas do

¹¹ “ATO: Divisão externa da peça teatral. Subdivisão de uma peça. Da mesma maneira que um livro pode ser dividido em capítulos, uma peça pode ser dividida em atos. Trata-se de uma convenção cuja principal característica é a interrupção do espetáculo.”. ATO. **Dicionário de Termos Técnicos e Gírias de Teatro**. p. 02. Disponível em; <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/195063/%5Beditar%5D%20Dicionario%20de%20termos%20tecnicos%20e%20gurias%20de%20teatro.pdf?sequence=1&isAllowed>. Acesso em. 04 ago. 2025.

trabalho em grupo, as discussões que permearam o processo criativo e as estratégias adotadas para garantir que os alunos se tornassem agentes ativos na construção do conhecimento, compreendendo a História de sua cidade de uma forma dinâmica e próxima de sua realidade.

Na terceira seção (Terceiro Ato), dedico-me a descrever as figuras históricas que, em sua maioria, foram selecionadas pelos alunos para, transformadas em personagens, compor o enredo da peça, analisando o critério subjacente a essas escolhas e as implicações de cada uma delas para a construção da narrativa. Examino também as fontes históricas utilizadas para embasar a elaboração de cada cena, destacando a diversidade de materiais consultados, que incluem desde documentos oficiais, poemas, até cartas e literatura as quais forneceram a base para a construção de um retrato que ambicionava estar fundamentada historicamente, e nesse sentido, fiel aos acontecimentos e aos registros históricos, mas como toda personalidade/personagem reconstituídas em sua multiplicidade do passado. Além disso, a Seção aprofunda a reflexão sobre como a contextualização e a análise crítica de cada fonte contribuíram para a composição de uma narrativa que não apenas relata, mas também questiona, reinterpreta e sobretudo “põe em cena” os eventos que moldaram a história do município.

Na quarta seção (Quarto Ato), analiso a execução do projeto de extensão avaliando a capacidade da peça de engajar os estudantes envolvidos. Através desse processo, discuto como o projeto se expandiu, abrangendo não apenas a atuação direta dos estudantes na criação e encenação, mas também sua participação ativa na definição de aspectos fundamentais, como a delimitação dos personagens secundários, a concepção dos cenários e a escolha dos figurinos, elementos que, juntos, contribuíram para a materialização de uma representação histórica imersiva através do teatro histórico.

Na quinta seção (Quinto Ato), abordam-se as particularidades que integraram o projeto e que, ao longo de sua execução, revelaram aspectos singulares da história local que não apenas enriqueceram a pesquisa, mas também trouxeram à tona uma dimensão profundamente humana, expressando um sentimento de orgulho e saudade que constitui a memória dos habitantes de Arapuá. Por meio de relatos, gestos simbólicos e manifestações afetivas, observados a partir de um olhar situado no presente, a Seção busca destacar como essas expressões pessoais e coletivas se entrelaçam com a narrativa histórica, revelando o vínculo emocional que a comunidade nutre com seu passado. Nesse sentido, as memórias evocadas não apenas ressoam do passado, mas são também disparadas por afetos e demandas atuais, evidenciando que o ato de lembrar é sempre um gesto ancorado no presente. Tais manifestações revelam, ainda, uma conexão afetiva e identitária com o espaço vivido feito região e território, que transcende os fatos históricos abordados e se transforma em um legado cultural, imbuído de memórias vivas que

atravessam o tempo. Tentar uma reflexão crítica sobre a relação entre passado e presente no ato de lembrar é um esforço complexo em sua natureza, entender de onde partem as manifestações de memória se o passado “ressoa” no presente (como algo que retorna por si)? Ou o presente “evoca” o passado (a partir de uma demanda, de um afeto, de um olhar de agora)? Em uma concepção disruptiva da história linear entendemos que o presente tem o poder de “tensionar” o passado, fazendo-o emergir sob outra luz: "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo"¹²Na sexta seção (**EPÍLOGO**), em caráter de conclusão, realizamos uma análise dos resultados dessa ação pedagógica, avaliando seu impacto e potencial para o ensino e a aprendizagem da história, será que a dramatização e a reinterpretação da história de Arapuá, posta em cena, possibilitou não apenas a transmissão de conhecimentos históricos, mas também o desenvolvimento de habilidades analíticas, interpretativas e criativas entre os alunos? O que efetivamente foi aprendido e ensinado sobre a história do município? Considerando as diversas camadas de significados que surgiram a partir da encenação, refletimos sobre o papel do teatro e das metodologias ativas no processo educativo, destacando como a experiência de por em cena a história de seu espaço de vivência contribui para a formação de um aprendizado mais profundo, significativo e transformador, tanto para os alunos quanto para a comunidade escolar.

¹² BENJAMIN. Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 223.

2. PRIMEIRO ATO: ONDE ESTÁVAMOS ESSE TEMPO TODO?

Ao passar pelo BR 354, sentido Belo Horizonte, altura do KM 294, entrando à esquerda, após andar 10 km, encontra-se entre vales e montes, uma pequena e acolhedora cidade chamada Arapuá, nome que se originou numa moradia de abelhas.¹³

Tu nasceste na entranha da serra
Onde a lua e o sol faz clarão
Tão fecunda é toda a sua terra
Que fartura do mel e do pão!
Nosso sol tão bonito a brilhar
Onde o azul lá do céu toca o chão
Pelas ruas crianças a brincar
Conservando a imortal tradição
[...]

Nossos campos tão lindos em flor
Tanto verde emociona a nós
Lavrador tão queimado do sol
Amparado de sonhos e amor
Todos nós num caminho a seguir
Persistimos lutar com fervor
Nossos sonhos tentar conseguir
Dando prova da fé e do amor

[...] ¹⁴

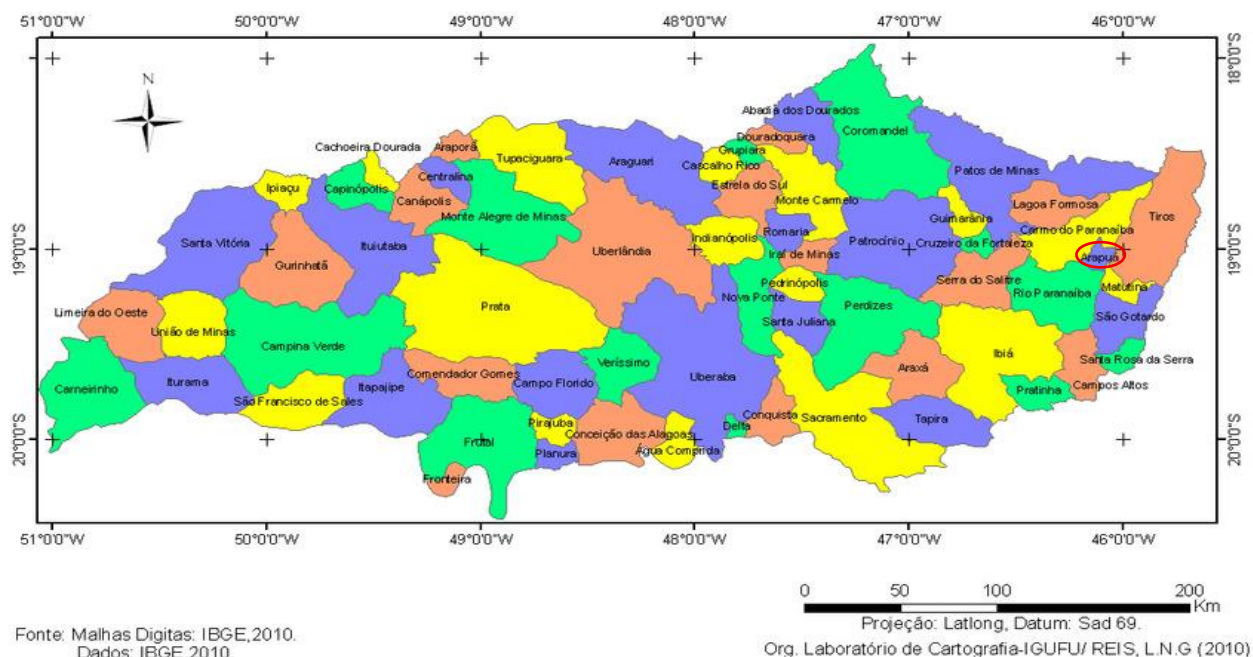
Arapuá é um Município da Região do Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais. Possui 62 anos de emancipação política, que ocorreu em 3 de março de 1963¹⁵, anteriormente a esta data, a localidade era identificada como um Distrito da cidade de Rio Paranaíba criado em 1923 sob o nome de São João Batista de Arapuá. De acordo com o último censo do IBGE, em 2022, conta com uma população de 2.631 habitantes e uma área territorial de 173,894 km², estando na posição 676 dos 815 municípios de Minas Gerais. No mapa a seguir, utilizado para fins de geolocalização, observa-se o município de Arapuá situado no extremo oeste da Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, fazendo fronteira com os municípios de Tiros, Carmo do Paranaíba, Rio Paranaíba e Matutina:

¹³ OLIVEIRA, Maria Bárbara. Assembléia de Deus de Arapuá. **Revista em Comemoração ao Jubileu de Diamante 1944 - 2004**, Arapuá - MG, Vol. Único. p. 07.

¹⁴ DOMINGUES, Ivan. **Hino de Arapuá - MG**. 1998.

¹⁵ BRASIL. Lei nº 2.762, de 30 de dezembro de 1962. Para a modificação de limites intermunicipais decorrentes de acordo entre municípios interessados. **Ata e Termo de Instalação da Cidade de Arapuá**. Arapuá, 01 de março de 1963.

Figura 1 - Mapa da Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba



16

Os primeiros esforços de pesquisa foram direcionados ao site do Arquivo Público Mineiro, iniciando-se com a busca pelas palavras-chave *São João Batista de Arapuçá*, nome antigo que o arraial de Arapuçá recebeu. No entanto, essa pesquisa não gerou resultados significativos, uma vez que nenhum documento correspondente foi encontrado. Como alternativa, a pesquisa foi ampliada para o nome ancestral do município do qual Arapuçá já foi distrito; Rio Paranaíba, cuja nomenclatura anterior era: *São Francisco das Chagas do Campo Grande*, com o intuito de localizar informações relacionadas ao distrito de Arapuçá. Felizmente, essa abordagem resultou na identificação de uma série de registros de terras datadas de 1855, as quais continham informações relevantes sobre os habitantes da região na época, no fundo espacial de repartição de terras Públicas¹⁷ e que contém: Registros das terras da província de Minas Gerais efetuados pelos vigários das paróquias, descrevendo a localização, limites, data e os proprietários de terras. Neste caso a documentação lista os senhores possuidores de terras da região conhecida como Mata da Corda, região que atualmente faz parte do Alto Paranaíba, datando de 1855 - 1858.

Na série de registros de terras de 1855, foram analisados um total de 316 parágrafos, nos quais as informações seguiam um padrão recorrente, contudo, nenhum dos registros

¹⁶ REIS, Laís Naiara Gonçalves dos Reis. Mapeamento das Áreas de Conversão do Uso da Terra para Cana de Açúcar na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG. **Caminhos de Geografia** - revista online, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 178. 2012.

¹⁷ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, **Série Registro de Terras**. Notação: TP-1-201 (anterior: RP-201). Registro efetuado por vigários, contendo descrição de localização, limites, datas e proprietários. Nota: Rio Paranaíba (MG).

mencionava explicitamente o nome Arapuá, São João Batista ou qualquer variação próxima ao nome atual do município. Por meio de referências cruzadas, foi possível identificar um ponto de conexão significativo, ao associar o nome de um córrego atualmente chamado de Ribeirão Bebedouro que atravessa a área geográfica que atualmente corresponde ao município de Arapuá com o nome de uma fazenda mencionada mais de uma vez nos documentos, também denominada Bebedouro. É plausível supor que essas fazendas, ou talvez apenas uma extensa fazenda com vários moradores, possam ter estado situadas no território que, posteriormente, viria a formar a cidade.

Embora não haja menção direta ao nome atual do município nessa documentação, essa associação sugere uma possível relação, o que nos dá a entender que neste período (antes de 1855) não núcleo urbano na área da atual cidade e Arapuá era muito provavelmente, apenas conjuntos de fazendas com diferentes proprietários:

Eu abaixo assignado sou senhor proprietario de uma parte de terras de culturas e campos na fazenda do Bebedor na mata da corda que haver por compra em comum com mays herdeiros. Na mesma forma possuo huma parte de terras de cultura e campos na Sesmaria denominada Maria, que [...] que toda [...] de secenta e nove mil e quinhentos reys. Por ser então em commum com os demaiz e todaz estão pagas a [...] assigno a rogo de Joaquim Marquez Palmeira e Antonio Joaquim de Mendonça lançado por mim as 3 de fevereiro de 1856.¹⁸

Os próximos registros encontrados para dar continuidade à pesquisa foram obras de memorialistas, as quais não abordavam diretamente o município de Arapuá, mas o de Rio Paranaíba. A obra do memorialista José Resende Vargas¹⁹ representou um ponto inicial fundamental para o aprofundamento do conhecimento histórico sobre a região, ele apresenta hipóteses que a habitação da localidade seja consideravelmente antiga. O livro analisado: *Rio Paranaíba: História e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande* (1995), foi uma das principais fontes consultadas, admitindo a vinda de migrantes para a Mata da Corda já em 1765 com o surgimento do arraial de Pouso Alegre (Atualmente Abaeté dos Mendes) e até defendendo existir no local habitações ainda mais antigas como dos povos indígenas Kayapós e povos Quilombolas refugiados de Ambrósio.

Sobre os primeiros, encontramos diversas fontes e referências, sendo principalmente creditados por sua ocupação ocorrida na região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, tornando plausível a teoria citada por Vargas. Há ampla documentação que sustenta a ocupação

¹⁸ **ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO**, 2025 (Série Registro de Terras São Francisco das Chagas do Campo Grande 1855 - 1858 RIO PARANAÍBA (MG). REGISTRO PAROQUIAL).. Sistema Integrado de acesso do APM. Minas Gerais: Arquivo Público Mineiro, p. 854.

¹⁹ VARGAS, José R. **RIO PARANAÍBA - Histórias e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande**. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995. P. 01-347.

dos Kayapó nessas regiões, incluindo relatos de cronistas, registros militares, cartografia colonial, correspondências administrativas e estudos arqueológicos e etno-históricos recentes, entretanto a maioria concorda que esse povo ocuparia essas regiões de maneira migratória, por razões políticas de resistência contra a ocupação portuguesa. Os povos Kayapós “foram o paradigma anunciado da barbárie e forneceram as ferramentas para a construção daquela “alegoria da colonização”.²⁰ Tratados como incivilizados e violentos, suas tradições foram relegadas lentamente ao esquecimento, sua presença tratada como empecilho do progresso.

“o fato dos Kayapó agirem com extrema violência contra as bandeiras que abriam caminho pela região serviu de pretexto para os ataques contra esta nação indígena e, importante frisar, que os agentes do poder colonial agiam com extrema crueldade, não deixando nenhum destes índios sobreviverem quando elaboravam seus ataques”²¹

Essa visão serviu de justificativa, no século XVIII, para as guerras de extermínio travadas contra esses povos indígenas. Segundo Marcel Mano (2010), quando não eram alvo direto das ações militares e das guerras de extermínio, os povos indígenas da região eram submetidos a processos de apagamento cultural e territorial, sendo gradativamente levados à extinção física ou assimilados pelas políticas indigenistas do período, que visavam sua integração forçada à sociedade colonial por meio da catequese, da escravização ou da tutela estatal.

“A abrupta redução populacional, a inevitável fuga e abandono de suas aldeias e a repentina desarticulação sociopolítica e econômica tiveram obviamente consequências avassaladoras para o regime de produção e de reprodução social desses grupos indígenas.”²²

Não é correto dizer que essa cultura desapareceu do Alto Paranaíba e do Triângulo Mineiro, pois, apesar dos percalços e dos Cayapós meridionais terem desaparecido como grupo, as pesquisas sugerem que “é bem provável que parte desses Kayapó tenha aprendido a conviver com a população regional”²³. Nas fontes referentes a Rio Paranaíba, os Cayapós são frequentemente citados como antigos habitantes da região. No entanto, essa localidade específica ainda carece de um estudo histórico mais aprofundado, sendo necessário recorrer a pesquisas mais amplas para localizar indícios e informações que ajudem a reconstruir sua presença no território.

Os mapas do Cartógrafo e militar português José Joaquim da Rocha demonstram potencial para reconstruir partes de sua trajetória:

²⁰ MANO, Marcel. Metáforas históricas e realidades etnográficas: a construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 06.

²¹ MANO, Marcel. Metáforas históricas e realidades etnográficas: a construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 2, 2010. p. 06.

²² MANO, Marcel. O impossível plausível: transformações e história dos contatos de grupos Jê – Cayapó. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2024 p. 185.

²³ MANO, Marcel. Metáforas históricas e realidades etnográficas: a construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 2, 2010. p. 15.

“José Joaquim da Rocha, filho do capitão Luís da Rocha e de dona Maria do Planto, nasceu por volta de 1740, em São Miguel da Vila de Souza, ao sul de Aveiro, no Bispado da Extremadura. Sobre sua vida enquanto esteve em Portugal, pouco se sabe. Chegou às Minas Gerais quando Luís Diogo Lobo da Silva era governador (1763-1768), e aí ficou até morrer (1804), tendo permanecido solteiro”²⁴

O trabalho cartográfico que desenvolveu foi essencial no contexto político de seu tempo, uma vez que o esforço em mapear e descrever as regiões ricas em jazidas minerais exploradas pela Coroa, no território que hoje corresponde ao estado de Minas Gerais, era estratégico para o controle fiscal e a administração econômica da Capitania. Suas obras, que combinavam descrições geográficas, topográficas, históricas e políticas, bem como os mapas detalhados que produziu, desempenharam papel central no planejamento do governo colonial. Seu talento e conhecimento técnico foram reconhecidos inclusive pelos inconfidentes mineiros, sendo que o próprio Rocha esteve envolvido com o movimento, o que evidencia o alcance político de sua atuação como cartógrafo, neste estudo dois mapas são de fundamental importância, o primeiro demonstra a capitania de Minas Gerais com as divisões de suas comarcas:

Figura 2 - Mapa da Capitania de Minas Gerais com Suas Comarcas.



Fonte: Rocha (1778), Fundo Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro.

No mapa, observa-se a indicação de diversas 'Aldeas de Gentios' localizadas às margens do rio Abaeté, o que revela de forma explícita a presença de povos indígenas habitando a região no século XVIII. Embora não seja possível afirmar com certeza se esses assentamentos correspondiam especificamente aos Cayapós mencionados por Vargas, ou outros povos como os Arachás, o registro cartográfico só serve como evidência concreta da ocupação indígena no território. Esse tipo de marcação, comum em documentos coloniais, reflete tanto o olhar do

²⁴ FURTADO, Júnia Ferreira. **Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 155-187. jul.- dez. 2009 p. 161.

ele foi representado ali como um vazio, localidade onde na época haveria “só mato”, apesar da dificuldade de abordagem, é possível tratar os movimentos de ocupação do território pelos mapas disponíveis, em 1778: não havia marcas de fazendas, vilas ou paróquias. Já cerca de meio século depois, registros do arquivo público mineiro são capazes de fornecer um levante populacional considerável na região:

Figura 5: Relação dos habitantes do distrito de São Francisco das Chagas do Campo Grande (1839)

C-07
1839 ⑥

+

Município de <i>Chacara</i>				CENSO DA PROVINCIA DE MINAS GERAES.												Districto de <i>San Francisco de Chapada</i>							
BRANCOS				PARDOS								PRETOS											
LIVRES				LIVRES								LIVRES											
CASADOS				SOLTEIROS				CASADOS				SOLTEIROS				CASADOS				SOLTEIROS			
Machos				Fêmeas				Machos				Fêmeas				Machos				Fêmeas			
Idade	Até 15 annos		6	283	246		2	164	143			18	23			6	2			27	74		
	De 16 até 20	53	81	81	44	47	66	54	33		1	12	3	1	2			11	21	135	57		
	De 20 até 30	83	61	11	30	53	44	7	12	3	1	1	4	4	2		3	25	40	56	34		
	De 30 até 60																						
	De 60 para diante	8	2	2	4	11	2		1	1								2	1	3	2		
Totais		154	150	359	324	114	114	225	189	4	2	31	30	6	4	6	5	58	62	271	166		

Assinatura do Juiz de Paz *José Lourenço de Almeida*

N. B. A Camara Municipal que os presentes mapas receber os distribuirá immediatamente pelos Juizes de Paz do Termo estando dois exemplares a cada hum, e inscrevendo nelles o nome do Districto a que são enviados. Os Juizes de Paz começarão logo que os receberem a enumerar todos os habitantes do seu Districto, notando em papel separado o seu numero classificado pela maneira supra, e concluida a enumeração a lançarão nos presentes Mapas, que depois de cheios serão remetidos hum a Camara respectiva, e outro directamente ao Governo da Provincia dentro de 30 dias contados do dia em que os houverem recebido das Camaras.

O. P. Typo de Silva 1839.

2,249

Fonte: Arquivo Público Mineiro – Mapas de População (1839).

O documento analisado apresenta uma atualmente município de Rio Paranaíba²⁵ no ano de 1839, contendo informações como o número de fogos, a classificação por cor da pele, a condição jurídica (livre ou escravizada), idade, estado civil e ocupação dos moradores. A partir desses dados, compreende-se, de forma simplificada, que a população total era composta por 2.249 pessoas, distribuídas da seguinte maneira: 985 pessoas brancas, 639 pardas livres, 67 pardas escravizadas, 21 pretas livres e 537 pretas escravizadas. Esses números evidenciam a

²⁵ Município do Estado de Minas Gerais, topomínia anterior: São Francisco das Chagas do Campo Grande, emancipação: 1848-1850; [...] 1923. **Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes**, 1927, Fundamar, Belo Horizonte, mai 2012. Disponível em: <https://albumchorographico1927.com.br/indice-2012/rio-paranaiba>. Acesso em: 6 ago 2025.

forte presença da escravidão na estrutura social local, bem como a diversidade de status e cor entre os habitantes livres. Cabe destacar que, nesse período, ainda não havia qualquer menção formal ao atual município de Arapuá, o que reforça a importância de compreender a configuração territorial da época dentro dos limites administrativos da antiga freguesia, o território de Arapuá era na época um conjunto de fazendas, pertencentes ao distrito de São Francisco das Chagas do Campo grande.

Na formação desse núcleo habitacional, é mencionada também a possível presença de remanescentes quilombolas refugiados do Quilombo do Ambrósio, o que poderia indicar a complexidade social e étnica da ocupação inicial da região. A colonização luso-americana, marcada inicialmente por uma forte concentração litorânea, passou a se interiorizar com maior intensidade a partir da descoberta de jazidas minerais e minas de ouro (FREIRE. 2021). A vontade de explorar essas riquezas impulsionou o avanço para o interior do território, o que passou a representar um interesse econômico, recebendo, assim, investimentos tanto da Coroa portuguesa quanto de capitais privados. Contudo, é importante destacar que essa região não era um espaço vazio:

“O termo “Quilombo” era usado nos documentos públicos da administração portuguesa na região das minas auríferas setecentistas para se referir aos ajuntamentos de fugitivos. Desde a década de 1740, os ajuntamentos que não estivessem subordinados ao Estado português poderiam ser considerados quilombos, quer fossem constituídos por um pequeno grupo de fugitivos sem “roças” e “pilões”, quer fossem povoados com centenas de pessoas e dotados de organizações sociopolíticas e econômicas próprias.”²⁶

“Com a decadência das minas auríferas em meados do século XVIII, cresceu o interesse luso-americano por terras cujos relevos e solos fossem apropriados à agricultura e à criação de gado”²⁷ A ocupação militarizada avançou progressivamente pelo interior do território colonial. Nesse processo, os quilombos passaram a ser alvo constante de expedições armadas organizadas por autoridades e forças oficiais, resultando em verdadeiras guerras de extermínio e captura. Essas comunidades, embora muitas vezes formadas por grupos fugidos e vulneráveis, contavam com estruturas defensivas rudimentares, organização interna e conhecimento geográfico do território: “esses quilombos estavam implantados nos arredores dos morros, que eram usados para avistar os inimigos ao longe”²⁸. A repressão violenta a esses núcleos fez com

²⁶ FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p. 5.

²⁷ FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p. 6.

²⁸ FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p.

que os habitantes destes, se espalhavam para o interior em busca de segurança, nos relatos dessas incursões de exploração foram encontrados vestígios de possíveis Quilombos no território onde hoje consiste o município de Rio Paranaíba, digno desse nome por abrigar em seu território a nascente do Rio Paranaíba;

“Os quilombos do Ambrozio, Sambabaça e Catigal estavam implantados na cadeia de serras entre os rios Quebra-Anzol, Paranaíba e São Francisco (nomes atuais). O Sam Gonçalo e o Santos Fortes estavam no vale do rio Quebra-Anzol. Esses cinco povoados ficavam junto a cursos d’água que integram a bacia do Paranaíba. Os locais onde foram avistadas fumaças, sem que a expedição tenha encontrado as habitações, ficavam junto à região de nascentes do rio Paranaíba”²⁹

Segundo o relato, os bandeirantes que participaram daquela incursão não localizaram os autores dos sinais de fumaça avistados na região, que poderiam indicar a presença de indígenas ou de grupos como quilombolas. Diante da ausência de contato direto, decidiram retornar pelo mesmo trajeto percorrido, a jornada resultou na abertura de uma picada, um caminho rudimentar traçado em meio à vegetação, que se revelou estratégico e facilitou o deslocamento de futuras expedições e colonos, funcionando como via de penetração e consolidando uma rota de acesso ao interior, Vargas defende: “Foi essa “picada” (A “picada do Campo Grande”), que originou a povoação de São Francisco das Chagas.”³⁰

É importante destacar que os grupos descritos como primeiros habitantes não desapareceram, sendo mais provável que tenham sido incorporados aos novos núcleos populacionais católicos fundados pelos bandeirantes, ou migrado para outras regiões e localidades.

As próximas fontes exploradas foram aquelas de instituições que pudessem dispor de registros ou documentos históricos relevantes. A primeira instituição contatada foi a Prefeitura Municipal de Arapuá, que se esperava poderia possuir documentação a partir de 1963 quando sua administração se tornou autônoma. Entretanto, recebemos a informação que as administrações anteriores não haviam se empenhado na preservação de qualquer documentação histórica. A explicação dada foi uma prática anteriormente observada de destruição de documentos à medida que uma nova administração assumia o cargo, o que resultou na perda de registros que poderiam ser valiosos como fontes históricas do município.

Em sequência, direcionei a pesquisa para instituições de caráter religioso: consultei de

30

²⁹ FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, vol. 29, 2021, p. 33-34.

³⁰ VARGAS, José R. **RIO PARANAÍBA - Histórias e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande**. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995. p.20.

início a Paróquia de São João Batista, que mantém registros em seu livro de tombo desde sua fundação, em 1927, quando fazia parte da Diocese de Luz. Tal livro, que tem entre suas funções o registro histórico da paróquia, consiste no registro mais antigo conhecido, o qual atesta que o núcleo urbano teve seu início formal em 1891, com a doação de terras para a construção de uma ermidezinha em homenagem a São João Batista, em volta da qual, posteriormente originou-se a habitação do pequeno povoado. O livro de tombo, além de ser um importante documento histórico, se configurou como uma verdadeira fonte de testemunhos sobre a vivência das pessoas católicas da localidade. Ele contém relatos que não apenas ajudam a construir a história do município, mas também forneceram inspiração para algumas das cenas mais significativas da peça teatral em que se busca retratar a trajetória da cidade, não apenas como evidência histórica, mas também como um elo entre a religião oficial mais antiga na cidade e a cultura local.

Segundo a narrativa do Padre Pelegrino Guarino na página 04 do livro de Tombo da Paroquia São João Batista, sobre a origem da Paróquia e do povoado de Arapuá:

Como revelasse do livro de tombo da Paroquia de São Francisco das Chagas do Campo Grande e notícias apanhadas de pessoas antigas merecedoras de fé e respeito, o districto de São João Batista de Arapuá teve a seguinte origem: No ano de 1891 o Senhor Luiz Cassiano da Silva fez doação de meia quarta de terra a São João e o Senhor Francisco Barbosa dois pratos de terra ao mesmo santo, doação feita a palavras sem passar documento algum, neste terreno construiu-se a uma ermidezinha em honra de São João Batista³¹

Dando continuidade à pesquisa a partir dos registros das igrejas, a instituição seguinte investigada foi a Igreja Presbiteriana de Arapuá, que proporcionou a ampliação da visão sobre a vivência no âmbito religioso das pessoas da época. A pesquisa revelou que a origem da Igreja Presbiteriana no município remonta ao ano de 1904, quando o primeiro fiel, o senhor Elias José dos Santos, foi batizado na fé presbiteriana pelo Reverendo Roberto See, oriundo de Araguari, em direção ao Alto Paranaíba na intenção de evangelizar novos fiéis.

O evangelho entrou em Arapuá ouvido pela casa do senhor Elias José dos Santos, onde foi primeiro pregado. O reverendo Roberto See foi o primeiro pregador a vir visitar a região, trazido pelo senhor Francisco [...] do Santos até a casa do senhor Elias José dos Santos em 1904, quando recebeu este em profissão de fé e batismo, juntamente com o seu filho Elias Antônio dos Santos e a mulher deste, Laura dos Santos, batizou os menores Ludovis, Antônio e [...].³²

Esse dado permite estabelecer uma relação temporal interessante: enquanto a fé católica

³¹ LIVRO DE TOMBO – Paroquia São João Batista, 1937 – 1994. p. 04.

³² LIVRO DE ATAS - Congregação Evangélica Presbiteriana de Arapuá, 1936 -1937. p. 02.

se estabeleceu na região em 1891 segundo registros oficiais da igreja Presbiteriana, treze anos depois, em 1904, já haviam habitantes dispostos a se converter a outra tradição religiosa. Diferentes Reverendos visitaram a localidade na intenção de torna-la parte de seu campo, suas preces e cultos eram feitos dentro das casas dos fiéis já que seu templo só foi erguido em 1951, segundo a datação na porta da igreja. É razoável supor que nestes anos iniciais seu número foi se tornando expressivo ainda que menor em relação aos católicos, como sugere trechos do livro: *O Pastor de Luz*, que publica os registros das visitas pastorais de Dom Manoel Nunes Coelho, Bispo do Aterrado, clérigo responsável como autoridade católica máxima da região até 1955, quando a diocese de Patos de Minas foi criada. Segundo o Bispo, ao atrasar a viagem, ficou: "desde modo a Capella de Arapuá prejudicada de dous dias dos trabalhos pastoraes, a muito pezar do snr. bispo, em vista da grande necessidade que tem aquelle recanto do bispado, enfestado de protestantismo."³³

Neste livro também é possível verificar um levantamento populacional aproximado em 1924, ou seja, trinta e três anos depois do estimado surgimento do povoado (1891) e três anos antes da criação da Paroquia: "Entretanto no meio de uma população de cerca de 3 mil almas, constam-se apenas umas 50 pessoas, entre os crentes exaltados [presbiterianos, provavelmente] e as que os acompanham por conveniências, com são filhos, empregados e agregados."³⁴ A porcentagem de protestantes, embora inferior a de católicos, representava um fator de inquietação significativa, um verdadeiro incômodo social que gerava fricções contínuas. Essas tensões, alimentadas por preconceitos enraizados e pela resistência mútua, acabariam por culminar, nas décadas seguintes, em episódios de violência que evidenciariam a fragilidade da convivência religiosa e o impacto das divergências de fé na estrutura social de um lugarejo naquele tempo.

Procuramos os registros da Igreja Assembleia de Deus de Arapuá, mas o pastor responsável informou que os documentos originais sofreram danos significativos, tornando o seu acesso inviável devido à fragilidade do material. Como alternativa, foi-me apresentada uma revista publicada em 2004 escrita por uma dos fiéis da igreja, a educadora Maria Bárbara de Oliveira, filha de Francisca Maria de Jesus, uma das fundadoras do templo. Oliveira teria se baseado nos arquivos, à época, ainda preservados. A publicação comemorativa dos 60 anos da

³³ SILVA NETO, Dom Belchior Joaquim da Silva. **O Pastor de Luz**. Contagem/MG: Littera Maciel 1984. p. 183.

³⁴ SILVA NETO, Dom Belchior Joaquim da Silva. **O Pastor de Luz**. Contagem/ MG: Littera Maciel 1984. p. 184.

Igreja Assembleia de Deus (2004) fornece informações relevantes sobre a origem da fé religiosa na Assembleia de Deus, e sua perspectiva em relação aos relatos anteriormente documentados apenas pela Igreja católica. Em sua apresentação relata:

"Tudo fizemos para elaborar um relato fiel dos acontecimentos ocorridos nesses 60 anos, pois poucos foram os registros escritos encontrados, os relatos são, em sua maioria, colhidos de depoimentos orais daqueles que, embora crianças ou muito jovens, tiveram o privilégio de participar da fundação dessa amada igreja"³⁵

Os registros mencionados por ela se tratavam de Atas de reuniões, e relatos dos primeiros cultos, além dos nomes dos fiéis recém batizados, documentos estes que se encontravam em um estado de fragilidade e não foram disponibilizados para pesquisa, ainda sobre a revista existem as seguintes informações acerca da origem da igreja:

"em 1944, os irmãos Nicanor Gonçalves de Melo e Abraão Gonçalves de Melo chegaram a Arapuá vindos de Samambaia, município de Aurilândia, Goiás, enviados pelo pastor Divino Gonçalves, Nicanor, Abraão e Divino, filhos de Arapuá mudaram para Goiás e de lá aceitaram a gloriosa mensagem pentecostal. Obedecendo ao, "ide" de Jesus, Nicanor e Abraão, regressaram a sua Terra Natal anunciando a mensagem que aceitaram. A semente encontrou o solo fértil, houve muitas conversões, principalmente na zona rural" [...] As Almas continuaram aceitando a mensagem pentecostal e, no mesmo ano, 1944, foi fundada a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, sendo sua sede provisória na fazenda Ribeirão do Carmo (casa do irmão Manuel Antônio dos Santos), no município de Arapuá, conforme consta no estatuto da igreja, são seus fundadores Nicanor Gonçalves de Melo, Abraão Gonçalves de Melo, José Gonçalves de Oliveira e Maria Cândida de Jesus. José Gonçalves Borba e Geralda Cândida, Manuel Antônio dos Santos e Maria Severina de Jesus, Inocência Gonçalves de Oliveira e Maria Florcena de Jesus, Miguel Gonçalves de Oliveira e Feliciano Albina de Jesus virgula Hamilton Gonçalves de Oliveira"³⁶

Além da revista, a Igreja Assembleia de Deus também indicou uma obra literária intitulada *O Patriarca Osmar dos Santos Moura*, escrita pelo historiador Wilson Rodrigues dos Reis, graduado pelo Centro Universitário de Patos de Minas. O livro acompanha a trajetória de fé de Osmar, um homem dedicado à sua crença ao longo de toda a sua vida, e, simultaneamente, oferece uma contribuição valiosa para a compreensão histórica da vivência dos fiéis pentecostais. Em suas páginas, o autor não apenas narra os episódios de preconceito enfrentados por esses indivíduos, como também detalha a construção do novo templo, um símbolo da perseverança e união. Contudo, um dos relatos mais significativos do livro se encontra no Seção III, intitulado *A Segunda Guerra Mundial: O Protagonismo do Irmão Francisco de Paula Moura Neto*. Neste Capítulo, o autor realiza um apanhado sobre a vida de Francisco de Paula

³⁵ OLIVEIRA, Maria Bárbara. Assembléia de Deus de Arapuá. **Revista em Comemoração ao Jubileu de Diamante 1944 - 2004**, Arapuá - MG, Vol. Único. p. 7.

³⁶ OLIVEIRA, Maria Bárbara. **Assembléia de Deus de Arapuá. Revista em Comemoração ao Jubileu de Diamante 1944 - 2004**, Arapuá - MG, Vol. Único. p. 8.

Moura Neto, um filho de Arapuá que, em um gesto de bravura, se voluntariou para lutar na Segunda Guerra Mundial³⁷.

Francisco, no entanto, tragicamente perdeu sua vida na célebre Batalha de Monte Castelo, na Itália, episódio que marcou profundamente sua família e sua comunidade. O Capítulo, portanto, se torna um testemunho não apenas da trajetória pessoal de um jovem, mas também do engajamento de uma comunidade, oferecendo um olhar singular sobre as experiências dos indivíduos imersos em contextos de guerra e intolerância.

Ao aprofundar este estudo sobre Francisco, decidi investigar outros aspectos de sua trajetória pessoal e procurei contato com sua família, os objetos que lhe pertenciam e que foram entregues aos parentes após sua partida estão hoje com paradeiro desconhecido; o mesmo ocorre com cartas e fotografias. Francisco, um jovem que cresceu nas ruas de Arapuá e percorreu os campos ao redor, teve uma trajetória que vai além dos atos de guerra. Sua figura se tornou fonte de inspiração para as gerações seguintes, motivo de orgulho para o imaginário popular da comunidade, e símbolo da jornada de sua família não apenas terrena, mas também espiritual marcada pelo sacrifício, pelo luto e pelo senso de dever.

A narrativa contida no livro traz poucos detalhes específicos sobre a vida de Francisco, concentrando-se principalmente no relato biográfico feito sobre seu irmão, Osmar dos Santos Moura. Sobre Francisco em si, seus gostos, traços de personalidade e vivências, há apenas uma página dedicada, breve, mas significativa, como um vislumbre, como um monólogo cessado, cuja narrativa completa permanece nos bastidores da memória, interrompido na juventude;

“Longe da cidade grande e alhures a todas as decisões que se passava nos salões e gabinetes políticos e militares do Brasil e do mundo, a família de José Teodoro dos Santos é surpreendida ao perceber a vocação do filho mais velho, [...] em se alistar para servir ao Exército Brasileiro [...]. Respeitando o desejo do filho, mas curiosa e preocupada com o que poderia vir a fazer um soldado do Exército Brasileiro, a família acompanhou com certa apreensão a formação do jovem militar no exército.”³⁸

Francisco de Paula Moura Neto alistou-se no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, do Exército Brasileiro, sediado em São João Del Rei (MG), e infelizmente tombou em combate no dia 30 de novembro de 1944, antes do fim da guerra (REIS 2018), em Monte Castelo.

Tentar entender o que o motivou como indivíduo a se alistar é um assunto complexo, a começar pelo contexto político da época marcado pelo envolvimento crescente do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que influenciava diretamente o imaginário popular da juventude, que foi passando a enxergar o alistamento militar não apenas como dever patriótico, mas também

³⁷ REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. Rio de Janeiro. Betel, 2018. p. 39.

³⁸ REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. Rio de Janeiro. Betel, 2018. p. 36.

como oportunidade de afirmação pessoal, pertencimento e heroísmo em meio ao clima de exaltação incentivado pelo Estado Novo, “No Brasil, o recrutamento de soldados foi feito através de convocação e mobilização de voluntários.”³⁹, eram jovens sem experiência prévia, que recebiam um curto treinamento para serem mandados para uma terra distante em guerra;

“Partia-se do pressuposto de que a batalha era para os jovens uma vez que lá no campo as guarnições sofreriam as mais duras e severas condições, tais como a fome o sono, sendo que eles aguentariam melhor estas situações desconfortáveis. Além disto, antevia-se que as cargas psicológicas positivas como as perseguições, a alegria da vitória e até as decepções os deixariam “intimamente movidos”.⁴⁰

Os recrutamentos eram incentivados por diversos veículos de comunicação e campanhas oficiais, culturalmente a ideia era enxergar o esforço de guerra como um meio de ascensão social, sendo moldados por componentes ideológicos nacionalistas, como o dever para com o Brasil, a valorização da coragem e a promessa de reconhecimento público, que transformavam o campo de batalha em um espaço de afirmação individual e coletiva.

“O Brasil produzia sua propaganda de guerra. O DIP se encarregava de organizar cerimônias e concentrações populares visando a mobilização moral e material para a guerra. Toda propaganda era feita no sentido de enaltecer as Forças Armadas no Brasil, mostrando-as aptas a enfrentar um conflito de tamanhas proporções, assim como o cotidiano dos pracinhas, sua convocação e alistamento”⁴¹

O meio mais acessível de divulgação de informações seria o rádio.

“Em dimensões nacionais, o rádio, que era o principal meio de comunicação da época, tornou-se o principal veículo de difusão das propagandas do Estado Novo e dos temas trabalho e guerra. Tendo como principal público ouvinte os “trabalhadores do Brasil” [...] Apesar do conteúdo do programa constituir-se basicamente de notícias e explanações sobre a legislação social e trabalhista, eram abordados temas da conjuntura política nacional e internacional.”⁴²

Cabe aqui um questionamento importante, tais propagandas e ideais patrióticos teriam chegado a um jovem arapuense como Francisco? Considerando a localização geográfica de Arapuá, à época ainda um distrito interiorano e distante dos grandes centros urbanos, somado à escassez de recursos na comunicação, ao isolamento econômico e à limitada infraestrutura de circulação de informação, além da localidade remota na zona rural onde ele e a família viviam, é plausível supor que esses discursos tenham alcançado a juventude local de maneira fragmentada? Através de relatos orais? Folhetins impressos? Igrejas? Escolas? Rádios? Ou pela

³⁹ SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front:** A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 91.

⁴⁰CHAGAS, Honorato C. **O BRASIL EM GUERRA:** os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial (1942-1944), Trabalho de Conclusão de Curso – UFU, Uberlândia, 2015. p. 75.

⁴¹ SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front:** A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 76.

⁴²ALCÂNTRA, Patrícia C. Limites e alcances da propaganda do Estado Novo para mobilização nacional durante a Segunda Guerra Mundial, **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, 2019, p. 06.

mediação de autoridades locais? Como professores, padres ou delegados, que reinterpretavam o conteúdo oficial segundo suas próprias perspectivas? É significativo o número de pracinhas desta região oeste de Minas Gerais... Campos altos, Abaeté, Pompéu, Pitangui, ainda carecemos de pesquisas aprofundadas que poderiam explicar essa tendência regional.

“Naquele tempo o telégrafo era apenas em cidades maiores. Arapuá, pequeno distrito do interior de Minas Gerais, não dispunha desta tecnologia. Apesar de o telefone existir no Brasil desde 1877, um ano após sua invenção pelo escocês Alexandre Graham Bell, a região do Alto Paranaíba nesses idos de 1944 não possuía aparelhos para se comunicar tão facilmente. Somente as famílias ricas possuíam o rádio.”⁴³

De todo modo, foi por vontade própria que ele se alistou, o recrutamento era voluntário na maioria dos casos, e suas razões e decisões, pessoais e particulares, o levaram até a Itália. Era um jovem promissor, com boa saúde e escolaridade, pois foi aceito pelos padrões de saúde da Força Expedicionária Brasileira, e escreveu pelo menos duas cartas para sua família. Incorporou ao exército e, ao lado de outros jovens rapazes brasileiros, enfrentou inúmeras dificuldades: treinamento insuficiente e por um curto período de tempo, adaptação aos novos sistemas organizacionais das tropas aliadas, mais especificamente ao sistema americano que passou a substituir o sistema Francês, desconhecimento do armamento norte-americano o qual foi usado em batalha, dos terrenos montanhosos da Itália e até mesmo dos uniformes brasileiros, inadequados ao clima europeu.⁴⁴

Francisco faleceu em combate, “O filho herói foi cremado e suas cinzas estão no museu da segunda guerra mundial, na cidade do Rio de Janeiro – RJ.”⁴⁵ a Força Expedicionária Brasileira devolveu à família alguns objetos, medalhas de honra e uma carta de comunicação de falecimento, o conhecimento disto se deve a algumas fotos compartilhadas nas redes sociais por familiares, passagens que de forma dispersa e pouco sistematizada, revela fragmentos significativos da memória de Francisco, figura histórica com grande potencial para se tornar personagem emblemático da peça.

Seu falecimento teve consequências psicológicas para sua família, e ocasionou mudanças culturais em seu núcleo familiar, a família enlutada antes de religião católica, participaram de um culto junto a Abraão Gonçalves de Melo e Nicanor Gonçalves de Melo, pioneiros da igreja Assembleia de Deus;

“Conhecedores do sofrimento e da dor da família do Senhor José Teodoro dos Santos

⁴³ REIS, Wilson Rodrigues. *O Patriarca*: Osmar dos Santos Moura. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2018. p. 45.

⁴⁴ MAXIMIANO, Cesar C. **Barbudos, sujos e fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. 2ª Edição. São Paulo. Editora Grua, 2021. Recurso eletrônico. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Barbudos-sujos-fatigados-Soldados-brasileiros-ebook/dp/B098BT9H1N/ref=tmm_kin_swatch_0. Acesso em: 31 de julho 2025. p.1-383.

⁴⁵ REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. Rio de Janeiro. Betel, 2018..p. 48.

resolveram, então, fazer-lhe uma visita de solidariedade e levar uma palavra de consolação em cristo Jesus a todos daquela casa. Havia uma grande comoção na cidade, e o povo, a boca miúda, comentava da angústia e aflição em que se encontrava aquela família”⁴⁶

Após esse período de dificuldades e mudanças, a família encontrou conforto e sentido na fé cristã, especialmente através da doutrina pentecostal. A mãe de Francisco se converteu à Igreja Assembleia de Deus de Madureira. Seus filhos também seguiram o mesmo caminho, e a religião passou a ocupar um lugar central em sua vida cotidiana. Entre eles, Osmar dos Santos Moura, irmão de Francisco, destacou-se de maneira especial: ao alcançar a vida adulta, tornou-se um pastor emblemático da denominação, reconhecido por sua dedicação e liderança. Inicialmente atuou na congregação local de Arapuá, onde exerceu um papel pastoral ativo e influente, e mais tarde foi responsável por fundar o campo da Assembleia de Deus de Madureira na cidade de Patrocínio, contribuindo de forma significativa para a expansão da igreja na região.

A próxima fonte abordada neste estudo é de natureza particularmente subjetiva e singular: trata-se de uma série de três poemas escritos por uma professora arapuense, a Senhora Teresinha Borges. Tive o privilégio de conhecer seu trabalho por meio de um poema que dedicou à história da família de meu avô paterno, obra que, pela sensibilidade e profundidade, despertou em mim grande admiração, a obra a seguir é um cordel intitulado *Poesia [s.d.]*.⁴⁷ Ele não foi incluído no roteiro da peça teatral, intencionalmente, pois seu conteúdo possui um caráter íntimo e melancólico poderia despertar lembranças dolorosas nos familiares das pessoas descritas na obra. Além disso, abordá-lo não se alinhava exatamente à proposta do projeto: integralizar o teatro dentro do ensino de História de maneira leve, acolhedora e positiva, com o objetivo de envolver e entusiasmar os alunos, seu valor artístico, entretanto, é inegável.

A poesia conta a trágica história de uma família marcada por perdas e sofrimento. Um pai honrado se suicida, deixando esposa e filhos. A viúva se casa com um soldado cruel que maltrata os enteados, chegando a atirar em um deles, que sobrevive por milagre. O filho mais velho, revoltado, planeja vingança, mas desiste por amor à mãe e aos irmãos. Em profunda angústia, acaba tirando a própria vida. Os anos passam, e o irmão sobrevivente, Joaquim, vive atormentado, solteiro e alcoólatra, até encontrar uma companheira fiel. Torna-se fazendeiro respeitado e caridoso. Um dia, ao voltar da cidade, tenta atravessar um rio cheio e, mesmo alertado, acaba se afogando. Seu corpo só é encontrado dias depois, longe dali. A cidade se comove com sua morte, e ele é enterrado com dignidade ao lado da família. Procurei entrar em

⁴⁶ REIS, Wilson Rodrigues. O Patriarca: Osmar dos Santos Moura. 1º edição. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2018. p. 56.

⁴⁷ BORGES, Terezinha. **Poesia**. [Poema não publicado]. [s.n.], [s.d.]. Mimeografado. p. 1-6. Arapuá, [s.d.].

contato com a família de Terezinha, na esperança de encontrar outros de seus escritos. Contudo, infelizmente, não havia registros preservados de suas produções literárias.

No entanto, uma surpresa veio à tona: a neta de Teresinha, a senhora Letícia Cristina da Silva, dedicou-se a reunir e organizar informações sobre a vida de sua avó, homenageando sua memória. Este trabalho, embora não tenha o mesmo caráter literário das poesias de Teresinha, se revelou uma fonte de inestimável valor para a compreensão das diferentes facetas da vida da professora, permitindo que eu entendesse melhor alguns aspectos de sua vivência e o contexto que permeava sua obra⁴⁸. A dedicação de Letícia ao resgate da história de sua avó trouxe à luz detalhes essenciais, que enriquecem a visão sobre a importância cultural e histórica de Teresinha Borges, que se mostrou uma personagem com potencial para a peça de teatro histórico.

Cheguei a um ponto de conformidade, acreditando que o único poema sobrevivente de Teresinha Borges fosse *Poesia*, Contudo, a sorte me reservava uma grata surpresa.

Durante uma conversa com a professora aposentada Bárbara Oliveira, enquanto explorávamos outras possíveis pessoas de interesse para a pesquisa, tive a oportunidade de aprender um fato que viria a ser crucial para o avanço de meu trabalho: Bárbara era amiga íntima de Teresinha Borges e, por essa razão, preservara em seu acervo pessoal mais três poemas da autora: *A Frô do Maracujá* (1986)⁴⁹, *A Árvore* (1966)⁵⁰ e *Saudades* (1986)⁵¹. O último, com temática dedicada à sua própria vida e cidade de Arapuá, ofereceu uma nova perspectiva sobre a sensibilidade e a vivência de Teresinha, revelando uma faceta de sua obra até então desconhecida por mim.

Esse inesperado achado não apenas ampliou o horizonte da pesquisa, possibilitando relacionar a vida da autora e a sua obra, permitindo-me enriquecer a narrativa com um olhar mais completo sobre sua contribuição literária. A generosidade de Bárbara em compartilhar esses registros foi um verdadeiro presente, que se transformou em uma chave para entender mais profundamente a relevância cultural de Teresinha Borges na comunidade.

Com as fontes reunidas ao longo da pesquisa, senti-me finalmente capacitada a compor um acervo substancial de materiais, que não só atendia às exigências para a escrita de uma encenação rica, mas também oferecia uma base de conteúdo para a construção de um trabalho significativo. Com essa coletânea de informações em mãos, elaborei uma proposta de um roteiro que fosse ao encontro das expectativas pedagógicas e, ao mesmo tempo, se alinhasse

⁴⁸ SILVA, Letícia Cristina. Livroeto autoral: **lembranças de minha querida avó**. Carmo do Paranaíba: [s.n.], [s.d.]. Mimeografado. p. 01 - 13.

⁴⁹ BORGES, Terezinha. **Poesia**. *A Frô do Maracujá* Mimeografado. p. 1- 2. Arapuá, 1986

⁵⁰ BORGES, Terezinha. **Poesia**. *A Árvore* Mimeografado. p. 1. Arapuá, 1966

⁵¹ BORGES, Terezinha. **Poesia**. *Saudades* Mimeografado. p. 1-2. Arapuá, 1986.

com a profundidade histórica que desejava explorar.

Apresentei então o material inicial aos alunos, convidando-os a participar ativamente do processo criativo. A troca de ideias e a reflexão crítica que emergiram das discussões com eles foram essenciais para moldar o desenvolvimento do roteiro. A partir da opinião e das sugestões dos estudantes, fui capaz de determinar que abordaríamos um recorte específico da história de Arapuá, permitindo não apenas a transmissão de um saber histórico sobre a cidade, a duras penas construído desde a pesquisa documental, mas também a valorização de aspectos culturais e sociais que julgássemos merecerem ser lembrados.

O envolvimento dos alunos no processo não só enriqueceu a obra, mas também fortaleceu o vínculo entre o ensino da história e a prática artística, resultando em uma produção que educativa que contribuiu para a valorização dos vestígios históricos do município e processos de identificação. Conforme observou Santiago (2016), a articulação entre o ensino de história e a linguagem teatral pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica, “O uso de apresentações midiáticas atrativas, a adaptação do conhecimento à vida cotidiana e a memorização de conceitos são três processos fundamentais no ensino histórico.”⁵²

O aprendizado não se limita aos contextos de educação formal, mas é envolvido, interferido e mesclado ao mundo dos sujeitos, “o aprendizado se baseia na participação ativa e na reflexão sobre a experiência vivida, conectando o novo conhecimento ao saber prévio e desenvolvendo estruturas conceituais que permitem aplicar esse conhecimento”⁵³. O teatro histórico entrou aqui como um meio para oferecer novas interpretações das fontes históricas, questionar a visão tradicionalista de um passado morto e enterrado que deve ser deixado em paz, e refletir sobre o tratamento dado à história de localidades interioranas, mais especificamente aos momentos históricos de Arapuá.

“o teatro é o meio ideal para abordar questões históricas, pois consegue fazer com que o passado pareça presente. Para Ogando (2002), a representação de eventos históricos é rica em simbolismo, já que possui dois significados: um vinculado ao seu contexto original e outro a partir de uma perspectiva contemporânea.”⁵⁴

Essa dualidade simbólica fortalece o potencial do teatro histórico como prática

⁵² ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. **La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico**, LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades, Asunción, Paraguay. ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5170.

⁵³ ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. **La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico**, LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades, Asunción, Paraguay. ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5173.

⁵⁴ ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. **La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico**, LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades, Asunción, Paraguay. ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5174

educativa e crítica, os alunos não só aprendem sobre os acontecimentos históricos, mas também os ressignificam a partir de suas vivências, a prática teatral rompe com a ideia de uma história distante e cristalizada, transformando-a em algo dinâmico, experienciável e, sobretudo, relevante para a formação identitária. A encenação, ao possibilitar a construção coletiva do conhecimento e ao incentivar o protagonismo estudantil, contribui para um ensino de história que valoriza a escuta, a memória local e o pensamento dos alunos, o teatro na escola não é apenas um recurso didático, mas uma linguagem própria.

3. SEGUNDO ATO: EU NÃO SEI DE NADA!

No dia 20 de setembro de 2024, realizei a primeira aula-oficina com as turmas do 1º Ano A e no primeiro ano B, da Escola Estadual Monoel Gonçalves Boaventura, dando início ao projeto, que havia sido previamente alinhado com a direção da escola. O foco e os objetivos das aulas foram cuidadosamente delineados, tendo como premissa a introdução do tema, com o intuito de proporcionar aos alunos uma visão ampla e inicial do contexto histórico de Arapuá. Paralelamente, busquei avaliar a compreensão prévia dos alunos sobre a história, a fim de compreender seu nível de conhecimento e expectativas em relação ao conteúdo. Com isso, pude também engajá-los no processo criativo, incentivando sua participação ativa na construção do roteiro, permitindo que suas ideias e reflexões se integrassem ao projeto. Além disso, um dos objetivos principais da aula era encaminhá-los para a prática da atuação⁵⁵, de modo que, gradualmente, pudessem experimentar o universo teatral, compreendendo a dinâmica do palco e o processo de encenação. No primeiro momento eu me apresentei e apresentei a proposta do projeto que foi recebido pelos alunos com entusiasmo. Na primeira dinâmica realizada em sala perguntei a cada um seu nome, idade e o que sabiam sobre a história do município de Arapuá, qualquer aspecto possível para a composição do roteiro da peça.

No primeiro ano “A” nos dois primeiros horários entrevistei os 17 alunos presentes em sala. O aluno P. A.⁵⁶ de 15 anos contribuiu: “Pelo o que me contaram Arapuá começou com uma árvore que tinha uma abelha específica que chamava Arapuá”⁵⁷. Em seguida, a aluna; A. C. de 15 anos acrescentou: “Eu sei que a maioria das casas antigas de Arapuá são tombadas”⁵⁸

Os demais alunos, dando sequência à entrevista, apresentaram-se e, de maneira geral, manifestaram desconhecimento sobre quaisquer aspectos da história do município. A frase “eu não sei de nada” se repetiu entre a maioria deles, evidenciando uma lacuna significativa no conhecimento acerca das raízes e da trajetória da cidade onde vivem e estudam.

No primeiro ano “B” 21 alunos foram entrevistados e seguindo o mesmo padrão disseram seu nome, idade e qualquer conhecimento que possuíam sobre a história do município. O aluno K. G. de 16 anos também evocou a origem do nome do município como oriundo “de uma

⁵⁵ Vale lembrar que atuação “é a denominação dada à arte do ator, e outros artistas das artes cênicas. Consiste em imprimir, por meio de diversas técnicas, ou mesmo da pura intuição, vida e realidade a uma personagem.” E o ator ou atriz é aquele/aquela que “cria, interpreta e representa uma ação dramática com base em um texto emprestando plenitude física e espiritual com o uso de sua voz, corpo e emoções ao simples texto concebido pelo dramaturgo com o objetivo de transmitir ao espectador as ações dramáticas propostas”. **Dicionário de Termos Técnicos e Gírias de Teatro**. Hipertexto. p. 2.

⁵⁶ Nome do aluno abreviado para preservação identidade, conforme os princípios éticos da pesquisa.

⁵⁷ DOMINGUES, Livia. **Caderno de Campo**. Arapuá, 2024. p. 04.

⁵⁸ DOMINGUES, Livia. **Caderno de Campo**. Arapuá, 2024. p. 04.

abelha"⁵⁹. Por sua vez, o aluno K. M. de 15 anos trouxe outras informações: "Eu sei que aqui antigamente era um curral, que quando os boiadeiros levavam o gado de um lugar pro outro, eles traziam aqui para descansar".

Investigar a narrativa trazida pelo aluno K.M. revelou-se um ponto de partida promissor para estabelecer comparações com os relatos históricos sobre a gênese da ocupação daquele território. Nos registros de memorialistas de Rio Paranaíba, há menções aos antigos currais tropeiros na região, elementos que podem compor a história do município. Isso evidencia a importância de se buscar e valorizar registros vinculados ao saber tradicional, frequentemente preservados na memória oral e em fontes não convencionais:

“Como era ponto de parada e, existiam vários ranchos de tropas, onde os tropeiros se arranhavam e reabasteciam de suprimentos. Até bem pouco tempo, existia a “estrada boiadeira” que ligava o sertão goiano aos centros consumidores, passando nos altos da cidade, ocasionando muita curiosidade e apreensão, pois vezes por outra desgarrava uma rez.”⁶⁰

Essas respostas foram exceções. Os demais alunos também expressaram sentimentos semelhantes, com a frase "eu não sei de nada" sendo recorrente mais uma vez entre eles. Com base no conhecimento prévio manifestado pela turma, aproveitei a oportunidade para introduzir o conceito de "mito fundador", uma ideia que, além de constituir um componente importante da história oficial da cidade, se entrelaça com o senso comum disseminado entre a população local, o qual provavelmente chegou até os alunos por meio de narrativas orais e tradições culturais. A explicação sobre esse conceito visou esclarecer como a história de Arapuá se constrói, não apenas por meio de registros documentais, mas também através das percepções e interpretações populares que, muitas vezes, se tornam tão significativas quanto os próprios registros escritos.

Em seguida, discutimos as recentes iniciativas de preservação histórico-cultural promovidas pela Secretaria de Cultura nos últimos anos como o tombamento do Conjunto Paisagístico Praça São João Batista ⁶¹ e do acautelamento da fazenda Fradiques⁶² edificada em 1921, entre outras. Essas medidas têm sido fundamentais para o inventário e a valorização do patrimônio local, refletindo uma crescente preocupação em preservar os vestígios da memória social da cidade.

No horário seguinte, apresentei aos alunos um compilado de acontecimentos históricos

⁵⁹ DOMINGUES, Livia. **Caderno de Campo**. Arapuá, 2024. p. 06.

⁶⁰ VARGAS, José R. **RIO PARANAÍBA. Histórias e Estórias da Terra de São Francisco das Chagas do Campo Grande**. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995. p. 21.

⁶¹ FURTADO, Tunísia. **Dossiê de Tombamento do Conjunto Paisagístico Praça São João Batista**. Quadro IIB – Proteção, Arapuá, 2020. p, 1-87.

⁶² FURTADO, Tunísia. **Dossiê de Tombamento da Fazenda Fradiques em Arapuá – MG**. Quadro IIB – Proteção, Arapuá 2022.

extraídos das fontes que havia reunido, os quais poderiam ser incorporados ao roteiro da peça. Com isso, eu buscava não apenas oferecer um panorama mais abrangente da história de Arapuá, mas também estimular a reflexão sobre quais eventos seriam mais significativos e representativos para compor a narrativa que estávamos criando. Durante a discussão, tive a oportunidade de conversar com eles sobre o conceito da peça, o processo de construção que um roteiro baseado em documentos históricos envolve, além da pesquisa, uma escolha criteriosa dos elementos que, de alguma forma, contribuam para o entendimento e a valorização da história local.

Para muitos alunos essa era a primeira vez que estudavam recortes específicos da história de Arapuá. A discussão girou em torno dos detalhes e as implicações desses eventos no contexto da cidade. A proposta era não apenas informá-los, mas também engajá-los no processo criativo, para que se sentissem parte ativa na construção dessa narrativa histórica, compreendendo a relevância dos fatos selecionados e seu impacto na identidade cultural de nossa comunidade.

O quadro a seguir foi previamente elaborado e apresentado aos alunos com o objetivo de apresentar uma proposta inicial para a criação das cenas teatrais, tendo como base as fontes históricas levantadas ao longo da pesquisa. A organização das informações nesse quadro não segue, necessariamente, uma linearidade cronológica rigorosa. Em alguns casos, acontecimentos distantes no tempo foram agrupados em um mesmo plano, sugerindo que poderiam compor uma única cena. Essa escolha partiu da compreensão de que a verossimilhança histórica aliada à licença poética de uma peça teatral, permitiria certa liberdade criativa na articulação dos fatos, desde que respeitassem o sentido geral da narrativa e contruíssem para a construção de uma mensagem coerente. Assim, a fusão de tempos distintos em uma cena só buscava ressaltar aspectos simbólicos mais gerais, ficando claro que a narrativa escolhida para ser abordada precisava os elementos fundamentais de cada momento fossem evidenciados nos diálogos, nos figurinos, no cenário e na ambientação geral, mantendo-se em consonância com o contexto dramatúrgico da peça e fortalecendo a compreensão crítica por parte do público, sempre caminhando com as ideias que os alunos tinham sobre como ocorreria essa representação.

1891: Doação de terras e construção da primeira Ermidazinha em território Arapuense.
1904: Rev. Robert See visitou Arapuá
1908: Reforma da Ermidazinha para a nova Capela. O nome do povoado se torna São João Batista de Arapuá.
1923: Arapuá se tornou um distrito Rio Paranaíba
1937: Criação da Paróquia São João Batista
1937: Reuniões frequentes da Igreja Presbiteriana.
1939: Stevão Sloop vem morar em Arapuá.
1939: Arapuá se tornou uma vila.
1939: Bispo Dom Manoel Nunes Coelho visitou pela segunda vez a paroquia .
1939: Prefeito Municipal de Rio Paranaíba visitou a vila.
1939: A igreja adquire o lote na praça onde é atualmente o local da Matriz.
1941: Festa do Produtor Rural.
1942: Construção do prédio da igreja atual na praça.
1944: Partida de Francisco de Paula Moura Neto para a guerra.
1945: Primeira Menção à necessidade de separação entre Católicos e Protestantes Presbiterianos.
1945: Briga do Padre com Pedro Pires.
1945: Primeira Menção à festa junina.
1948: Briga entre católicos e protestantes da Assembléia de Deus.
1963: Emancipação política do Município de Arapuá.
1966: A vinda da energia elétrica em Arapuá:
1969: Guarino Sinfrônio junta a festa junina com a festa do produtor rural.
1975: Implementação do Asfalto ligando a cidade à rodovia.
1984: O padre João Gonçalves Ferreira Inaugurou a creche.
1986: O teto da igreja veio abaixo. ⁶³

Tabela 1 - Quadro de acontecimentos históricos elaborado pela Autora.

Esse quadro foi elaborado de acordo com os diferentes documentos e, cujos registros possuíam um potencial dramático para serem incorporados à peça. Durante essa explicação, nos envolvemos em uma análise de como cada um desses marcos históricos poderia ser transposto para o formato de um roteiro teatral.

Discutimos as possibilidades de encenação, ponderando sobre como as nuances desse tipo de projeto se tornam mais flexíveis uma vez que as cenas, apesar de escritas sobre a história da cidade com o rigor metodológico do tratamento dos arquivos, precisam ser viáveis no formato de cenas, envolventes e mais resumidas. Os elementos simbólicos e as dinâmicas sociais envolvidas precisam ser entendíveis, a fim de que as realidades e as dificuldades daquele tempo fossem retratados de maneira vívida e impactante no palco, oferecendo ao público uma experiência imersiva e reflexiva sobre o passado.

A especificidade da linguagem teatral conversa intimamente com o desenvolvimento de uma narrativa histórica. A, aprendizagem de história não se dá apenas no âmbito das salas de aula, dá-se na vida, nos contatos, nas conexões. Também não é por inteiro um processo intelectual, puramente objetivo e racional, é uma questão complexa assim como não é simples

⁶³ DOMINGUES, Livia. **Caderno de Campo**. Arapuá, 2024. p. 05.

explicar a mentalidade humana:

"Romero (2010) também destaca a visão de Itin (1999), que define o aprendizado experiencial como um processo formativo que envolve o indivíduo em múltiplas dimensões — física, social, intelectual, cognitiva e emocional — por meio de experiências desafiadoras e arriscadas. Seguindo as fases de Dewey, o aprendiz deve formular problemas, experimentar e aplicar criatividade para desenvolver conhecimento"⁶⁴

Deixar de lado o componente emocional ao se lidar com narrativas históricas, assim como neste caso é um erro, pois só a abordagem cognitiva não é suficiente para atender à

"imperativa necessidade de ampliar os âmbitos de investigação sobre o ensino da história. Eles afirmam que "é importante incluir outros espaços, ou seja, não se limitar apenas aos processos de ensino e aprendizagem da história no âmbito formal, mas também olhar para os âmbitos não formais e informais de produção de história." Isso nos encorajou em nosso trabalho a contribuir especificamente no campo do teatro histórico"⁶⁵

O enfoque emocional no ensino de história pode ser alcançado através do teatro, ele é um, mas não o único caminho para isso, sua principal faceta é a "humanizadora" o poder de ajudar a compreensão conceitual de um tempo passado de maneira tangível, uma comunicação real por meio de cenários fictícios, que neste caso tocam muito no lado sentimental da comunidade, um recurso muito apropriado para fortalecer novas perspectivas pedagógicas.

A partir de nossa discussão inicial em sala, os limites do roteiro foram se delineando de forma mais clara, permitindo uma melhor organização das ideias e objetivos do trabalho. Durante esse processo, procuramos considerar os interesses específicos dos alunos, valorizando suas sugestões e preferências por determinados temas. Essa escuta ativa possibilitou uma construção coletiva mais significativa, em que o engajamento dos participantes foi essencial para definir a direção e os focos principais da proposta.

⁶⁴ ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico, **LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades**, Asunción, Paraguay. ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5174

⁶⁵ ESCALANTE, Paulina Latapi, El teatro histórico como ámbito educativo. Análisis de cuatro obras para conmemorar el triunfo de la República en Querétaro, México. **hist.mem.**, N°. 17. Año 2018, p.191.

4. TERCEIRO ATO: EU ESCOLHO ME LEMBRAR DE VOCÊ.

No dia 27 de setembro de 2024, realizamos nossa segunda reunião com o objetivo de definir os personagens da peça. Com base nas diversas fontes reunidas e analisadas previamente, elaborei uma lista com aproximadamente 48 personalidades que foram mencionadas nos diferentes acontecimentos relatados nas fontes. Durante o encontro, apresentei cada uma dessas figuras aos alunos, contextualizando sua importância histórica e possíveis papéis dentro da narrativa. Em seguida, discutimos em conjunto, as possibilidades de inserção de cada personagem, como poderiam ser suas cenas, quais interações fariam parte de sua atuação e a quantidade aproximada de falas que caberia a cada um.

Junto das histórias das personalidades citadas levei também fotos com referências de figurinos que seriam historicamente apropriados para o personagem, também discutimos como funcionaria a política de escolha. Esclareci que a participação de cada um seria voluntária e a escolha dos personagens de cada um deveria ser democrática, procurando deixá-los à vontade com seus personagens no palco. Em relação aos dois personagens principais, caso não houvesse voluntários, eu faria convites a alguns para ocupar os papéis.

Essa liberdade de escolha foi pensada como uma forma de estimular o engajamento genuíno e o pertencimento ao projeto, levando em consideração o perfil, o interesse e a disponibilidade dos estudantes para assumir papéis de maior responsabilidade. Essa estratégia buscou equilibrar a autonomia do grupo com a necessidade de garantir o andamento e a coesão da montagem.

Diversas famílias e nomes considerados de relevância histórica foram mencionados nos documentos consultados. No entanto, por questões logísticas, nem todos puderam ser incluídos na peça teatral. Essa limitação, contudo, em nada diminuiu a importância dessas personalidades para a história da cidade, a despeito de reivindicações do público após assistir a peça. A escolha dos personagens representados foi resultado de um trabalho colaborativo com os alunos, respeitando os limites e possibilidades do formato de um roteiro teatral.

Nossa reunião transcorreu de forma tranquila e bastante produtiva. Dos 41 alunos que participariam até a fase final do projeto, 20 já se voluntariaram para assumir papéis, demonstrando entusiasmo e comprometimento com a proposta. Entre eles, dois estudantes se mostraram dispostos a interpretar os personagens principais, funções que exigiriam presença em todas as cenas e uma quantidade significativa de falas.

Neste encontro, apresentei também duas propostas iniciais para a primeira cena.

Partimos de um princípio narrativo simples, mas eficaz: uma viagem no tempo. Os dois protagonistas “Manoel” - em homenagem à escola onde estudam - e “Mel” - em referência ao nome da cidade, seriam alunos da mesma idade de seus intérpretes, que inicialmente desdenham de uma aula de história regional. No entanto, por meio de uma circunstância que ainda seria definida por votação, os dois acabam viajando no tempo.

Duas situações possíveis foram apresentadas a eles:

“Opção 01: *A peça tem início com dois alunos sentados em uma praça, discutindo entre si sobre a suposta inutilidade de estudar a história de um lugar tão pequeno como Arapuá. Ao ouvir o comentário, a professora se aproxima e lhes apresenta um misterioso relógio de bolso com o poder de viajar no tempo. Ela se ausenta por um momento para buscar roupas de época, mas, durante uma discussão, os alunos acabam ativando o relógio e embarcam sozinhos nessa viagem temporal. Assim começa a jornada através do tempo, na qual só poderão retornar ao presente depois de comprovarem, na prática, a importância do passado e da história.*”

“Opção 02: *onde o conflito da peça começa com a abertura de um cofre antigo na prefeitura, após julgar seu conteúdo sem importância as pessoas deixam (objetos, papéis e livros contábeis) jogados. Logo um aluno consegue ter acesso a um relógio de bolso capaz de viajar no tempo, e acaba ativando esse dispositivo quando ia mostrá-lo para seus dois amigos, assim eles viajam para o passado e vão percebendo a importância de cuidar e preservar o patrimônio histórico da cidade à medida que o vivenciam.*

Dos 31 que votaram, 80% deles escolheu a opção 1 em que a professora, que seria interpretada por mim, apresentava-lhes a ferramenta capaz de voltar no tempo. Houve espaço para que eles apresentassem sugestões sobre a peça. Muitos não tiveram uma ideia imediatamente, mas alguns se manifestaram. Idéias como “apresentar o tempo talvez o figurino e de algum acontecimento a forma que o nome da nossa cidade foi criada”⁶⁶ e também a sugestão: “As crianças aparecem com roupas da época” assim como sugestões da inclusão: “acontecimento que demonstre a importância desse conhecimento na atualidade”⁶⁷ A pesquisa foi realizada através de formulários eletrônicos, de forma anônima para que eles tivessem mais espaço para se expressar da melhor maneira. A ideia da viagem no tempo foi bem recebida pela maioria. Eles prosseguiram entusiasmados com o projeto.

Como personagens contemporâneos transportados ao passado, Manoel e Mel teriam o

⁶⁶ DOMINGUES, Lívia. **Etapas 1 desenvolvimento do roteiro.** Resultados do questionário aplicado via Google Forms. [S.l.], 2024. Resultado não publicado.

⁶⁷ DOMINGUES, Lívia. **Etapas 1 desenvolvimento do roteiro.** Resultados do questionário aplicado via Google Forms. [S.l.], 2024. Resultado não publicado.

papel de representar o público, servindo como pontes entre o presente e o passado, movimentos que nos possibilitaram pensar as conexões entre história e memória:

“A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica.”⁶⁸

A partir desse trecho de Jacques Le Goff, compreende-se a separação passado/presente não como uma percepção natural, mas uma operação essencial tanto da consciência individual quanto da ciência da história. O tempo tem uma natureza tridimensional, na qual o presente atua como o espaço em que experimentamos o passado (pela memória), o agora (pela consciência) e o futuro (pela expectativa). Essa concepção rompe com uma visão linear e simplificada do tempo, oferecendo uma forma mais profunda e complexa de entender a experiência humana. Nossa consciência temporal, portanto, molda não apenas a maneira como percebemos os acontecimentos, mas também nossa identidade, nossas decisões cotidianas e até mesmo a forma como construímos e narramos a nossa história, tanto individual quanto coletiva. Pensar historicamente exige entender o presente como algo em construção, com duração, que se relaciona constantemente com o passado e com o futuro.

“Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual. Com efeito, a grande diferença é que a criança – não obstante as pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal, enquanto que a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino.”⁶⁹

Para Le Goff. Enquanto a memória pessoal é construída de forma relativamente autônoma, mesmo que influenciada pelo ambiente, a memória histórica que compartilhamos em sociedade é intencionalmente construída e ensinada pelo sistema educacional. Isso permite que os indivíduos acessem um tempo que ultrapassa sua própria existência, ampliando sua visão para além da experiência imediata. Essa memória coletiva funciona como uma extensão do horizonte temporal, conectando o presente com passados que não vivemos diretamente, mas que passam a fazer parte de nossa identidade. Maurice Halbwachs, outro pensador a dar espaço para essa reflexão defende que toda memória, mesmo a individual, é social, ou seja, socialmente construída, o papel da memória individual e coletiva é correlacional. Ele explica que nossa memória não funciona isoladamente: mesmo quando acreditamos lembrar de algo sozinhos,

⁶⁸ LE GOFF, Jacques, **História e memória**. f; tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p.179

⁶⁹ LE GOFF, Jacques, **História e memória**. f; tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p.181.

nossas lembranças são influenciadas por outras pessoas, por aquilo que vimos, ouvimos ou aprendemos com elas. Mesmo as lembranças mais pessoais podem estar ligadas a um grupo, pois guardamos memórias em conjunto com os outros. E, muitas vezes, só conseguimos lembrar de certos fatos ao nos reconectarmos com o ponto de vista de quem viveu aquilo conosco, quando nos afastamos desse grupo ou perdemos o hábito de pensar como ele, algumas lembranças simplesmente desaparecem, mesmo que outras pessoas possam descrevê-las com detalhes. Mesmo sozinhos, não estamos sozinhos, todas as percepções são influenciadas por informações que recebemos de outras pessoas sejam livros, conversas ou estudos quando visitamos uma cidade, por exemplo, nossas impressões são “guiadas” pelos conhecimentos de historiadores, pintores, arquitetos entre outros. É preciso que exista em nós alguma ligação viva com o grupo com o qual vivemos certo evento, se essa conexão se rompe, os depoimentos dos outros podem soar verdadeiros, mas não despertam lembranças reais em nós.

A memória é social. Ela se forma e se mantém viva enquanto estivermos em sintonia com os grupos com os quais compartilhamos experiências. Lembrar não é apenas reviver o passado, mas reviver a perspectiva coletiva em que aquele passado foi vivido⁷⁰.

A ideia de Manoel e Mel como “pontes” entre presente e passado funciona como estratégia dramatúrgica e como metáfora para o trabalho histórico e educativo, há a construção da correlação entre tempo e identidade, como somos filhos do nosso tempo e essa percepção molda quem somos, o que pensamos e como agimos, a construção da peça com personagens contemporâneos em um cenário do passado oferece ao público a chance de experimentar, por meio da linguagem teatral, essa complexa articulação das temporalidades da memória e da história. Ao colocar em cena a tridimensionalidade do tempo, a obra convida à reflexão sobre como narramos o passado e como ele nos constitui.

Seus diálogos com as figuras históricas permitiriam introduzir, de forma acessível e contextualizada, os conteúdos selecionados a partir das fontes analisadas durante a pesquisa, uma estratégia narrativa para facilitar a compreensão do público de um contexto histórico por vezes estranho, distante, desconhecido e também valorizar o protagonismo dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Projetei o quadro de maneira que eles pudessem realmente se enxergar nos personagens e nas dinâmicas em cena:

⁷⁰ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 3ª Edição. São Paulo - SP, Editora Revista dos Tribunais LTDA. 1990.

Tabela 2 - Quadro de Pessoas Relevantes nas fontes elaborado pela Autora.

Nome	Data	Quem foi?	Destino narrativo	Nº de Cenas	Voluntários?
Luiz Cassiano da Silva.	1891	Fazendeiro - provável doador de terras para São João Batista, local perto da academia. ⁷¹	Suas falas vão focar em delimitar as possíveis origens do município.	01	
Francisco Barbosa	1891	Provável fazendeiro doador de terras para São João Batista.	Suas falas vão focar em delimitar as possíveis origens do município.	01	
Roberto See	1904	Primeiro Reverendo a Visitar a localidade.	Suas falas vão focar em explicar a vinda de religiões protestantes.	01	
Elias José dos Santos	1904	Personagem mais velho. Primeiro morador da região a receber um reverendo presbiteriano.	Suas falas vão focar na conversão de fies a outras religiões.	01	
Elias Antônio dos Santos	1904	Filho de Elias José. Primeiro morador da região a ser batizado.	Suas falas vão focar na conversão de fies a outras religiões.	01	
Laura dos Santos	1904	Esposa de Elias Antônio. Batizou também seus filhos no protestantismo.	Suas falas vão focar na conversão de fies a outras religiões e na ótica cultural destes convertidos.	01	M. L.
Heriberto Antônio Goetterodolfer	1908	Padre que celebrou a primeira missa e formou a comissão de reforma da primeira capelinha construída no território da cidade.	Suas falas serão para dar uma ideia do panorama inicial do primeiro edifício da cidade.	01	
Eduardo Augusto de Medeiros	1908	Presidente da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico da região.	01	L. R.
João Domingues De Araujo	1908	Procurador da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico da região.	01	
Tiburcio Ferreira Mendes	1908	Procurador da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico da região.	01	
Antônio Alves de Queiroz	1908	Procurador da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico da região.	01	
Antonio Maria Bomtempo	1908	Procurador da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico	01	

⁷¹ Av. Eduardo Augusto de Medeiros, 670, Arapuá-MG.

			da região.		
Eucolino de Souza Teixeira	1908	Procurador da comissão nomeada para a reforma, pessoa influente mencionada em diferentes documentos.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo católico da região.	01	
Quatro meninas para representar junto aos selecionados da comissão...				01	
Maria Rita (Irmãs Cândida)	1923	A mais velha matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como alta, magra, sempre elegante, de religião presbiteriana, teve 5 filhos.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	G. B.
Francisca Maria (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como alegre, comunicativa, inteligente, simples e de altura mediana. Protestante, teve 7 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	A.L.
Maria Antônia (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como um pouco tímida, trabalhadora, mais baixa e magra, teve 8 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	A.L.
Ozídia Maria (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como séria e brava, muito rígida, trabalhadora, mas também acolhedora, hospitaleira e agradável, teve 7 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	
Maria Cândida (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como séria e brava, viveu uma vida cheia de responsabilidades devido a saúde frágil do marido, teve 4 filhas.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	
Nicolina Maria (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como a mais divertida, ria e chorava ao mesmo tempo, era brincalhona e espoleta, teve 2 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	N. R.
Leontina Maria (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade. A mais séria e trabalhadora, agradável. História de vida foi marcada por abusos domésticos pelo marido. A mais distante na convivência com as irmãs, teve 11 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	
Geralda Maria Cândida (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como alegre, com sua casa sempre cheia de visitas, era de estatura baixa, teve 7 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	
Analina Maria de Jesus (Irmãs Cândida)	1923	Matriarca mais nova homenageada com o nome da escola municipal da cidade, descrita como alegre, espontânea e agradável, teve 7 filhos.	Suas falas darão panorama geral sobre a vivência das mulheres na década de 20, e sobre a instalação do distrito de Arapuá.	01	E. L.

Maria Caetana da Rocha	1930	Professora homenageada nomeado a escola municipal primária da cidade.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a educação.	01	
Amélia Rodrigues Boaventura	1930	Professora referenciada na cidade.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a educação.	01	M. K.
Padre Pelegrino Guarino	1939	Primeiro Padre a residir em Arapuá, responsável pela edificação da paróquia São João Batista, italiano, constituição tranquila, possuía laços afetivos com a comunidade.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a religião católica em Arapuá.	01	
Dom Manoel Nunes Coelho	1939	Bispo da região, autoridade importante da época, visitou a cidade trazendo grande comoção religiosa.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a religião católica em Arapuá.	01	S. S.
Stevão Sloop	1939	Primeiro Pastor Presbiteriano a residir em Arapuá, enfrentou muita hostilidade.	Suas falas darão um panorama geral sobre a religião presbiteriana em Arapuá.	01	
Dona Caetana Cristina de Almeida	1944	Benfeitora, responsável por ajudar a financiar a reforma da igreja Matriz da paróquia	Suas falas darão um panorama geral sobre a cultura e a posição feminina na época.	01	
Francisco de Paula Moura Neto	1941	Jovem soldado que parte para a Itália para lutar na guerra, de origem humilde e morador da zona Rural do distrito de Arapuá	Suas falas darão um panorama geral sobre o contexto histórico da II Guerra em Arapuá.	01	E. R.
Padre Antônio Monteiro	1945	Padre da Paróquia que começou a pedir com veemência a separação de católicos e protestantes.	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a intolerância religiosa no Distrito.	01	
Pedro Pires	1945	Farmacêutico influente, não seguia as ordens de separação, sério, estudado, veio da Bahia e criou família em Arapuá	Suas falas vão focar em dar um panorama geral sobre a resistência popular contra a intolerância religiosa no Distrito	01	E. G.
Padre Antônio Monteiro	1945	Padre da Paróquia bastante radical em seu posicionamento, firme e autoritário, sério no que acreditava ser certo	Suas falas darão um panorama geral sobre a intolerância religiosa no Distrito.	01	
Terezinha Borges	1950	Matriarca, professora, poetiza, figura emblemática.	Suas falas vão focar em dar um panorama cultural da cidade.	01	
Nicanor Gonçalves de Melo	1951	Pioneiro da igreja assembleia de Deus.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo protestante da Igreja Assembléia de Deus.	01	
Abrão Gonçalves de Melo	1951	Pioneiro da igreja assembleia de Deus.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre a vivência cultural do povo protestante da Igreja Assembléia de Deus.	01	
37 – Membros da Igreja assembleia durante a cena da confusão. (5)	1951	Personagens figurantes representando as pessoas radicais em sua intolerância.	Sem falas.	01	A. L. E.

Membros da Igreja católica durante a confusão. * (vários)	1951	Personagens figurantes representando as pessoas radicais em sua intolerância.	Sem falas.	01	M. A.
Sinval Boaventura	1963	Prefeito de Rio Paranaíba cidade da qual Arapuá era distrito.	Suas falas vão focar em dar um panorama sobre o processo de emancipação política da cidade.	01	
Odete Boaventura	1963	Esposa de Sinval Boaventura.	Suas falas vão focar na importância que ela teve para arrecadar os recursos para desenvolvimentos estruturais de Arapuá	01	

Fonte: DOMINGUES, Livia. **Caderno de Campo**. Arapuá, 2024. p. 7-8.

Neste encontro, os alunos demonstraram seus interesses, e a partir de suas preferências quanto aos papéis escrevi as cenas do roteiro. Fiz ajustes e cortes para evitar que a apresentação ficasse longa demais, selecionando alguns personagens e organizando uma linha temporal para o espetáculo: 2024 – 1891 – 1920 – 1942 – 1950 – 1955 – 1963 – 1984 – 2024, num movimento cíclico.

Assim, a delimitação do enredo foi se construindo numa mistura de opiniões e ideias, que surgiram a partir dos debates em sala de aula, das leituras das fontes históricas e das experiências pessoais compartilhadas pelos alunos. Cada sugestão trazida ao grupo, por mais simples que fosse, contribuía para o amadurecimento coletivo da narrativa, permitindo que a história encenada refletisse não apenas os fatos registrados, mas também as percepções, afetos e memórias daqueles que vivem o cotidiano da cidade.

5. QUARTO ATO: NÓS COMEÇAMOS E TERMINAMOS JUNTOS.

Neste novo Ato, como a definição da premissa já tinha sido feita, o próximo componente a ser pensado era a viagem no tempo: como representar a transição entre o passado e o presente de maneira eficaz, uma vez que a produção era limitada e o palco simples e sem grandes recursos para facilitar qualquer troca de cenário. A solução foi utilizar um painel em tecido que havia sido confeccionado para a festa do Peão da cidade e fornecido pela Prefeitura Municipal de Arapuá, que mostrava a foto da praça São João Batista, na atualidade. A proposta era instala-lo no trilho das cortinas do palco do refeitório da E. E. Manoel Gonçalves Boaventura, posicionado entre as duas cortinas de tecido fosco que a escola já possuía. Os alunos, quando no presente, atuavam em frente a este painel assim como na primeira cena:

Figura 5 - Cenário 01 da peça teatral sobre a história local de Arapuá.



Fonte: Fonte: Acervo pessoal, 2024

Título: 2024.

Ato 1, Cena 1 (10 Min).

Cenário: Composto pelo Painel da praça da prefeitura cobrindo todo o palco, e um banco no mesmo estilo daquele na praça onde os alunos estão sentados conversando.

Manoel: (Fechando o livro com desânimo) - Então esse é o único livro sobre a história de Arapuá? É engraçado, mas não fala sobre a origem da cidade. Pelo menos aprendemos algo na aula de hoje.

Mel: (bebendo uma coca) - Sim, aprendemos a perder tempo! Além da professora, ninguém sabia nada sobre a história de Arapuá. E ninguém liga também, é uma cidade pequena demais. Completamente inútil.

Manoel: (Desanimado) Eu vou ter que concordar.

Ação: Os dois começam a rir e fazer piadas com a situação, sem perceber que a professora em questão estava atrás deles ouvindo tudo.

Professora: Que bonito hein, menosprezando o trabalho dos outros e a história da cidade de vocês, tudo de uma vez.

Ação: eles se viram assustados Manoel abaixa a cabeça envergonhado, enquanto Mel olha para a professora rindo e debochando⁷².

A transição entre o tempo presente e o passado foi marcada por uma sequência de ações cênicas. A trilha sonora, de caráter sério e tenso, começou a tocar ao fundo, criando uma atmosfera de expectativa e mudança. As luzes da plateia piscaram repentinamente, sugerindo um deslocamento temporal ou uma ruptura com a realidade imediata. Nesse momento, os alunos, se moveram discretamente para trás da cortina, estas ações serviram como ponto de virada dramática, dando início à viagem no tempo que a peça propunha representar. “Ação: O relógio cai das mãos deles aberto, (FREE CLOKING - RELÓGIO)”⁷³

No restante da cena a personagem Mel questiona a relevância de estudar a história local, afirmando que até a própria professora já havia admitido suas dificuldades. As falas da professora são uma tentativa de fazê-los reconhecer o valor da história da cidade enquanto ela é provocada por Mel e Manoel, que duvidam da existência de fatos realmente importantes.

O diálogo deles evidencia uma tendência nos estudos de história do Brasil:

"se a história pode ser encontrada, ouvida, lida nos muros, nas ruas, nos quintais, nas esquinas, nos campos, por que a história ensinada consiste basicamente na transmissão da história nacional? Isso nos remete ao repensar das relações entre a historiografia e os processos de difusão/produção de saberes históricos no espaço curricular destinado à disciplina na educação básica"⁷⁴

A história também está presente nos espaços do cotidiano, nas experiências locais e comunitárias não só nos grandes eventos nacionais, os espaços e os contextos onde a memória coletiva e a experiência local se manifestam são juntos objetos de estudo da história, a elitização

⁷² DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.1

⁷³ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.1

⁷⁴ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. São Paulo – SP: Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 53.

e centralização do conhecimento histórico, normalmente baseada em versões oficiais, lineares e distantes do cotidiano dos alunos precisa ser revista, pois o saber ensinado na escola não deveria repetir a história oficial e a historiografia tradicional, mas também valorizar as outras vozes e os outros territórios negligenciados, história é diversidade é experiência, diferença, pluralidade, pode ser pequena no mesmo sentido que pode ser grandiosa.

"Não se pense, porém, que, ao defender uma abordagem didática dos conteúdos pragmáticos assente preferencialmente nos estudos locais, se pretende acabar com construção de uma identidade nacional. Pretende-se, sim, tornar diferente essa construção. Compreender o passado nacional na sua relatividade de historicidade e acabar com o mito de uma história nacional unitária e eterna forjada num discurso historiográfico sobre a Pátria, herdeira do século XIX, que nada diz aos jovens de hoje, nem contribui para fazer do ensino de história suporte de uma memória viva que possa contribuir para criar uma identidade nacional, aberta ao mundo e multicultural!"⁷⁵

No roteiro da peça, para surpreendê-los, a professora retira da bolsa um antigo relógio de bolso comprado em um bazar e revela que ele seria capaz de levá-los ao passado. Céticos, os alunos riem, mas assim que ela sai de cena, os dois começam a disputar o relógio, que cai no chão e se abre. Num momento de silêncio, tenso, eles tocam o objeto ao mesmo tempo, para preformar a mudança no tempo: as luzes se apagam e as cortinas se fecham, enquanto os dois alunos saem de cena.

Nesse momento, o painel de tecido é puxado para o lado e os expectadores têm a visão pela primeira vez do cenário que representa Arapuá do passado. Para isso, no fundo do palco havia outro painel de tecido que cobria toda a parede, e era estampado com uma floresta densa, fazendo referência a uma nomenclatura bastante esquecida da região, que no século XIX e XX recebia o nome de Mata da Corda⁷⁶ como referenciado nos documentos disponíveis no Arquivo Público Mineiro, na série Registro de Terras datada de 1855 – 1858.

Nesse momento, visível para o público está apenas a pequena capela que, segundo o livro de tombo da paróquia São João Batista teria sido a primeira construção da localidade, “No ano de 1891 o Senhor Luiz Cassiano da Silva fez doação de meia quarta de terra a São João e o Senhor Francisco Barbosa dois pratos de terra ao mesmo santo, doação feita a palavras sem passar documento algum, neste terreno construiu-se a uma ermidezinha”⁷⁷.

Enquanto os personagens principais, Mel e Maria estão nos bastidores se trocando para

⁷⁵ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. São Paulo – SP: Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 157/158.

⁷⁶ Mata da Corda é o nome dado a uma serra no Alto Paranaíba (MG), que abrange partes de Rio Paranaíba, Patos de Minas e Presidente Olegário. Historicamente Arapuá ficava a oeste dessa área. O nome possivelmente se refere à vegetação densa e relevo irregular, mas sua origem exata é incerta. Hoje, o termo é usado por geólogos e não é mais comum entre a população. MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. **São Francisco das Chagas do Campo Grande. Rio Paranaíba (MG). Registro Paroquial, 1855 - 1858**. Microfilme: TP Rolo-16/Flash01 e textual.

⁷⁷ LIVRO DE TOMBO – Paróquia São João Batista, 1937 – 1994. P. 06.

roupas de época, vemos três personagens de apoio entrar no palco, já caracterizados com roupas do final do século XIX. Dois dos meninos representam trabalhadores assalariados que trabalhavam nas fazendas em volta e que se assentaram, por vezes temporariamente ou não, no entorno da capelinha, representando os primeiros habitantes da cidade. Agricultores simples que construíram as primeiras casas segundo as narrativas tradicionais. Os seus representantes no palco fazem o trabalho interligado de representar essas pessoas e de ir alterando o cenário: então onde havia apenas a igreja construída como estrutura cénica, atrás dela, se encontravam mais duas casas construídas para a ambientação. Estes personagens atuam como os fundadores, arando a terra, trazendo suas famílias, e ao retirar as casas do fundo do cenário, construindo as bases da cidade.

Também foi construída uma estrutura que representava um bar, inspirado nos prováveis pontos iniciais de comércio. Mais do que um simples elemento de cenário, esse espaço cumpria diversas funções ao longo da peça: escondia discretamente a área do controle de som, servia como marcador temporal, pois possuía uma placa com a data correspondente a cada cena, e atuava como um ponto de coesão da narrativa, ligando simbolicamente diferentes momentos da história e ambientando o público no tempo e no espaço da ação teatral. A cena seguinte se passa no ano de 1891. Os dois alunos entram em cena pelo corredor central, e seus diálogos, marcados pelo estranhamento diante do ambiente estranho, cumprem a função de contextualizar o público quanto à época visitada. Por meio da conversa, são apresentados elementos da ambientação e fatos históricos que talvez não fossem de conhecimento geral, como, por exemplo, a mudança de local da igreja matriz, cuja transferência ocorreu em 1939, conforme registrado no livro de tombo.

“No 1º dia de Maio chegou em Arapuá o Exmo. Prefeito Municipal para seguir em Campanha do Exmo. Senhor Bispo e nesta circunstancia foi-se ver o quarteirão destinado para colocar a nova Matriz de Arapuá, o Exmo. Senhor Prefeito Municipal ratificou a promessa que a comarca tinha feito e ficou comprovado na presença do Exmo. Senhor Bispo de dar o lugar para a matriz e uma poça⁷⁸ para a casa paroquial, em vista de tal doação foi marcado o alinhamento do Quarteirão com piquetes de arueira e plantado no lugar da igreja uma cruz para distinguir a posse da igreja, falaram nessa ocasião o Vigário do lugar explicando o fim principal do ato e no mesmo tempo aconselhando o povo a respeitar o lugar destinado a uso [...] e como propriedade de São João Batista Padroeiro da Vila de Arapuá”⁷⁹

Título: 1891.

Ação: Os dois personagens chegam pela entrada do principal do refeitório conversando, ajeitando suas roupas e seu cabelo.

Mel: Nós realmente voltamos no tempo? Sério?!

⁷⁸ Neste contexto uma poça é uma cavidade no solo, escavada artificialmente, usada para reter água da chuva ou de outras fontes.

⁷⁹ **LIVRO DE TOMBO** – Paroquia São João Batista, 1937 – 1994. P. 23.

Manoel: E que outra explicação existe Mel? Pelo amor de Deus. Será que ninguém vai sentir falta dessas roupas?

Ação: Mel olha para o próprio vestido com uma cara de desgosto.

Mel: Se sentir, problema deles! Quem mandou deixar secando numa cerca perto da estrada. Em que ano será que estamos?

Manoel: Não há nenhuma casa à vista, então eu chuto que estamos em 1890, mais ou menos perto do bar do Wando⁸⁰.

Mel: Se a gente saiu lá da praça não deveria ter uma igreja?

Manoel: Você não se lembra da professora falar que a igreja não ficava na praça? Ela ficava mais ou menos onde é a academia....

Ação: Os dois olham para o palco e avistam a igrejinha, sobem no palco observando-a.

Mel: Então é isso? Isso é tudo o que Arapuá era?

Manoel: Pelo menos no começo. É um lugar bonito.⁸¹

Em seguida, sobem ao palco duas personalidades históricas mencionadas no livro de tombo da igreja: Luiz Cassiano da Silva e Francisco Barbosa, reconhecidos como os doadores das terras que mais tarde dariam origem ao território da cidade. Já mencionados anteriormente. Eles interagem com Mel e Manoel, e, por meio do diálogo, apresentam ao público a narrativa registrada na página 4 do referido livro do Tombo, contribuindo para a construção e a compreensão do contexto histórico.

A escolha de incluir sotaques nas falas de alguns personagens foi deliberadamente pensada como um recurso estético e pedagógico para aproximar o público da realidade cultural da época retratada. Suas variações fonéticas e expressões típicas, contribuíram para conferir autenticidade às cenas e a valorizar a diversidade linguística presente no interior de Minas Gerais, muitas vezes invisibilizada em narrativas históricas mais formais. Incorporar o sotaque não apenas enriquece a construção cênica, mas também convida o público, especialmente os alunos e moradores locais, a reconhecerem o valor histórico de sua própria forma de falar como legítimo marcador identitário.

Ação: Francisco Barboza entra em cena, usando roupas de época de

⁸⁰ Atual Av: Eduardo Augusto de Medeiros, 406 – Centro.

⁸¹ DOMINGUES, Lívia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.3.

aparência rica e parecendo bravo, entra pela porta a esquerda.

Francisco Barboza: Quem são ocês e o que seis quer nas minha terras?

Manoel: Nós? Nós somos...

Ação: Luiz Cassiano entra pelo canto direito e fala assustando os dois.

Luiz Cassiano: A terra não é sua mais, é do Santo!

Ação: Os dois olham para o recém-chegado, ficando confusos entre os dois homens.

Luiz Cassiano: Seis é fio de quem?

Mel: Nós somos... Netos da Dona Maria! Isso.

Ação: Os fazendeiros parecem aceitar bem isso e concordam, sem querer admitir que não conhecem as pessoas citadas.

Luiz Cassiano: E oceis vieram prestar respeito pro Santo?

Ação: Eles concordam.

Luiz Cassiano: Oceis sabe que foi eu que fiz a doação de meia quarta de terra pro santo? Sou o seu Luiz Cassiano da Silva!

Francisco Barboza: E eu também fiz doação, dois pratos de terra pra construir essa capela, e a madeira do cruzeiro era um jatobá aqui das minhas terra, Francisco Barboza a dispor de mercê!

Ação: Francisco se abaixa e beija a mão de Mel, ela discretamente limpa o beijo nas roupas. Eles falam como se estivessem competindo.

Mel: Qual o nome dessa... desse lugar?⁸²

Dando continuidade à cena, os dois personagens recém apresentado, através de seus diálogos evocam um relato sobre o mito fundador da cidade, cuja narrativa aparece em diferentes versões nas diversas fontes analisadas, incluindo o trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), elaborado por Victor Rogério de Oliveira;

A existência de Arapuá remonta, segundo relatos orais, dos anos de 1850, onde o que circulava pelas poucas estradas que existiam eram os carros de bois. Numa região que, até então, pertencia ao município de Rio Paranaíba. [...] Em um pequeno povoado de nome Mata do Salgado⁸³ [...] havia uma única saída para se chegar a um grande pé de Jatobá. Tal Região recebera o nome de “Marinheiro”, [...] Neste mesmo local onde se localizava o tal pé de Jatobá e que para muitos era um ponto de encontro para as mais diversas programações, havia também uma enorme colmeia, cujas abelhas eram desconhecidas. Passando algum tempo, duas famílias muito tradicionais na região, os “Fradiques” e os “Salgado”, marcaram uma pequena reunião, num sábado qualquer,

⁸² DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.3

⁸³ Atualmente distrito do município de Carmo do Paranaíba.

bem embaixo do tal pé de jatobá e, entre os vários assuntos, falou-se muito sobre o possível nome das tais abelhas da colmeia. Não sabendo, portanto, o nome correto, se irá-poã, arapuã ou arapuá; a origem do nome acabou sendo encontrada no vocabulário brasileiro “irá-põa” que significava mel de abelha da colmeia redonda. Como a preferência de todos era pelo nome de Arapuá, a partir de então o local conhecido como Marinheiro passa a se chamar Arapuá.”⁸⁴

Outra versão também está disponível no livro do memorialista Sinval Boaventura;

A cidade de Arapuá recebeu esse nome "Arapuá " (Arapoá), que vem do tupi-guarani, devido a uma morada de abelhas arapuá, no local onde seria criado o primeiro povoado [...] assim "Ira-poã" (mel redondo). [...] O local onde se localiza a cidade de Arapuá, era uma floresta pertencente ao município de Rio Paranaíba. De onde saía uma estrada do povoado de Mata do Salgado e passava no meio da floresta. Sendo que, no centro da floresta havia uma árvore de nome "Marinheiro", a qual possuía uma enorme morada de “abelhas arapuá”. As famílias Salgado e Fradiques vindas de dores do Indaiá e Pitangui, e a família Luiz provida da Fazenda Lages no município de Rio Paranaíba, marcaram um encontro ao pé do Marinheiro, em que começaram a roçar o mato e construir as primeiras moradas. Em 1888, a família Luiz da Silva doou o terreno em que foi construído o primeiro cruzeiro. Após um tempo criou-se a primeira capelinha e, mais tarde, o cemitério cercado de madeira lavrada. Aos poucos, a mata foi sendo destruída e construídas pequenas casas.⁸⁵

Já para a construção dos diálogos na peça foram usados, tanto as informações da página 06 do livro de tombo da Paróquia São João Batista, quanto os trechos tirados de obras baseadas na história oral, para formar uma cena crível e factível, que mostrasse de diferentes versões de como deu a formação do território.

Ação: Eles falam e gesticulam como se estivessem lembrando, os alunos se sentam também.

Francisco: Oia o povo passava muito por essa estrada pra chegar nas roças, essa árvore grande marcava o lugar e nela tinha uma colmeia de abelha, ninguém sabia o nome então saímos perguntando, no fim as abelha chamava Arapuã, começaram a chamar de Arapuá depois que o Padre veio rezar aqui, chamaram de São João Batista de Arapuá, nois fizemos a Ermidazinha, marcamos a terra com um cruzeiro e então foram surgindo umas taperinhas em volta dela...

Luiz Cassiano: As terras era do Santo, mas aí o povo foi se acumulando, uns eram parentes, eles vinham de Pitangui, Ouro Preto, Goiás, uns jovens que nem vocês, casaram e vieram pra cá, o povo morava aqui mas se queria as coisas tinha que ir até São Francisco das Chagas...

⁸⁴ OLIVEIRA, Victor R. **Arapuá: Nascimento, Emancipação e crescimento tardio**. 2006. P.10. Trabalho de Conclusão de Curso História – UNIPAM, Patos de Minas, 2006. p?

⁸⁵ BOAVENTURA, Sinval. **Município de Rio Paranaíba foi ali que começou a minha Boaventura**. Publicação independente, 1995. p.83.

Mel: São Francisco das Chagas? No caso, Rio Paranaíba....

Manoel: Você precisa disfarçar melhor...

Eles tem uma conversa silenciosa, pelo olhar.

Francisco: É foi assim... Hora que nois viu, o lugar foi crescendo um povo foi acumulando e construindo as casas deles perto da igreja e nois... só deixou. O tempo foi passando e aqui foi se tornando um lar, famílias começaram e terminaram, foram fazendo as moradias do barro, mistura de esterco e areia⁸⁶, os carros de boi passando na estrada levando as coisa necessárias pra viver, as mulher lavando as roupas no corgo, as crianças novas marcando essa terra num lugar novo, a lida foi dura mas tudo veio com o suor de gente honesta.

Luiz Cassiano: Num foi fácil, ês construíram sozinhos, no meio da Mata, no pé da serra, doamos este pedaço de chão pela fé em São João Batista, e hoje, as casas vai surgindo as pessoas se acomodam e são felizes, sinto orgulho, isso aqui pode crescer num lugar bão desde que o povo continue honrando e trabalhando nessa terra, fazendo dela um bom lugar no mundo.

*Ação: Os dois olham em volta notando as mudanças, Francisco e Luiz se levantam prontos para voltar para casa deles, acenando em despedida.*⁸⁷

Esse diálogo tinha como intuito enfatizar não apenas o aspecto histórico, como também o aspecto cultural, ao entrelaçar elementos do imaginário social, tradições orais e saberes populares que ajudam a compor as múltiplas narrativas sobre a formação da cidade. Dessa forma, a cena articula o conhecimento documentado com as percepções e memórias transmitidas pela comunidade, evidenciando como a história oficial e a cultura popular compõem a cultura histórica e os processos de identificação dos habitantes.

Jörn Rüsen refere à noção de Cultura Histórica como o modo que uma sociedade interpreta, narra e utiliza o passado para dar sentido à sua identidade e orientar suas ações no presente e no futuro. Para Rüsen, a cultura histórica é uma articulação prática da consciência histórica na vida social, sendo fundamental para a construção de memórias coletivas, identidade cultural e orientação temporal dos indivíduos. Essa categoria envolve dimensões estéticas,

⁸⁶ “Residências circunvizadas por lotes baldios e revestidas por estrume fresco de gado, misturado a um tipo de areia encontrado em abundância nas intermediações da cidade. Estrume deixado por boiadas que passam continuamente, levantando poeira em busca de pasto verde para sua alimentação” OLIVEIRA, Márcio César. Lembrar e não chorar: **A Memória enquanto forma de Resistência Social** - Arapuá (1963 - 1980) p. 52.

⁸⁷ DOMINGUES, Lívia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.4.

políticas e cognitivas, refletidas em diferentes manifestações, como a produção acadêmica, os museus, os monumentos, a educação escolar e a memória pública.⁸⁸

Dando continuidade na cena seguinte há mais uma viagem no tempo, mas ela se passa simbolicamente quando a sinalização muda o ano de 1891 para 1923. Todas as transições de cena, que implicavam numa passagem de tempo foram feitas da mesma forma. Em continuidade, há algumas falas sobre como Mel e Manoel voltariam para o presente. Enquanto exploram o cenário da pequena cidade, eles encontram as nove Irmãs Cândida, figuras históricas da cidade, reconhecidas como matriarcas locais e homenageadas no nome de uma escola de educação básica do município. A escolha delas como personagens foi motivada tanto pela escassez de registros e fontes que destacassem figuras femininas na história local, mas também pelo desejo de dar voz e visibilidade aos feitos de mulheres “comuns”, matriarcas e pilares em suas famílias, não raro negligenciadas nas narrativas femininas oficiais e acadêmicas. Mulheres do campo envolvidas na formação da comunidade e na construção da história.

“o relato histórico das mulheres é marcado por silenciamentos e esquecimentos, configurando uma incompletude historiográfica e social. Esses silenciamentos são marcados por relações de poder e por seleções interessadas, vinculadas às formas como as mulheres são vistas na sociedade e às relações desiguais de gênero que as envolvem”.⁸⁹

Na peça, as Irmãs Cândida surgem em meio a uma música animada, vestidas com trajes da época. Em um clima descontraído, elas se apresentam e interagem com os visitantes. A data na sinalização informa que a cena se passa na década de 1920; entretanto, é necessário sublinhar que essa data é uma licença poética. Para que a cena fizesse sentido, todas as irmãs precisavam estar na juventude e solteiras, já que não há menção de seus maridos nas falas. As projeções de suas idades na vida real não coincidem com a daquela na cena: a irmã mais velha, Maria Rita, que nasceu em meados de 1900, já poderia estar adulta e casada no ano de nascimento da mais nova. Imaginar que todas eram jovens adultas e solteiras em 1920 foi a uma maneira de encaixá-las na cena.

Na cena, as irmãs conversam com os alunos e os convidam para um forró em comemoração à elevação do povoado a distrito. Após a partida das irmãs, os alunos refletem sobre o papel delas na história da cidade e compreendem, com espanto e admiração, como pessoas comuns se tornam figuras importantes com o passar do tempo.

⁸⁸SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Cultura Histórica e Aprendizagem Histórica**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014

⁸⁹GIOVANNETTI, Carolina. **Documentos curriculares em contexto de avanço reacionário: os silêncios das histórias das mulheres e as relações de gênero no Ensino Médio brasileiro**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. 2020. p. 98.

Nessa cena também é introduzido, de maneira discreta uma vez que a atriz chega ao palco pela lateral, o personagem "Dono do Boteco" que exerce uma função narrativa estratégica: ele atua como um mediador entre o público e a história, ajudando a situar a cena no tempo, no espaço e no enredo. Com falas breves, ele introduz as Irmãs Cândida ao público e aos protagonistas (Mel e Manoel). Ao chamá-las por apelidos carinhosos e interagir de forma familiar com elas, o dono do boteco também reforça o ambiente comunitário e intimista do vilarejo, além disso, ao mencionar a entrega de encomendas para o forró, ele contribui para o encadeamento da narrativa, dando sentido à presença das personagens femininas e à construção do clima festivo que será desenvolvido no diálogo. Sua presença funciona, portanto, como uma ponte entre os diferentes núcleos da cena e como um recurso para tornar mais fluida e verossímil a entrada das Irmãs Cândida na trama.

Título: 1923.

Ação: Manoel se afasta em direção à mercearia, e começa a conversar com o vendedor tentando pagar com dinheiro moderno algumas bebidas. Mel se senta no banco.

Ação: Tudo parece calmo, uma música divertida começa a tocar, da plateia nove moças se levantam e se encontram no palco, elas se dispõem conversando juntas, todas vestidas com roupas típicas de 1920.

Manoel que estava de costas se vira e percebe a quantidade de meninas agora no recinto.

Manoel: Nossa.

Dono do Boteco: Pois é; essas são as Irmãs Cândida, as moças mais bonitas da cidade.

Maria Rita, junto da Francisca Maria se aproximam da venda e de Manoel.

Dono do Boteco: Boa tarde! Ritinha! Dinha Chica!

Francisca Maria: Boa tarde! Nós veíamos buscar as encomendas para o forró de hoje à noite.

Ação: O dono do Boteco pega o vinho e entrega a elas, no meio do palco Nicolina conversa com Mel.

Nicolina: Oeis não são daqui, né? Eu num conheço ocêis e eu conheço todo mundo daqui.

Ozídia: Nicolina oia a educação, Calilica (Maria Cândida) vem cá oia isso.

Maria Cândida: A Nicolina está incomodando oceis? Didida o que foi que ela falou?

Mel: Não não, tudo bem. Nós não somos daqui mesmo, viemos visitar nossa avó.

Geralda Maria: Oia coisa boa, Oceis falam tão chique parece até da cidade grande, oceis não quer vim no forró lá em casa não, o que oce acha Analina, ês parece gente boa?

Analina Maria: Oia Tuta (Geralda) parece sim, viu? Nois mora logo ali em cima do morro, oceis tão tudo convidado.

Mel: Nós dois adoráramos ir, que ocasião seria?

Ozídia: Nosso pai está feliz. Ficou sabendo pelo padre, São João Batista de Arapuá se tornou distrito! Ele é um homem saudoso mora nessa região há muitos anos e quer comemorar essa conquista.

Ação: Manoel se aproxima da roda de mulheres, ao seu lado Francisca e Maria Rita estão carregando as encomendas do seu pai.⁹⁰

Nesse trecho há a menção de uma festa (fictícia) realizada pelo pai das irmãs Antônio Francisco da Silva (Antônio Cândido) para comemorar o fato de São João Batista de Arapuá ter se elevado da categoria de arraial para distrito. O evento foi incluído tanto para servir de motivação para as irmãs que residiam na zona rural de Arapuá irem até o povoado comprar suprimentos quanto para informar o público a data desse acontecimento histórico, informação retirada também do livro de tombo da paróquia;

“No ano de 1927 no dia dezessete de maio sobre a presidência do Exmo. senhor Francisco Carlos Pereira de Andrade o qual por delegação especial do Exmo. senhor juiz de direito da comarca de Carmo do Paranayba presenciou a ata de instalação do districto de São João de Arapuá de conformidade do artigo 8º da lei nº879 de 27 de janeiro de 1925”⁹¹

Em seguida, cada irmã tem sua fala para se apresentar. Com o objetivo de construir um retrato mais fiel de suas personalidades, buscamos conversar com a pedagoga aposentada Maria Bárbara de Oliveira, filha de Francisca, uma das nove irmãs, que conviveu com todas elas e pôde compartilhar lembranças valiosas. A partir desse contato, reunimos informações sobre os traços marcantes de cada uma, seus apelidos carinhosos, a quantidade de filhos que tiveram e curiosidades do cotidiano familiar. Esses pequenos detalhes, ricos em afeto e memória, foram incorporados às falas das personagens, de modo que, ao se apresentarem para

⁹⁰ DOMINGUES, Lívica. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.5

⁹¹ **LIVRO DE TOMBO** – Paróquia São João Batista, 1937 – 1994. p. 05.

Mel, Manoel e para o público, cada irmã revelasse não só um nome, mas também uma identidade.

Nicolina: Ô Santa (Leontina), Gogome (Maria Antônia) chega aqui, nos fez uns novos amigos, qual que é o nome do seis?

Ação: Todos juntos agora em um semi círculo.

Manoel: O meu nome é Manoel... Boaventura, essas é a minha prima Mel, viemos visitar nossa avó.

Maria Rita: Bão demais, meu nome é Maria Rita, mas todo mundo me chama de Ritinha ou Dinha, eu sou a mais velha de nois tudo.

Francisca: Meu nome é Francisca Maria, mas pode me chamar de Dinha Chica, vai ser muito bão conversar com oéis lá na festa.

Maria Antônia: Eu sou a Maria Antônia, me chamam de Gogome.

Ação: Ela dá um sorriso tímido.

Nicolina: Ela é a mais calada de nois tudo.

Ozídia: Eu sou a Ozídia, mas é Didida pra oéis, muito bão conhecer oéis.

Maria Cândida: Meu nome é Maria Cândida mas pros bons é Calilica, Prazer.

Ação: Ela responde de maneira séria.

Nicolina: Eu sou a Nicolina ou só Colina às vezes, e quero dançar pelo menos uma vez contigo ô rapaz.

Ação: Manoel parece envergonhado e abaixa a cabeça.

Leontina: Meu nome é Leontina todos me chamam de Santa viu, faço gosto de conhecer oéis.

Geralda Maria: Eu sou a Geralda Maria, ou Tuta, nós vai preparar tudo lá em casa para receber oéis viu.

Analina: Já eu sou a mais nova, me chamo Analina, nós espera oéis lá.

Ação: As nove saem do palco felizes.⁹²

Nesta cena, Mel e Manoel aparecem sozinhos no palco, preocupados com a possibilidade de ficarem presos no passado, suas ações tem a intenção de provocar no público

⁹² DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.6.

os sentimentos de preocupação e incerteza. Houve mais uma passagem de tempo e a sinalização indica o ano de 1942. Os dois permanecem andando preocupados até que avistam um personagem, vestindo o uniforme de um combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e através dos diálogos e das interações com ele apresentamos mais uma personalidade referenciada:

Ato 3, Cena 4 (10 min)

Ação: Manoel mexe nervoso no relógio...

Manoel: Isso é muito estranho! Nós conhecemos os descendentes daquelas meninas, vivemos em um tempo em que todas elas estão já se foram...

Ação: Os dois andam pelo palco pesarosos e preocupados, não há outros figurantes em cena, quando se veem sozinhos se aproximam do relógio e olham para ele em suas mãos.

Mel: Meu Deus, como a gente vai voltar pra casa?

Manoel: Fica calma!

Ação: Mel passa as mãos pelo cabelo parecendo desesperada.

Mel: Ficar calma? Nada fácil! Estamos muito longe, não há história regional no currículo das escolas! Podemos estar correndo perigo!

Manoel: Olha pelo menos sabendo que não houve uma guerra nem nada.

Ação: Nesse momento um rapaz vestido de soldado aparece, ele passa na venda para se despedir do dono com um abraço. Curiosos os dois alunos se aproximam dele. Os dois o cercam e procuram conversar.

Mel: Oi, desculpa a curiosidade, mas, você está com um uniforme militar... qual o seu nome?

Ação: Manoel fica mais distante ouvindo, Mel parece ter um interesse genuíno no jovem soldado.

Dono do Bar: Quem é esse aqui, Mocinha? Um rapaz corajoso, parte hoje com mais alguns pra São João Del Rey. Vai lá ser herói.

Ação: O rapaz sorri e parece divertido com o amigo.

Francisco: Meu nome menina, é Francisco de Paula Moura Neto, muito prazer, qual o seu nome?

Ação: Ela sorri animada.

Mel: Me chamo Mel, me diga você vai para a guerra na Europa? Como nos filmes?

Ação: O dono do bar decide então entrar de volta em seu

estabelecimento deixando os estudantes e o jovem soldado sozinhos.

Francisco: Eu vou sim! Vou lutar na Europa! Vou defender a pátria com muito orgulho, filhos do Brasil nunca fogem à luta!⁹³ E eles vão se arrepender por afundar nossos navios!

Mel: Nossa, isso é muito legal: um ato de heroísmo mesmo!

*Ação: Ele sorri pra ela, mesmo achando estranho as suas falas, anda um pouco pelo palco mostrando uma presença. Bella Ciao começa a tocar.*⁹⁴

A fala de Francisco faz referência ao momento tenso que a política internacional brasileira enfrentava no início do século XX, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto, o Brasil encontrava-se em uma posição diplomática delicada, buscando equilibrar suas relações entre os países do Eixo, como Alemanha e Itália, e as potências aliadas, especialmente os Estados Unidos. Getúlio Vargas, então chefe do Estado Novo, adotava uma postura de neutralidade estratégica, utilizando as negociações com ambos os lados como forma de obter vantagens econômicas e fortalecer o projeto nacional-desenvolvimentista. Essa ambiguidade política refletia-se internamente em debates, suspeitas e tensões, inclusive com setores da população divididos quanto às suas simpatias ideológicas. A entrada definitiva do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados, só se consolidou em 1942, após os ataques de submarinos alemães a navios brasileiros.

"Ricardo Seitenfus afirma que foi a Alemanha que obrigou o Brasil a participar efetivamente da guerra ao ocasionar o impedimento da navegação comercial brasileira no Atlântico Norte, em particular com os Estados Unidos. A partir da metade do mês de fevereiro de 1942, os submarinos alemães entraram em atividade no Atlântico, no Caribe e ao longo do litoral brasileiro. Em 15 de fevereiro de 1942, o primeiro navio brasileiro foi afundado, o cargueiro Buarque; três dias depois, o mesmo ocorre com o cargueiro Olinda. De nada adiantaram os protestos diplomáticos do Brasil: uma segunda leva de ataques do Eixo foi retomada em agosto de 1942. De 15 a 17 daquele mês, cinco navios brasileiros são afundados em águas do nosso território."⁹⁵

Na peça, a fala de Francisco ecoa esse período de incerteza e disputa geopolítica, em que a definição do posicionamento brasileiro foi marcada por interesses estratégicos, pressões externas e o desejo de modernização industrial do país.

"Com o afundamento dos navios brasileiros, o país se viu perante mais de quinhentos mortos em uma guerra da qual ainda não fazia parte. Daí a afirmação de Seitenfus

⁹³ Referência a frase: "Verás que um filho teu não foge à luta" DUQUE ESTRADA, Joaquim Osório; DA SILVA, Francisco Manuel. **Hino Nacional Brasileiro**. Letra de Joaquim Osório Duque Estrada; música de Francisco Manuel da Silva.

⁹⁴ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.7.

⁹⁵ SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial**, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 42/43

sobre a imposição alemã: em 22 de agosto do mesmo ano, Getúlio reconhece o Estado de Beligerância entre Brasil, Alemanha e Itália, que nove dias depois será transformado em Estado de Guerra.”⁹⁶

Encontrar fontes sobre Francisco de Paula Moura Neto se mostrou uma tarefa complexa desde o início. A informação no senso comum indicava apenas que o Expedicionário Moura Neto, natural de Arapuá, teria se voluntariado para lutar na Segunda Guerra Mundial e falecido em combate, motivo pelo qual uma rua da cidade recebeu seu nome em homenagem⁹⁷. No entanto, aprofundar a pesquisa sobre sua trajetória revelou-se desafiador. Sua família não residia mais na cidade, seus pais já haviam falecido, e os registros sobre sua vida, como cartas enviadas do front, documentos pessoais e medalhas conquistadas, estavam espalhados entre diferentes membros da família, dificultando o acesso para montar um acervo de informações mais coeso. Ainda assim, Francisco se mostrou um personagem com grande potencial narrativo, tanto por integrar o imaginário coletivo da cidade quanto por despertar o interesse dos alunos, que se envolveram genuinamente com a ideia de representá-lo.

Foi apenas mais tarde, ao pesquisar sobre a história da igreja Assembleia de Deus em Arapuá, que encontrei informações relevantes sobre Francisco em um livro disponível no acervo da própria congregação. A obra, escrita por Wilson Rodrigues dos Reis, historiador formado pelo Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), foi publicada em 2018 e tem como foco principal a trajetória do pastor Osmar dos Santos Moura, irmão de Francisco e figura de destaque na congregação de Patrocínio. Com sensibilidade histórica, Wilson dedicou um capítulo inteiro à memória de Francisco de Paula Moura Neto, oferecendo detalhes valiosos sobre sua vida, seu engajamento na Força Expedicionária Brasileira e as circunstâncias de sua morte durante a Segunda Guerra Mundial.

“Embevecido pelas histórias heroicas em forma de romance de cavalaria medieval, Francisco de Paula Moura Neto diversas vezes falou para sua mãe: *"Tenho grande desejo de ser um herói. Eu tenho coragem de derramar o meu sangue pela minha pátria"* Para cumprir o seu sonho heroico Francisco de Paula Moura Neto se alista no 11º batalhão de infantaria de montanha - Regimento Tiradentes -, Organização militar do Exército Brasileiro na cidade mineira de São João Del Rey. Durante a Segunda Guerra Mundial integrou a força expedicionária brasileira, que combateu o nazifascismo em terras Italianas. Tomar parte em todas as vitórias da Força Expedicionária Brasileira: MONTE CASTELO, COLECHIO, CASTELNUOVO, entre outras. No entanto, o 11º RI, com seus três batalhões consagrou-se definitivamente pela sua atuação heroica em MONTESE em 14 de abril de 1945. Infelizmente, o soldado expedicionário Francisco de Paula Moura Neto tombou na

⁹⁶ SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial**, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 42/43

⁹⁷ [...] Art. 1º - As ruas da cidade de Arapuá, passarão doravante a ter as seguintes denominações[...] Rua 14... Expedicionário Moura Neto. CÂMARA MUNICIPAL DE ARAPUÁ. **Projeto de lei nº07/87** de 15 de março de 1987. Modifica a denominação de Ruas da Cidade. 1987.

batalha antes do fim da guerra. Em 30 de novembro de 1944, em uma das batalhas travadas em Monte Castelo, o 11º Regimento de infantaria da FEB sofre algumas baixas no seu batalhão. A batalha no front de Monte Castelo durou 3 meses, de 24 de novembro 1944 a 02 de fevereiro 1945.⁹⁸

As cartas deixadas por ele foram preservadas pela família, e tornaram-se valiosos registros históricos, as cartas escritas por ele, revelam aspectos da experiência pessoal de Francisco. Em determinado momento, essas lembranças foram compartilhadas publicamente: familiares postaram nas redes sociais imagens das medalhas e trechos das cartas, num gesto de homenagem essa exposição digital serviu como tributo a memória de Francisco e permitiu que as novas gerações tivessem contato com uma parte do legado deixado por ele:

Figura 6 - Trecho de uma das cartas e Foto da medalha de Francisco de Paulo Moura Neto.



Fonte: GONÇALVES, Vasti. Gôiania, story postado em jun. 2020. Facebook: Vasti Gonçalves. Indisponível.

A medalha recebida foi conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados, que participaram de operações de guerra, segundo decreto de lei⁹⁹,

“§ 1º A Medalha de Guerra é destinada, a premiar os oficiais da ativa, da reserva e reformados, e civis que tenham prestado serviços relevantes, de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiadas pelo Governo dentro ou fora do país, e também as Unidades e Subunidades

⁹⁸ REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2018.

⁹⁹ BRASIL. **Lei nº 6.795** DE 17 DE AGOSTO DE 1944. Cria, no Exército, as condecorações denominadas Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e Cruz de Combate. Presidência da República Casa Civil, Rio de Janeiro, RJ, 17 Ago. 1944.

(destacadas) que tenham tido, no mínimo, quatro meses de serviço efetivo de defesa do litoral e arquipélago de Fernando de Noronha. (Redação dada pelo Decreto-Lei nº 8.234, de 1945)”¹⁰⁰

As cartas (figura 6 e 7) foram escritas ainda no Brasil, antes de seu embarque para a Europa. Quanto ao motivo de Francisco nunca ter enviado novas correspondências durante seu tempo na Itália, diversas possibilidades podem ser levantadas. É possível que os relatos tenham se extraviado em meio às dificuldades logísticas do período de guerra, ou ainda que Francisco não tenha encontrado tempo ou condições adequadas para se comunicar, dada a intensidade dos treinamentos e, posteriormente, das operações militares. Também não se pode descartar a hipótese de que ele tenha optado conscientemente por não escrever à família, como forma de poupá-los da dureza da realidade enfrentada no *front*.

Talvez, o conteúdo do que foi escrito por ele tenha sido considerado delicado demais, tanto por Francisco quanto por seus familiares, e por eventuais intermediários militares responsáveis pela triagem das correspondências dos soldados. É importante lembrar que, em contextos de guerra, as cartas passavam por censura militar, e conteúdos que pudessem revelar informações estratégicas ou afetar o moral da tropa e das famílias eram frequentemente retidos.

“Logo após o ataque malgrado de Castelnuovo di Gerfagna, todos os correspondentes brasileiros foram proibidos de ir ao *front*. Familiares e amigos recebiam pouca ou nenhuma notícia dos soldados que conheciam. Notícias, quando havia, chegavam por meio de crônicas escritas pelos correspondentes de guerra ou pelas cartas chegadas da Itália, de conteúdo severamente limitado pela censura.”¹⁰¹

Outra possibilidade a ser considerada é a de que não houve tempo hábil para que certas ações ou comunicações fossem realizadas. Na seguinte carta, datada de 27 de abril de 1944, Francisco ainda se encontra em Belo Horizonte, o que indica que estava em trânsito ou aguardando designação definitiva. Segundo aponta Reis (2018), sua morte ocorreu no dia 25 de novembro de 1944, apenas sete meses após a redação dessa correspondência. O intervalo relativamente curto entre a escrita da carta e seu falecimento pode indicar que sua passagem pelo exército ocorria de maneira frenética, hipótese a que considerando o cenário organizacional do exército, em transição à época.

“A doutrina militar francesa, introduzida no Brasil a partir de 1921, era orientada pela mentalidade de guarnecer defensivamente grandes extensões territoriais, aguardar que o inimigo tomasse a iniciativa e então responder com um contra-ataque em massa [...] as novas técnicas americanas não provinham da antevisão ou de previsões de gênios

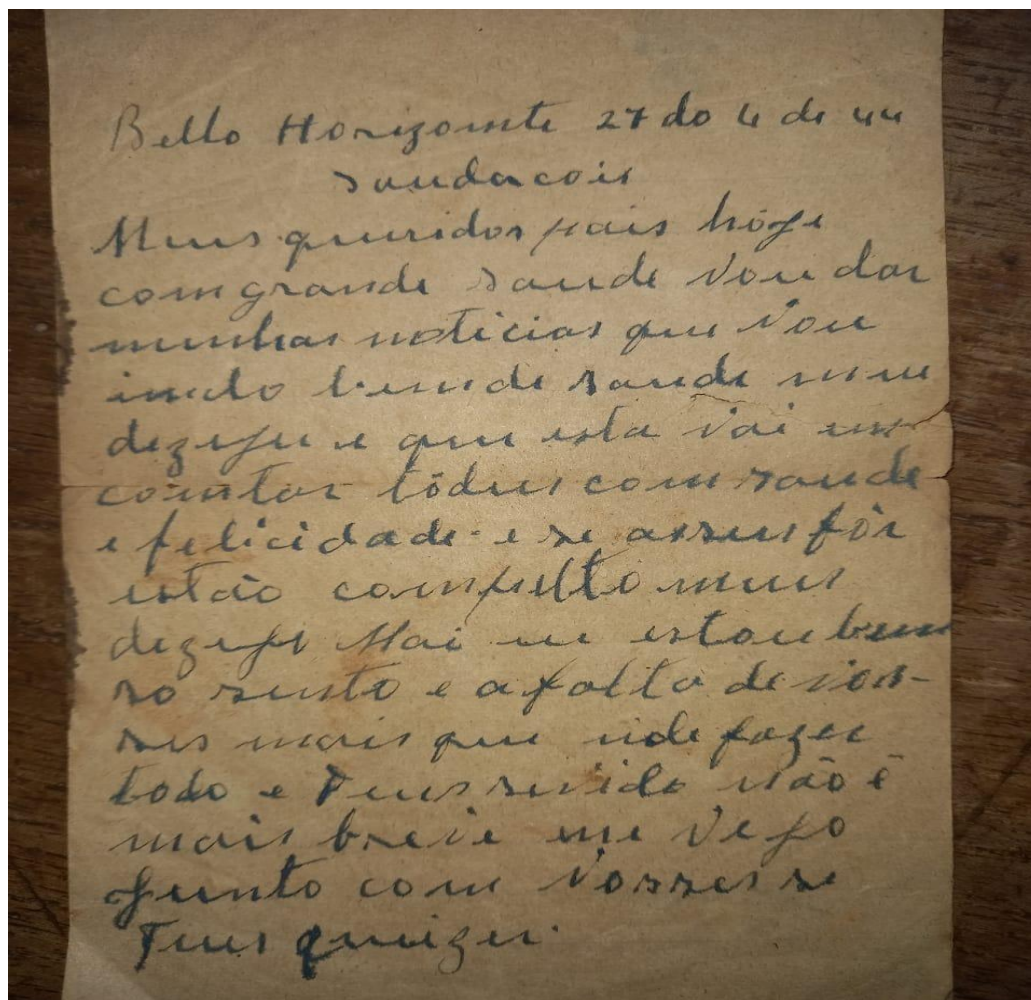
¹⁰⁰ BRASIL. **Lei nº 6.795** DE 17 DE AGOSTO DE 1944. Cria, no Exército, as condecorações denominadas Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e Cruz de Combate. Presidência da República Casa Civil, Rio de Janeiro, RJ, 17 Ago. 1944. Art. 1º.

¹⁰¹ MAXIMIANO, Cesar C. **Barbudos, sujos e fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. 2ª Edição. São Paulo. Editora Grua, 2021. Recurso eletrônico. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Barbudos-sujos-fatigados-Soldados-brasileiros-ebook/dp/B098BT9H1N/ref=tmm_kin_swatch_0. Acesso em: 31 de julho 2025. p. 74/75.

militares”¹⁰²

A carta por sua raridade, ganha um valor simbólico e afetivo ainda maior, representando um dos derradeiros escritos deixados por Francisco antes de falecer.

Figura 7 - Carta de Francisco P. Moura Neto.



Fonte: GONÇALVES, Vasti. Gôiania, story postado em jun. 2020. Facebook: Vasti Gonçalves.

Esta carta preservada pela família; foi escrita por ele antes de sua partida para o campo de batalha na Itália, em seu tempo tinha um conteúdo tranquilizador onde ele repassava as informações de seu estado de saúde e votos de uma reunião em breve. Nosso olhar contemporâneo sobre ela é marcado por forte carga emocional, pois sabemos que ele não voltou para casa. A carta revela não apenas os sentimentos de saudade e senso de dever que ele possuía na época, mas também aspectos de sua mentalidade e personalidade:

¹⁰² MAXIMIANO, Cesar C. **Barbudos, sujos e fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. 2ª Edição. São Paulo. Editora Grua, 2021. Recurso eletrônico.

1. Belo Horizonte, 24 do 04 de 44
2. Saudades
3. Meus Queridos pais hoje
4. com grande saúde vou dar
5. minhas notícias que vou
6. indo bem de saúde meu
7. desejo é que está vai en-
8. contrar todos com saúde
9. e felicidade. e se assim for
10. estão completo meus
11. desejo. Mãe eu estou bem
12. só e sinto a falta de vos -
13. seis mais que vide fazer
14. todo e Deus servido não é
15. mais breve me vejo
16. junto com vocês se
17. Deus quizer.¹⁰³

O legado de Francisco também respinga na vivência religiosa da época, Após a sua morte sua mãe a Sra Floripes, se converteu à fé da igreja Assembléia de Deus da Madureira:

“Dona Floripes, ate então católica, aceitou a Jesus durante um culto evangélico realizado na cidade de Arapuá-MG, e, durante uma oração dela feita na cozinha de sua simples casa o seu filho Osmar dos Santos Moura foi batizado pelo Espírito Santo de Deus, naquele momento Dona Floripes então disse: “Assim como perdi um filho para a guerra dos homens entrego meu filho Osmar para batalhar na obra do Senhor”, afirmou. Assim começou a saga desse grande homem.”¹⁰⁴

Wilson Rodrigues dos Reis (2018) passa boa parte de seus primeiros capítulos descrevendo as vicissitudes enfrentadas pelos primeiros membros da igreja Assembleia em Arapuá,¹⁰⁵ o que enriqueceu ainda mais a compreensão do cenário religioso e cultural local, também sobre o núcleo familiar em que Francisco foi criado. Essa descoberta inesperada ampliou significativamente a compreensão sobre o personagem, conectando sua história pessoal com a figura histórica dele, além da formação religiosa e cultural do município.

Assim, ao escrever as falas e definir as interações do personagem Francisco, buscou-se incorporar traços de sua personalidade conforme sugerido pela fonte disponível. Através da leitura e interpretação do livro, Francisco de Paula Moura Neto revelou-se como um jovem

¹⁰³ MOURA, Francisco dos Santos. [Carta]. Belo Horizonte 27 abr. 1944. Acervo pessoal de familiares, Arapuá – MG.

¹⁰⁴ IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS. Nossa História. Disponível em: <https://ieadip.com/nossa-historia/>. Acesso em: 30 jul. 20

¹⁰⁵ REIS, Wilson Rodrigues. O Patriarca: Osmar dos Santos Moura. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2018. p.1-304

idealista, corajoso e determinado, características que ajudaram a moldar sua representação na peça. Suas falas foram elaboradas para refletir esse espírito de alguém animado, patriótico e entusiasmado, transmitindo ao público não apenas a figura de um soldado que partiu para a guerra, mas também a de um jovem arapuense que acreditava em valores como bravura e honra. A escolha das palavras, o tom empregado, a música escolhida (BELLA CIAO piano Version) e sua postura em cena foram pensados para que sua memória fosse evocada com dignidade, despertando empatia e curiosidade na plateia especialmente entre os alunos, que puderam se aproximar de sua história por meio da encenação.

Francisco: Disseram tantas coisas... nos menosprezaram, mas não podem ignorar eternamente as agressões e eu te digo moça, o Brasil vai fazer bonito vamos mostrar pra eles bravura, mesmo com menos treinamento, mesmo com dificuldades!

Manoel: Boa sorte, se orgulhe mesmo disso! Você lutará contra a pior face da maldade e da crueldade Humana, e o mundo verá dias melhores por causa disso.

Francisco: Obrigado, tenho que ir então. Adeus para vocês!

Ação: Francisco e Manoel apertam as mãos sorrindo, ele se despede e dá um sorriso para Mel enquanto sai pelo corredor.

Mel: Eu simplesmente não tinha ideia que havia um veterano de guerra aqui de Arapuá!

Manoel: Ele foi um herói, uma rua recebeu o nome dele...

Ação: Mel parece bastante encantada com ele, olhando pensativa pro caminho que ele seguiu.

Mel: E com quem será que ele casou quando voltou da guerra?

Ação: Manoel parece triste e olha para a amiga preocupado com sua reação.

Manoel: Ele não volta, Mel.

Mel: Como assim?

Manoel: Francisco de Paula Moura Neto e outros 453 soldados da força expedicionária Brasileira não voltam da guerra.

Mel: Mas... ele... que isso todo mundo que sai de Arapuá volta para cá em algum momento.

Manoel: Ele não volta, faleceu em combate, o Francisco nunca retornou...

Ação: Mel olha para ele meios triste, (talvez chorando)

Mel: Mas ele estava bem aqui, na nossa frente..., ele merecia ter uma família.

Ação: Ela faz menção de ir atrás dele para impedir que viaje e vá para a Europa, mas Manoel segura o seu braço.

Manoel: Você não pode interferir.

Mel: Podíamos pelo menos avisá-lo! Pra ele tomar cuidado!

Ação: Manoel segura a mão dela.

Manoel: Não podemos mudar nada no passado, o que tiver de ser será.¹⁰⁶

A seguinte fala de Manoel; “Boa sorte, se orgulhe mesmo disso! Você lutará contra a pior face da maldade e da crueldade Humana, e o mundo verá dias melhores por causa disso”¹⁰⁷, faz referência ao Facismo Italiano, que segundo os currículos escolares de 2024¹⁰⁸, os alunos em questão já haviam estudado. Segundo o dicionário Político a definição de Facismo é:

“**Fascismo:** Palavra de origem italiana. Deriva de «fascio» — o feixe de varas, distintivo próprio dos cônsules da Roma antiga. Do ponto de vista do seu conteúdo, o fascismo é a forma mais reaccionária, abertamente terrorista, da ditadura do capital financeiro. Esta ditadura é evidentemente instaurada pela burguesia imperialista para prolongar o seu domínio”¹⁰⁹

A fala de Manoel: “Você não pode interferir”, traz espaço para uma boa discussão, seja sobre a função social do historiador ou sobre os caminhos que orientam a construção do conhecimento histórico. Uma questão teórico-metodológica central emerge: é o passado que interfere no presente ou são as questões do presente que moldam a forma como interpretamos o passado? Essa tensão revela a historicidade da própria História enquanto disciplina. Não é neutra nem fixa, mas permeada pelas demandas, sensibilidades e perguntas do tempo presente. A partir dessa perspectiva, o historiador deixa de ser apenas um narrador de fatos antigos e assume o papel

¹⁰⁶ DOMINGUES, Lívia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.8.

¹⁰⁷ DOMINGUES, Lívia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.8.

¹⁰⁸ De acordo com as diretrizes estabelecidas no Currículo Referência de Minas Gerais (2025), os alunos do 9º tem como Unidade temática: Totalitarismos e conflitos mundiais, como Objetos de Conhecimento: A emergência do fascismo e do nazismo A Segunda Guerra Mundial Judeus e outras vítimas do holocausto e como Habilidades e seu respectivo código: (EF09HI13X) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto), trazendo a reflexão para as tendências totalitárias na contemporaneidade. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais: Etapa do Ensino Fundamental – anos finais**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2025. p. 808.

¹⁰⁹ SOARES, Fernando Luso. **Introdução à Política I** e Michel, Henri, **Os Fascismos**, Col. Universidade Moderna, nº 56, Publicações Dom Quixote, 1977, p.137-138.

de mediador entre tempos, memórias e experiências, construindo sentidos a partir das necessidades atuais de compreensão. A cena evocada permite pensar que o passado não é um depósito imutável de acontecimentos, mas um campo em disputa, reatualizado constantemente conforme as inquietações sociais e políticas.

A cena seguinte contou com poucos atores em destaque, mas exigiu a participação de cerca de 10 alunos para ser executada com êxito. Senti a necessidade de incluir uma referência à festa junina, por reconhecer sua importância simbólica dentro do cenário cultural e religioso de Arapuá. Essa celebração, tão presente no cotidiano da cidade, carrega significados afetivos e identitários para a comunidade. No entanto, em vez de representar a festa como ela é vista hoje, optei por retratar um momento que sugerisse seu início ou uma fase de fortalecimento da tradição, inspirada na primeira menção à festa junina encontrada no livro de Tombo da paróquia:

Ação: Eles ficam em silêncio por um momento, logo o barulho de um avião pode ser ouvido junto da música, folhetinhos são jogados do céu (Espalhados a partir da prova, as crianças pegam a maioria deles, os outros são jogados para a plateia) neles o piloto, doutor Francisco de Araújo, médico de Bom Despacho, sobrevoou a cidade jogou o boletim que foi lido por todos no qual o ilustre clínico dá parabéns ao vigário e ao povo pela festa de São João (junho de 1945).

Ação: Mel lê os informes do folhetim e sorri.

Mel: O ilustre clínico doutor Francisco de Araújo, médico de Bom Despacho congratula o vigário e o povo de Arapuá pela festa de São João Batista. Junho de 1945.

Manoel: Eu não acredito que a festa já existe há uns 80 anos! É tradição é uma antiga e famosa manifestação cultural da nossa cidade! E a gente nem pensa nisso quando vai lá ver as barraquinhas.

Ação: Manoel diz isso olhando especificamente para a Mel.

Mel: Olha tá meio óbvio que eu menosprezei muita coisa que não deveria, você quer por favor parar de me fazer ficar culpada?!¹¹⁰

A primeira referência à festa junina no livro de Tombo é datada de junho 1945, assinada pelo Monsenhor Vicente Mendonça, junto do Padre Antônio Monteiro de Barros;

“fizemos com a máxima solenidade a oferta de São João a zelar o movimento [...] pois bem, avendo primeiras comunhão missa contratada abrilhantadas pela banda de música de Arcos, que tocou o hino nacional na hora da elevação. Na missa do fardo um avião passou e voou sobre o céu arapuense, avendo o piloto doutor Francisco de

¹¹⁰ DOMINGUES, Lívia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.8.

Araújo [...] médico de Bom Despacho jogado um boletim que foi prazerosamente lido por todos no qual o ilustre clínico congratilou como o vigário e o povo pela festa de São João”¹¹¹

Para representar o contexto descrito no livro de tombo, criamos uma encenação que simulava o lançamento aéreo de folhetos comemorativos, conforme relatado na fonte histórica. Utilizamos um efeito sonoro de avião que foi reproduzido no sistema de som momentos antes da ação e cerca de oito alunos, posicionados estrategicamente nas janelas e nas portas do refeitório, segurando os pequenos folhetos impressos com uma mensagem de parabenização assinada pelo Doutor, figura mencionada no livro, e com a data do acontecimento. No momento certo, os alunos lançaram os folhetos para o alto, de modo que caíssem tanto sobre a plateia quanto no palco, criando uma experiência imersiva. Os dois personagens principais, ao recolherem os papéis no palco, leram o conteúdo em voz alta, reforçando a ligação entre o documento histórico e a narrativa dramatizada.

A cena seguinte também apresenta um salto temporal, transportando a narrativa para o ano de 1951, período em que Arapuá já contava com a presença de outras duas igrejas, além da Igreja Católica: a Assembleia de Deus e a Igreja Presbiteriana. A escolha desse recorte temporal foi motivada pelas características das principais fontes primárias utilizadas na pesquisa, como a revista da Igreja Assembleia de Deus, os arquivos da Igreja Presbiteriana e o próprio Livro de Tombo da Igreja Católica. Esses documentos revelam que muitos dos acontecimentos registrados nesse período estavam profundamente ligados à vida religiosa da cidade, ou ao menos faziam referência direta às instituições e às práticas confessionais locais.

Ao lê-las, tornou-se evidente nas fontes a existência de tensões e disputas entre católicos e protestantes ao longo do século XX, em especial durante os anos 1940 - 1950. Esses conflitos, embora sutis em alguns registros e mais explícitos em outros, refletiam mudanças sociais, resistências e adaptações que ocorriam na comunidade à medida que ela ia crescendo com o passar das décadas. Representar essas relações na peça revelou-se abordagem relevante para explorar um aspecto importante da história de Arapuá.

A cena resultante permitiu ao público compreender como os espaços de fé, mais do que apenas lugares de culto também eram monumentos culturais e foram cenários de disputas, transformações e convivências. Assim, uma música de suspense fez parte da trilha sonora enquanto os fatos se desenrolavam:

Ação: Os dois ficam em silêncio, na cena, um personagem (Criança) entra e joga uma pedra no telhado de uma casa, Manoel a pega pelo

¹¹¹ LIVRO DE TOMBO – Paroquia São João Batista de Arapuá, 1937 -1986. p. 32.

bracinho e pergunta sério.

Manoel: Por que você fez isso menino?

Pedro Pires: Aninha já disse pra não fazer isso, viu!

Ação: Aninha pisa no pé de Manoel e corre para o pai chega perto dele e coloca a língua para fora, um personagem secundário que aparenta raiva de Pedro Pires.

Personagem Católico: Oia sô? Nnum encosta na minha filha não!

Mel: A menina tava jogando Pedra na casa das pessoas! Isso é muito feio.

Manoel: Não pode fazer isso...

Pedro Pires: Isso é verdade, eu vi, tacou pedra na casa de Seu Nicanor.

Personagem Católico: Pois fui eu que mandei ô Pedro Pires, que que tem? É uma casa de protestante.

Ação: Os dois alunos ficam calados, pois nunca haviam visto intolerância religiosa aparente assim.

Pedro Pires: Pois eu venho dizendo, não é certo ficar com agressividade e hostilidade, afinal somos todos cristãos, né?

Personagem Católico: E o que que você tem com isso ô Baiano? Ocê nem é daqui.

Pedro Pires: Eu não nasci aqui, mas gosto de morar em Arapuá. Separar o povo não é a resposta. Arapuá é nosso lar, e a gente devia era trabalhar junto pra deixá-la forte e boa.

Personagem Católico: Pois eu não dou a resposta que ocê merece por que estou na frente da criança, mas oce vai ver!

Ação: O pai sai de cena segurando o filho pela mão.

Manoel: Nossa, por que ele agiu assim?

Ação: Pedro se vira para os alunos, e abaixa a cabeça parecendo cansado.

Pedro: A primeira religião que chegou aqui foi a católica, com os párocos vindo de Rio Paranaíba. Depois, vieram os presbiterianos e a Assembleia de Deus. Mas os católicos não aceitaram isso muito bem, e tá virando, pouco a pouco, uma briga feia.

Mel: Isso é sério senhor... Pedro?

Pedro: Os cultos tão acontecendo nas casas dos irmãos, e eles tão se esforçando pra construir o templo deles, mas não tão sendo bem recebidos, não.

Mel: Mas ninguém vai fazer nada de mal, não é?

Pedro: Não sei lhe dizer, mas espero que não. Bom, já tô indo, espero que a visita de vocês seja sossegada. Aproveitem, viu?

Ação: Pedro se afasta pelo corredor, caminhando calmamente com sua bengala, ele para atrás da casa mais próxima da porta, parecendo preocupado.

Manoel: Está tudo bem Mel?

Mel: Estou com um pressentimento ruim...

Ação: Neste momento o pastor da Igreja Evangélica se aproxima da porta da casa a direita, logo os irmãos se destacam do fundo e vem andando em pares e grupos para suas orações, por um minuto o culto parece começar, mas nesse momento uma música de rock pesado começa a tocar, pessoas com pedaços de paus e pedras se juntam para bater nos religiosos reunidos, logo sons de disparos são ouvidos e Pedro Pires manda todo mundo para casa.

Pedro Pires: Que falta de respeito! Pode parar!

Ação: Ele fala de maneira enfática, com os personagens que estavam brigando, com Mel e Manoel e também com o público.

Pedro Pires: Todos merecem ser respeitados, todos têm o direito de buscar a Deus à sua maneira, não devemos desprezar quem segue um caminho diferente!¹¹²

O contexto dessa cena foi retirado de diferentes fontes, a primeira sendo o livro de Tombo. Ao analisá-lo, percebe-se com clareza que, por ser redigido pelos clérigos responsáveis pelas paróquias, o texto carrega traços marcantes da personalidade, dos valores e das crenças desses homens. Suas tendências ideológicas tornam-se evidentes na forma como interpretavam e registravam os acontecimentos locais, o que confere ao documento um caráter profundamente subjetivo.

As escolhas de vocabulário, o tom das narrações e até os julgamentos embutidos nos relatos revelam uma visão de mundo alinhada, em muitos casos, mas não todos, ao pensamento mais conservador de sua época que era reforçado de maneira generalizada pelas lideranças

¹¹² DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.9.

religiosas. Por isso, é fundamental contextualizar esses autores como sujeitos históricos, homens inseridos em um tempo específico, que expressavam uma determinada mentalidade dominante dentro da estrutura eclesiástica e social do período. O Livro de Tombo é uma fonte histórica de grande relevância, especialmente em pesquisas voltadas para a história local, e revela, de forma indireta, tensões sociais, transformações urbanas e práticas culturais.

“Encontramos a Parochia em completa desorganização o que não podemos conseguir de modo satisfatório, elas o respeito e o silêncio na matriz já é quase abstrato absoluto, grande luta enfrentamos para conseguir que os homens se apresentem a missa e atos religiosos descentemente trajados pois os homens comparecem em atos mais sublimes em mangas de camisa, outra mais árdua foi convencer os católicos de que eles não podiam assistir a atos protestantes e viver estes em falsa comunicação esta parte o faz foi atribuído oque muitos com [...] para a decadência protestante ouve insultos ao pároco principalmente por parte de alfaiate Leuza mas conseguimos mantermos impecáveis [...] oque muito contribui para agilizar e contribui para aniquilar e oque muito contribui para agilizar e contribui para aniquilar as observadas pretensões no que se sucede aqui com [...] cuidadas a este respeito se quiser conseguir atecemos que deram mais exemplo e até incutiu a familiaridade que os protestantes dai o nosso trabalho dobrado, nas capelas todos são católicos [...] aos princípios de julho de 1945 [...]”¹¹³

O posicionamento da Igreja Católica, tal como registrado nesse trecho do Livro de Tombo, evidenciava uma orientação clara quanto à separação entre católicos e protestantes. Havia, naquele momento, uma crescente divergência ideológica entre as confissões religiosas, refletindo o cenário nacional de afirmação identitária das igrejas e sua disputa por espaço e influência, os conflitos foram crescendo e mais de uma autoridade religiosa tendia a defender a separação.

“Vizita não desejada.

No dia 6 de outubro chegaram a essa localidade de o Dr. Asdrúfo Giovanni, delegado regional de polícia e de um tenente de unção pentecostal, proveniente de São Gotardo, acompanhado o ministro protestante pentecoste ou peteca, conforme apelido popular para meter a ordem chamado o delegado da polícia, senhor Silva Boaventura e os demais homens até a presbiterianos, nada resultou de positivo. Quis o senhor regional conversar comigo pedindo que eu mantivesse a ordem e respondi que não era policial e que achava já chegado a hora de purificar a nossa paróquia da sujeira protestante falando da oração da entronização, ele quis chamá-la de panfleto e eu respondi, panfleto não era ação fazendo eles notar que eu tinha animado a perseguir os protestantes, nem fiz-lhe notar que as palavras: Afastei as embusteiros que realizando os temas do Divino mestre, se apresentam a. nascer com as vestes de cordeiros, eram dirigidas ao sagrado Coração de Jesus e Maria, não ao povo o que eu não tinha culpa se eles não tivessem lido e que não compreendido e a observação de eu ter falado claramente de protestante, presbiterianos e pentecostais era necessário porque não havia outro apelido para distingui-los, assim como não havia para os católicos. O negócio todo acabou em paz, [...]

Arapuá, 8 de outubro de 1948.”¹¹⁴

¹¹³ **LIVRO DE TOMBO** – Paroquia São João Batista de Arapuá, 1937 -1986. p. 27.

¹¹⁴ **LIVRO DE TOMBO** – Paroquia São João Batista de Arapuá, 1937 -1986. p. 49.

Também foi analisado o relato publicado na revista da Assembleia de Deus, produzido com base em documentos originais que se perderam em um acidente, ao serem arquivados inadvertidamente em um armário perto de uma parede úmida em 2017:

“O 1º culto realizado no povoado de Arapuá foi ao “ar livre”, no decorrer do qual os crentes foram apedrejados, chegando a serem feridos e ensanguentados. Mas paralelamente às conversões dos crentes foram sendo batizados no Espírito Santo e não temeram frente às perseguições.”¹¹⁵

Trechos do Livro de Atas Pastorais da Congregação Presbiteriana de Arapuá:

Devido a certas perturbações causadas pela incursão de uma caravana de missionários romanos, das Santas Missões Nacionais, houve alguma perseguição chegando o templo a ser depredado. Foi necessário apelar para as autoridades públicas, afim de se obter o cumprimento dos direitos e da ordem. Houve, todavia, novo entendimento com a sociedade, e atualmente continua a reinar inteira paz e harmonia. Arapuá ano de 1948”¹¹⁶

Os acontecimentos registrados no livro *O Patriarca*:

“O primeiro culto público da cidade ocorreu sob forte perseguição por parte da população católica mal-esclarecida. Os crentes pentecostais foram apedrejados, ficaram muito feridos e ensanguentados [...] Os que chegavam à igreja em cavalos recebiam pedradas em si e nos animais. Alguns acompanhavam os irmãos na rua e deles falavam mal, zombavam e criticavam: “*Fala língua estranha aí, irmão*”. “A casa onde eram celebrados os cultos recebia muitas pedradas no telhado, nas paredes, nas janelas ao ponto de descer pedra de sobre o telhado e cair nos irmãos”¹¹⁷

E o capítulo 3 do livro de *Contos: Causos de Arapuá* registra que:

“Católicos e crentes faziam de Arapuá palco de discretas, às vezes ostensivas pejeas religiosas. Os católicos viviam criticando a forma espontânea e ruidosa de os crentes orarem; estes abominavam as imagens que enchiam o templo da igreja romana. Diziam ser inadmissível que, em pleno século XX, ainda houvesse adoradores do barro. Em vão os católicos tentavam explicar que não adoravam as imagens, que elas eram meras lembranças, como retrato de um ente querido na parede.”¹¹⁸

Todas as fontes analisadas convergiam na ideia de que as disputas religiosas em Arapuá eram intensas durante o século XX, revelando um cenário marcado por conflitos ideológicos entre católicos e protestantes. No entanto, uma figura se destacou por contrariar essa tendência: Pedro Pires. Mencionado anteriormente no Livro de Tombo como uma personalidade influente da comunidade, Pedro Alves da Rocha Pires era um católico fervoroso e presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo. Conversas com familiares seus, ainda residentes em Arapuá, permitiram traçar um perfil mais completo de sua trajetória. Nascido no estado da Bahia, em 19 de março de 1879, Pedro formou-se farmacêutico em 1902 pela Faculdade de

¹¹⁵ OLIVEIRA, Maria Bárbara. **Revista Assembleia de Deus**, Arapuá, v.01, n.1 p. 08. 2004.

¹¹⁶ LIVROS DE ATAS PASTORAIS – Congregação Presbiteriana de Arapuá. p. 03 1959 p.03.

¹¹⁷ REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. Rio de Janeiro: Editora Betel, 2018. p. 77/78

¹¹⁸ OLIVEIRA, José Luiz. **Causos de Arapuá**. Brasília: LGE editora LTDA, 2005. p. 23.

Medicina da Bahia. Presume-se que, poucos anos após a graduação, tenha se mudado para Arapuá com sua família. Lá, passou a atuar como uma espécie de médico, função que, embora informal, era compatível com sua formação e com as urgentes necessidades da população local, que enfrentava severas dificuldades de acesso a cuidados de saúde. Sua postura conciliadora e o respeito conquistado entre diferentes grupos religiosos tornou-se uma exceção significativa no contexto de tensões confessionais da época.

[...] religioso abrindo a 29 de junho verificou - se o lamentável fato seguinte numa casa de responsabilidade da parochia [...] de dia e de noite dançou-se com protestantes, dançou - se mesmo depois que o vigário lá esteve como se tratou-se de um divertimento oque além de perigoso provocava um escândalo pois oque se realizou em casa do senhor Pedro Pires oque era o presidente do conselho vincentino parochial em casa da sinhora Juliana sua esposa e presente do apostolado e finalmente em casa de Beremio filha do senhor Pedro Pires”¹¹⁹

Ele chegou a se indispor com o padre local mandando uma carta para o bispo Dom Manoel Nunes Coelho alegando a postura radical que alguns religiosos andavam tomando, sua disposição para enfrentar os conflitos e promover uma convivência harmônica fez dele um potencial personagem memorável, cujas falas poderiam passar o espírito da tolerância e boa convivência.

Essa foi uma das cenas com mais ação da peça, e foi aquela que mais contou com a participação masculina, os meninos se viram realmente empolgados com a perspectiva de simular uma luta de socos uns com os outros, e de aparecer na peça sem nenhuma fala a decorar. Essa cena foi apenas uma estratégia para demonstrar como muitos recorriam à violência quando se tratava de defender o seu ponto de vista, como até mesmo as crianças levavam essa rivalidade a ferro e fogo, uma maneira leve de retratar os conflitos passados sem um rescender ressentimentos.

É necessário frisar que as tensões religiosas no município de Arapuá espelhavam o restante do país, refletindo disputas maiores entre diferentes grupos e visões de mundo presentes no Brasil ao longo do século XX. Assim como em outras regiões, Arapuá também foi palco de disputas simbólicas entre o catolicismo tradicional, profundamente enraizado nas práticas culturais e sociais da população, e outras manifestações religiosas que ganhavam espaço, como o protestantismo e, mais tarde, as religiões de matriz africana e os movimentos evangélicos. Essas tensões não se limitavam ao campo da fé, mas estavam fortemente entrelaçadas a disputas por poder político, influência social e controle sobre as práticas comunitárias.

“O avanço protestante nos países latino-americanos, não coincidentemente, ocorreu simultaneamente à implantação dos regimes republicanos no continente ao longo do século XIX. O discurso sob o qual se sustentava o avanço protestante era o mesmo

¹¹⁹ LIVRO DE TOMBO – Paroquia São João Batista de Arapuá, 1937 -1986. p. 31.

que se consolidava na Europa e Estados Unidos: o protestantismo representaria o progresso, urbanização, industrialização, capitalismo e modernidade, enquanto o catolicismo era sinal de atraso, ruralidade, medievalidade e conservadorismo político e cultural.”¹²⁰

Um novo regime governamental trazia consigo novas ideologias, entre as quais o liberalismo se destacava como força motriz das transformações sociais e políticas. Essa ideologia pregava a separação entre Igreja e Estado, a liberdade religiosa e a valorização do indivíduo como sujeito autônomo, o que colocava em xeque o papel dominante que a Igreja Católica historicamente exercia nas esferas pública e privada. Diante dessa nova configuração, a Igreja percebeu que sua influência sobre a sociedade, antes garantida por meio do vínculo estreito com o poder monárquico e as instituições estatais, começava a se enfraquecer de forma progressiva. A laicização das políticas públicas, a liberdade de culto e a entrada de missões protestantes, por exemplo, passaram a ameaçar sua autoridade moral e cultural. Em resposta, a Igreja buscou estratégias de adaptação e resistência, como a intensificação de suas ações pastorais, a criação de associações leigas e o reforço da doutrina, na tentativa de manter sua relevância em um cenário cada vez mais plural e competitivo.

“O protestantismo, valendo-se das dificuldades que enfrentava a Igreja Católica por causa de fatores como o regalismo e o galicanismo, que buscavam o afastamento cada vez maior da centralidade vaticana, assim como de conflitos com a maçonaria, teve, em números absolutos, crescimento significativo”¹²¹

Inicialmente, o conflito entre esses dois grupos religiosos se concentrava na disputa prática por fiéis e pelo domínio de espaços físicos e sociais, como comunidades e templos. No entanto, com o tempo, essa rivalidade passou a se desenvolver também no campo intelectual, além da competição por seguidores, os dois grupos passaram a disputar legitimidade e autoridade por meio da produção da interpretação das Escrituras e reconstrução da história religiosa, buscando não apenas convencer, mas também fundamentar e justificar, com base na erudição, qual fé deveria prevalecer.

“O conflito entre a religião hegemônica e o protestantismo emergente, de início limitado à disputa por fiéis e território, agora guindara o plano da erudição histórica e teológica”¹²² É um quadro mais complexo do que um simples desacordo de doutrinas, e na prática, para as pessoas que vivenciaram isso é possível perceber as separações, mesmo física dos fiéis das diferentes religiões;

¹²⁰ XAVIER, Joelma Eliz Aves, FILHO, Robson Rodrigues Gomes, Protestantismo Vs. Catolicismo: O Conflito Religioso em Goiás E A Fundação Da Cidade De Cristianópolis, **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, Volume 05 - Número 01 – 1º Trimestre - 2020, ISSN 2448-1793 p. 04

¹²¹ MENDONÇA, Antônio Gouvea, O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas, **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005 p. 54

¹²² MENDONÇA, Antônio Gouvea, O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas, **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005 p. 57.

Ação: Depois da briga as pessoas vão se dispersando, católicos para um lado e protestantes para outro, os dois alunos ficaram escondidos atrás de um ponto do cenário, voltam em cena lentamente como se estivessem com medo.

Manoel: Nossa, as pessoas de antigamente são um pouco... radicais.

Mel: Você quer dizer violentas, né.

Manoel: Sim, mas nós não podemos julgá-las

Manoel: Eu sei, não digo que as atitudes deles foram corretas, isso é errado mesmo nesse tempo, o Senhor Pedro mesmo disse, a questão é que julgar o passado não adianta de nada, devemos entendê-lo, talvez aprender com ele e não repetir os seus erros, mas julgar não é a resposta.

Mel: Pois eu digo: Todos malucos, todos eles!

Manoel: Concorda que é melhor ir pra casa?

Ação: Durante o diálogo Terezinha Borges se aproxima do grupo, ela veste roupas de época (1960) e traz alguns indícios de sua profissão (Professora) ela interrompe o diálogo deles com a experiência de uma professora que já lidou com uma sala de aula cheia de alunos¹²³.

Quando o personagem Manoel entrega a sua fala: “**Manoel:** Sim, mas nós não podemos julgá-las”, há uma referência sobre o olhar do presente ao julgar o passado que seria intrinsecamente anacrônico uma vez que os alunos-personagens não vêm de uma realidade local de intolerância religiosa e separação de valores a qual de fato ocorria na cena. Mas, de fato, não podemos julgar o passado? Carlo Ginzburg, historiador conhecido por suas reflexões metodológicas, sobre o “Juiz e o Historiador” definida pela premissa: “juízes e historiadores se associam pela preocupação com a definição dos fatos, no sentido mais amplo do termo, incluindo tudo o que se inscreve, de alguma forma, na realidade”¹²⁴. Nesse contexto o ofício do historiador feito pelo trabalho coletando vestígios, indícios e provas que permitam reconstruir uma narrativa fiel à realidade, lidando com elementos do passado e procuram dar sentido a eles com base em uma análise crítica, apesar de atuarem em campos distintos, juiz e historiador compartilham uma responsabilidade ética e metodológica na construção de verdades baseadas em evidências, e ambos têm um papel importante na mediação entre o passado e o presente, os alunos personagens

¹²³ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024.

¹²⁴ GINZBURG, Carlo. **Relações de força. história, retórica, prova**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 62.

nesse contexto agem, ainda que de maneira inconsciente como historiadores, na maneira que estão reduzidos em um espaço de observadores, construindo conhecimento através das relações sociais com os personagens do passado. Seu olhar é de alguém que observa os acontecimentos de fora, sem envolvimento direto, e por isso é chamado a lidar com imparcialidade. Essa imparcialidade não é neutra ou isenta de valores, mas representa um esforço consciente de julgar, narrar e nesse caso vivenciar os fatos com equilíbrio e responsabilidade diante do público.

A próxima cena se passa já em 1960. Os dois personagens principais; Mel e Manoel se encontram agora com uma personalidade feminina, a professora e poetiza Terezinha Borges, que passou boas décadas trabalhando como pedagoga e alfabetizando crianças tanto nas zonas rurais quanto na cidade de Arapuá;

Tive contato com a obra e a história de Terezinha a partir de meu avô. Ela havia escrito um cordel sobre a história da família dele, que é repleta de perdas, luto e sofrimento (Anexo 1). Ao ler aquele poema, reconheci seu talento. Eu me pus a procurar outros poemas e histórias escritas por ela, infelizmente ela já havia falecido, e família não havia guardado escritos seus, apenas uma revista escrita por uma de suas netas, Letícia Cristina da Silva, a qual serviu de material para um estudo mais aprofundado da vida e da memória de Terezinha;

“Vovó nasceu na cidade de Rio Paranaíba, no dia 15 de outubro de 1937. Nessa época a cidade era quase um povoado. [...]. Entrou para a escola com sete anos, direto para a primeira série, já que naquela época não havia o pré-escolar [...] gostava muito de participar de peças de teatro, apresentações com música, pois cantava e proclamava muito bem. [...] Além de ser boa em poesias e músicas também tinha uma caligrafia muito bonita [...] com apenas 13 anos minha avó perdeu sua mãe. [...] Vovó já havia terminado a quarta série, foi então que foi convidada a ser professora em uma fazenda perto da cidade de Arapuá. Como era muito corajosa aceitou. Não era necessário concurso, nem diploma de curso superior para ser professor, pois era muito difícil encontrar alguém que quisesse ser professor na zona rural [...] mas era a chance que vovó tinha de ter uma profissão. [...] Com seu jeitinho foi conquistando os alunos. A maioria deles era bem mais velho do que ela e não sabiam escrever. Ela tinha o dom de ensinar e o pouco que ela sabia conseguiu transmitir a muita gente.¹²⁵

Foi por uma feliz coincidência que, durante uma conversa com a professora Maria Bárbara sobre a história das Irmãs Cândida, com o objetivo de incluí-las na peça, mencionei o nome de Terezinha e para minha surpresa, elas haviam sido amigas durante a juventude, e Maria Bárbara guardava três poemas escritos por ela. Aquele primeiro texto; o poema tocante sobre a família do meu avô, já havia me impactado profundamente, a leitura desses novos poemas revelou alto grau de sensibilidade, capaz de enriquecer significativamente a narrativa da peça com o valor literário e emocional de sua produção. A partir disso, percebi que Terezinha seria uma personagem poderosa para representar não apenas a si mesma, mas simbolicamente todas

¹²⁵ SILVA, Letícia Cristina. Livreto autoral: **lembranças de minha querida avó**. Carmo do Paranaíba: [s.n.], [s.d.]. Mimeografado. p. 01 - 13.

as mulheres que, como ela, dedicaram-se ao ofício de ensinar nas comunidades rural e urbana de Arapuá. Sua inclusão no enredo não foi apenas um resgate de memória, mas também um gesto de homenagem à contribuição silenciosa, porém essencial, dessas educadoras;

Terezinha: E quem são vocês?

Ação: Os dois se olham assustados.

Mel: Nós somos netos da dona...

Terezinha: Por favor, me poupe das histórias que vocês contaram para os outros, sei muito bem que é mentira, eu sempre sei, tratem logo de me dizer a verdade.

Mel: A verdade é que é um castigo!

Terezinha: Que castigo?

Ação: Mel parece envergonhada e arrependida, Manoel abaixa a cabeça e parece triste.

Mel: Estávamos rindo e debochando, agora, estamos percebendo que tudo o que ela falou faz sentido.

Terezinha: Eu sabia! Alunos quando aprontam ficam sempre com o mesmo rostinho.

Manoel: Mas como sabia? Você é professora? Mas quantos anos você tem...

Terezinha: 15!

Mel: Você é professora... com 15 anos?

Terezinha: Sim, na verdade sou professora desde os 13 anos, eu e diversas outras mulheres da região exercemos essa profissão!

Manoel: Acho que as primeiras professoras foram mulheres certo?

Terezinha: Sim! Também tivemos muitos homens como colegas de profissão, mas sem dúvidas é inegável a influência das mulheres na educação, gerações inteiras foram educadas pelas filhas de Arapuá, mulheres integras e de bom coração, mas que sabiam puxar a orelha quando era necessário! Maria Caetana da Rocha e suas filhas, Amélia Rodrigues Boaventura, Dona Glória, a Dona Bárbara todas com influência na história daqui!

Mel: Mas como é possível ser professora nessa idade? Você tem um curso para isso?

Terezinha: Quando surgiu uma oportunidade para ensinar numa escola rural eu fui e desde então trabalhei com muitas crianças, ensinei a ler e as primeiras contas, li histórias e escrevi poemas para elas!

Mel: Você mesma escreveu os poemas!? Seria incrível de ouvir.

Terezinha: Tudo bem então, vou ler um pra vocês!

*Ação: Terezinha parece um pouco tímida, mas tira de seus cadernos um especial com o poema escrito e declama para todos.*¹²⁶

Quando a personagem Terezinha fala: “**Terezinha:** [...] *Maria Caetana da Rocha e suas filhas, Amélia Rodrigues Boaventura, Dona Glória, a Dona Bárbara todas com influência na história daqui!*”, faz referência a nomes emblemáticos de professoras atuantes no sistema educacional arapuense, e chamando a atenção para um fenômeno mais amplo que transcende a história local, a feminização da profissão docente em fins do século XIX para o XX, o campo da história da educação com a vertente feminina é de certa maneira jovem:

“As pesquisas sobre a profissão de professor ou sobre as características do trabalho docente representam uma vertente relativamente recente dentro da gama de temáticas que tradicionalmente atraem o interesse e, conseqüentemente, provocam a produção de trabalhos de investigação na área da educação. Essa vertente “jovem” não deixa, porém, de apresentar possibilidades instigantes de investigação, como é o caso de temáticas como a ambivalência do mestre entre profissionalismo e proletarianização, a questão da feminização do magistério e a temática dos saberes que constituem o cerne dos saberes docentes”¹²⁷

O meio educacional era por muitos meios uma porta de entrada para mulheres no mercado profissional, uma realidade social comum em muitos contextos históricos, o modelo social dominante atribuía aos homens o papel de provedores, enquanto às mulheres cabia cuidar do lar e da família. Nesse cenário, o casamento era, para muitas mulheres, a principal via de acesso à estabilidade financeira e à inserção social. Ser professora surgiu como uma alternativa viável para aquelas que, por escolha ou circunstância, não se casavam, ou no caso de mulheres casadas buscavam uma profissão remunerada. O magistério feminino, por exigir certo nível de instrução, mas não necessariamente romper com os valores considerados “adequados” ao gênero feminino (como o cuidado, a moral e a docilidade), tornou-se uma das poucas profissões aceitas para

¹²⁶ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.11.

¹²⁷ SILVEIRA, Rosa Maria Hessel, Uma Adolescente vê o Trabalho Docente, **Revista Educação & Realidade**, 19(2):67-82 jul/dez. 1994 p. 68.

mulheres. “Evidentemente, em uma época em que o sustento da mulher era tarefa do pai e, depois, do marido, o ser professora aparecia como alternativa ao casamento, como meio de manutenção própria¹²⁸”

É necessário reconhecer que a situação das mulheres dentro do próprio magistério era desigual, uma vez que as barreiras de gênero permaneciam. Ao assumir a função docente, eram excluídas de disciplinas consideradas mais técnicas, o que não só limitava seu campo de atuação como também impactava diretamente seus salários, já que essa matéria servia como critério de diferenciação salarial, delimitando ainda mais a desigualdade, “As mulheres tomaram seu espaço no campo educacional como professoras, mas eram isentas de ensinar geometria, essa disciplina era critério para estabelecer níveis de salários o que acentuava também a discriminação sexual”¹²⁹. Ainda assim, as mulheres permaneceram no campo do magistério como uma força de resistência nas sociedades do século XIX e XX. Com o tempo, o trabalho feminino passou a ser visto não apenas como uma vocação ou missão, mas como uma necessidade imposta pelas transformações econômicas e sociais, marcando uma transição importante na presença das mulheres na vida pública e profissional. No contexto da peça, citar professoras tão importantes teve relevância para firmar a presença feminina nos processos históricos e sociais da cidade, uma das questões mais complexas ao abordar as fontes históricas como matérias primas para a elaboração do roteiro, foi o apagamento de personagens femininas nas fontes tradicionais, que vinha paralelamente com a inclinação mais favorável de voluntárias para personagens. Não foi viável incluir essas mulheres em outro local da peça, mas sua menção não deixa de ser significativa.

SAUDADES.

Aos 13 anos aqui cheguei
Sentindo uma nova vida
Um coração mais alegre
Por todos muito acolhida
Conhecendo naquela hora
Esta gente tão querida
Parecia ver em frente
Minha batalha vencida

Aqui lutei como heroína
Alfabetizei milhares de gente
Que hoje continua
Levando a cidade em frente
Só eu tenho que partir
Com saudades viver ausente
Pátria que conheci

¹²⁸ SILVEIRA, Rosa Maria Hessel, Uma Adolescente vê o Trabalho Docente, **Revista Educação & Realidade**, 19(2):67-82 jul/dez. 1994 p. 70.

¹²⁹ AZEVEDO, Lavine Jordane Queiroz, FIRMINO, Simone Gomes. **Os Processos Históricos Da Feminização Da Profissão Docente: Uma Análise No Interior Do Estado De Goiás**, Repositório IF Goiano p. 04.

Pátria minha idolatrada
 Onde vivi tantos anos
 Onde fiz minha morada
 Mas volto pra minha terra
 Talvez lá serei enterrada
 Onde for que eu estiver
 Hei de sempre defender
 Trazer meu voto bem claro
 Ajudando a cidade crescer
 Continuando o progresso
 Lutarei de lá pra vencer
 Adeus escola querida
 Hoje sou aposentada
 Mas vou pedir ao padroeiro
 Um pedacinho de terra
 Esta terra abençoada
 Pra colocar os meus restos
 A minha última morada.

Terezinha Borges.
 Arapuá, 24 de novembro de 1986

Nesta cena, a professora-personagem aparece jovem e recita um poema que, na narrativa, teria sido escrito apenas no futuro, já em sua aposentadoria. Sua idade foi adaptada para se adequar à atriz que a interpreta, uma vez que todos os alunos participantes da peça tinham entre 15 e 16 anos. O poema, portanto, representa uma projeção temporal e carrega um traço anacrônico, já que não há registros de textos escritos por ela aos 15 anos que tenham sobrevivido. Trata-se, assim, de uma licença poética que permite ao público acessar, de forma simbólica, a memória e o percurso daquela personagem.

Mel: Mas eu queria elogiar seu poema, foi muito bem escrito!

Manoel: Eu adorei.

Terezinha: Brigada então, eu posso dizer que vocês são uns alunos bons, então quando virem seus professores sejam mais humildes e aceitem as aulas como uma oportunidade para compartilhar conhecimentos não como algo a ser principalmente criticado, discutam e estejam abertos a aprender pois sem a ajuda de vocês o trabalho do professor fica impossível!

Terezinha: Vai ficar tudo bem, vocês vão ver, tenho que ir agora, mas foi um prazer!

*Ação: Terezinha sai do palco satisfeita com a conversa, os dois permanecem ali.*¹³⁰

¹³⁰ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.11.

Os anos 1960 marcaram um período de profundas transformações em Arapuá, como parte de um Brasil atravessado por mudanças políticas, sociais e culturais modernizadora após a construção de Brasília e outras transformações do Governo Juscelino Kubistchek. A cena seguinte se passa no ano de 1963, data emblemática para o município por representar sua emancipação político-administrativa. No entanto, a cena não se limita a esse marco. Optou-se por ampliar seu escopo para incluir outros acontecimentos significativos que moldaram a vivência da população local nas décadas seguintes, como a chegada da energia elétrica em meados de 1966 e o asfaltamento da estrada que conecta Arapuá à atual BR-352 em 1975. Esses eventos, embora cronologicamente distantes entre si, foram reunidos em uma mesma sequência com o uso consciente da licença poética.

A intenção foi condensar, em um momento dramático único, as mudanças estruturais que modificaram o cotidiano da cidade, facilitando ao público a compreensão do impacto cumulativo dessas transformações no modo de vida e no imaginário da comunidade, uma festa para comemorar e um discurso para informar, os alunos com suas sugestões criativas iniciaram um número musical depois dos discursos, com uma música e roupas da década de 60 formaram pares e comemoraram a emancipação da sua cidade.

Ato 2, Cena 7 (8 min)

Ação: Logo uma música muito animada começa a tocar, pessoas emergem de todos os locais, o casal Sinval e Odete entram pelo corredor trazendo uma faixa a ser anexada no palco, nela vemos os dizeres de Arapuá comemorando sua emancipação, dois jovens com roupas da época trazem uma tribuna para frente, logo aparecem famílias que se sentam no banco da praça (estimativa de 10 pessoas reunidas no palco). Sinval Boaventura se aproxima do Podium.

Sinval Boaventura: Boa noite amigos e amigas, é com alegria hoje que comemoramos Arapuá finalmente se emancipou em um município próprio!!

Ação: Há uma salva de palmas, as pessoas e os dois alunos parecem felizes, ao fundo as pessoas não percebem, mas há a instalação no palco de postes de luz, indo por trás do cenário e fazendo parte.

Sinval Boaventura: Foi uma manobra política bem executada meus amigos, a câmara municipal de Rio Paranaíba permitiu que conseguíssemos autonomia finalmente! E agora tenho o prazer de informar que com a nova estabilidade a prefeitura municipal de Arapuá propôs entendimento com as Centrais Elétricas de Minas Gerais

(CEMIG) e daqui a pouco em 1966, faremos a instalação de energia elétrica na cidade!

Ação: Os postes são ligados e todos batem palmas de felicidade, depois disso a esposa de Sinval Odete Boaventura se apresenta ao pódio para discursar!

Odete Boaventura: Saudações amigos! Muita felicidade de estar aqui hoje, venho compartilhar boas notícias, movida pelo amor à nossa cidade, ajudada pela influência de meu marido consegui um mais um marco no desenvolvimento de Arapuá! Minha terra, o lugar onde nasci, me criei, contrái núpcias e dei a luz aos meus dois primeiros filhos, o lugar que sempre amei, estamos indo bem amigos! Temos educação, água e energia, e quando escrevi à primeira-dama desse país Scylla Médici pedi apenas um gesto para complementar isso, mais um marco de progresso e facilidade ao público, hoje recebemos a verba e a autorização para o asfalto ligando Arapuá até a BR-354! Hoje é um dia de alegria por mais uma melhoria na nossa comunidade!

Ação: Dois homens estendem um tapete cinza para representar o asfalto. Todos comemoram batendo palmas felizes, logo uma música toca, alguns casais começam a dançar por um tempinho, aos poucos as pessoas vão deixando o palco e sobra apenas os dois estudantes, estão sentados desanimados um ao lado do outro¹³¹.

As fontes sobre a emancipação política concordam: “A instabilidade política era sentida em todo país, em alguns lugares com maior ou menor intensidade. Em Arapuá não foi diferente, os seus primeiros anos como município foram vividos no período militar.”¹³² Esse cenário de instabilidade refletia o contexto nacional após o golpe de 1964, que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil. Para cidades recém-emancipadas como Arapuá, isso significava lidar com limitações administrativas, ausência de estrutura consolidada e forte centralização do poder. Fora a instabilidade política, levou algum tempo para que a organização municipal se colocasse em pleno funcionamento, já que era necessário estruturar uma nova gestão, adaptar a burocracia local às exigências legais e estabelecer políticas públicas básicas, tudo isso enquanto se equilibrava a pressão por respostas imediatas da população com um governo cada vez mais autoritário. Esse início marcado por incertezas influenciaria diretamente os rumos do

¹³¹ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, novembro de 2024. p.11.

¹³² OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar: A Memória enquanto forma de Resistência Social - Arapuá (1963 - 1980)** Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em história, UNIPAM 2005. p. 21.

desenvolvimento local nas décadas seguintes.

Com as disposições a respeito. Reuniram-se em sessão solene, as autoridades e pessoas gratas, com sucesso e a assistência popular, a fim de proceder a instalação do município de Arapuá, criado nos termos do art 3º da lei número 2.764 de 30 de dezembro de 1962 (mil novecentos e sessenta e dois) com jurisdição solene, a circunscrição que tem por sede esta localidade que ora recebeu os foros de cidade, por haver tal sucesso o distrito da sede." ¹³³ "a Câmara não tinha sede própria, funcionava na prefeitura, por sua vez, a prefeitura não tinha endereço fixo. Alugava casas para o seu funcionamento e o da Câmara. A situação era caótica, alguns funcionários chegavam a exercer várias funções e a ficar até um ano ou mais sem receber. Como relembra o sr. Antônio Camilo: "A prefeitura de Arapuá foi instalada no local onde funciona a padaria do Toninho, na avenida Eduardo Augusto de Medeiros, esquina com Abizai Justiniano Ribeiro: funcionou lá por 6 meses. Depois passou para a pensão do Chico Josias da dona Maria, na altura do 605, na avenida Eduardo Augusto de Medeiros. Nesses 2 locais, a prefeitura funcionou de maneira precária, não havia energia [...] por fim, o prefeito João Veloso de Almeida adquiriu um terreno como a casa de residência e foi instalada definitivamente a prefeitura foi adaptada para isso. Hoje lá funciona a Secretaria de saúde (em 2005, passou a abrigar exclusivamente o conselho tutelar). Era tudo difícil. Tinha as cotas do fundo de participação, que antigamente era assim: Cotas de imposto de renda e cotas do imposto de consumo. A união demorava até mais de 1 ano para pagar - las, quer dizer, a prefeitura teve atraso de mais de 1 ano. Depois, recebia tudo de uma vez." ¹³⁴

Para representar simbolicamente o movimento político que culminou na emancipação de Arapuá, optou-se por incluir em cena o personagem do ex-prefeito de Rio Paranaíba, Sinval Boaventura, proferindo um discurso informativo sobre o processo de emancipação política. Embora não existam registros documentais que comprovem sua atuação direta nos trâmites da separação administrativa entre os municípios, sua figura pública e a de sua esposa foram associadas a importantes transformações locais, como a chegada da energia elétrica em 1975 e o asfaltamento da estrada que liga Arapuá à BR-352. Por isso, sua presença em cena foi pensada como uma forma de integrar diferentes marcos históricos unificando, em sua fala, momentos distintos, mas igualmente significativos para o desenvolvimento do município. O discurso do personagem, portanto, cumpre uma função narrativa essencial: transmitir ao público, de maneira clara e didática, os fatos históricos apresentados ao longo da cena.

A energia elétrica foi um marco fundamental para o desenvolvimento da cidade, não apenas por representar o avanço de Arapuá em 1966, alcançando uma iluminação já consolidada nas principais cidades do Brasil desde o final do século XIX, mas também porque transformou profundamente o cotidiano e a vida cultural de seus moradores. Com a chegada da eletricidade, houve uma revolução nos hábitos da população: as noites tornaram-se mais iluminadas e seguras, possibilitando encontros sociais, atividades culturais e eventos religiosos em horários

¹³³ OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar**: A Memória enquanto forma de Resistência Social - Arapuá (1963 - 1980) Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em história, UNIPAM 2005. p. 21

¹³⁴ OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar**: A Memória enquanto forma de Resistência Social - Arapuá (1963 - 1980) Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em história, UNIPAM 2005. p. 23.

antes inviáveis. Além disso, facilitou o acesso a rádios, televisores e eletrodomésticos, conectando os moradores às notícias nacionais, à música popular e aos programas de entretenimento, promovendo uma maior integração com o restante do país. “Com a progressiva estabilização financeira a prefeitura municipal de Arapuá manteve entendimento com as centrais elétricas de Minas Gerais (CEMIG) em 1966, para instalação de energia elétrica na cidade. No mesmo ano iniciou as obras utilizando postes de madeira”¹³⁵

“Com a chegada da eletricidade o cotidiano das pessoas começou a mudar, as noites eram melhor aproveitadas, Dona Odete conta que antes da chegada da energia elétrica à noite reuniam grupinhos de pessoas nas esquinas e ficavam contando causos e que quando as ruas já estavam iluminadas, tudo parecia melhor, as conversas, as coisas ficaram mais alegres. Sr. Jonas conta que no bar que havia energia gerada por motor a diesel, havia uma aglomeração de pessoas que aproveitavam o clarão e que depois com a iluminação elétrica todos os lugares podiam ser frequentados. De acordo com os entrevistados a única forma que tinha de iluminar a noite era através de candeia, lamparina, lampiões e fogueiras, acostumados à dificuldade de conviver com a escuridão, quando puderam usar a luz elétrica o encantamento e certa empolgação tomaram conta da comunidade, esses foram os primeiros alardes da modernidade.”¹³⁶

Conforme descreveu em *Causos de Arapuá* José Luiz de Oliveira

“As nove da noite, uma roda de adolescentes ouvia atentamente as histórias de Niquita [...] De repente, a cidade escureceu. Niquita interrompeu a narração. A escuridão passou a ser o centro das atenções. A eletricidade chegara havia pouco tempo e se tornara a principal atração dos moradores. Quando faltava, era lamento por todo canto. [...]

- Daqui a pouco ela volta disse Niquita auscultando o poste.

[...] Passou – se mais um quarto de hora até ele repetir o ritual de auscultar o poste.

- Está vindo, vou contar até três – disse. E começou, pausadamente, fazendo suspense:

- Um... dois... três. Quando terminou de pronunciar o último número, a cidade se iluminou.¹³⁷

Para representar a chegada da energia elétrica à cidade, um aluno previamente designado realizou uma entrada simbólica durante o discurso que contextualizava esse marco histórico. Ele caminhou lentamente até o palco, carregando um poste construído artesanalmente com cano de PVC, cuidadosamente pintado para simular um poste de iluminação urbana. No topo, uma arandela colonial, modelo comum em cidades do interior, iluminava-se suavemente graças a uma lanterna colocada em seu interior. A ação, embora simples, carregava um forte simbolismo.

Outro ponto importante abordado no discurso foi a instalação do asfalto, um marco significativo na integração regional de Arapuá. Durante décadas, 11 quilômetros de estrada de

¹³⁵ OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar: A Memória enquanto forma de Resistência Social - Arapuá (1963 - 1980)** Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em história, UNIPAM 2005. p. 26.

¹³⁶ SILVA, Sâmea Cristina. **Os Impactos da Eletricidade nos Ofícios Tradicionais** (Arapuá 1970 – 2010). Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em história, UNIPAM 2010. p. 14/15.

¹³⁷ OLIVEIRA, José Luiz. **Causos de Arapuá**. Brasília: LGE editora, 2005. p. 116/117

terra separavam a cidade, ainda calçada com bloquetes e ruas de terra, da rodovia principal que a conectava a municípios vizinhos como Rio Paranaíba, Carmo do Paranaíba e Patos de Minas. Esse trecho, especialmente em épocas de chuva, num relevo acidentado, tornava o acesso difícil, isolando a cidade e prejudicando o transporte de mercadorias, o deslocamento para tratamentos de saúde e até mesmo a circulação cultural e política da população local.

A pavimentação dessa estrada representou, portanto, muito mais do que uma melhoria na infraestrutura: ela simbolizou a abertura de caminhos literais e figurados para a renovação dos sonhos de progresso. A instalação do asfalto foi resultado de articulações políticas e reivindicações da comunidade, sendo frequentemente mencionada em conversas com moradores antigos, em registros da prefeitura e em trechos da imprensa local. Algumas das fontes que auxiliaram na reconstrução dessa narrativa incluíram atas legislativas da Câmara Municipal, depoimentos de moradores que acompanharam as obras e trechos de publicações informais que celebravam o feito.

“Em 1971, com a construção da BR-354 (estrada do milho), tornou se necessário ao acesso a Arapuá o asfaltamento de 11 km de estrada. Odete, escreveu uma carta destinada à dona e Scylla. Sem o meu conhecimento. Pedira à primeira-dama que autorizasse o asfalto ligando Arapuá à BR 354.”¹³⁸

Nas palavras de Márcio Oliveira César,

“Outro vetor que marcou a comunidade arapuense no período estudado foi a inauguração do asfalto, no dia 23 de agosto 1975, ligando Arapuá à BR 354. O poder público municipal e as escolas organizaram se para as receptividades. Ponto as diretoras das escolas; Estadual Manuel Gonçalves Boaventura e Ginásio municipal de Arapuá, respectivamente, Maria José Macedo Boaventura e Margarida Rosa Diniz, coordenaram os preparativos das escolas, professores e alunos confeccionaram cartazes, bandeirolas e faixas. O prefeito Guarino Sinfrônio de Souza, juntamente com seus auxiliares, ficou encarregado da organização dos discursos na praça São João Batista e da festa comemorativa de recepção do governador Aureliano Chaves. No dia esperado, alunos, professores, autoridades, imprensa de cidades vizinhas e outros cidadãos destacaram se na entrada principal recém asfaltada da cidade, que para esperarem o deputado federal Sinval Boaventura, acompanhado do governador Aureliano Chaves e de outras autoridades. Os alunos postaram-se perfilados dos 2 lados da rua, as autoridades chegaram e começaram a cumprimentar o povo pegando em suas mãos, todos desceram a Eduardo Augusto de Medeiros a pé em direção à praça, para dar se início à cerimônia comemorativa. Na praça em meio ao sol escaldante, uma multidão se acotovelava em busca de um local mais privilegiado para acompanhar os sucessivos discursos.”¹³⁹

Quando a aluna que interpretava Odete Boaventura leu trechos de sua carta para a plateia

¹³⁸BOAVENTURA, Sinval. **Município de Rio Paranaíba foi ali que começou a minha Boaventura**. Publicação independente, 1995. p.90.

¹³⁹ OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar: A Memória enquanto forma de Resistência Social - Arapuá (1963 - 1980)** p. 28/29.

após o discurso do aluno que interpretou Sinval Boaventura, o objetivo era destacar de forma emotiva e direta o papel essencial que essa figura feminina teve nos bastidores da conquista do asfalto para a cidade. A leitura foi feita com entonação solene, valorizando a força e a sensibilidade do conteúdo escrito, revelando a atuação silenciosa, mas decisiva, das mulheres nos processos políticos locais. Enquanto isso, um aluno designado andou entre as cadeiras dos espectadores estendendo um tapete cinza no corredor central, um gesto simbólico que representava a chegada do asfalto, a abertura de caminhos, a conexão com o mundo exterior e o avanço em direção à modernidade.

Esse momento marcou um ponto alto na encenação, e foi seguido por uma celebração no palco. Os personagens que representavam a população local aplaudiram emocionados, comemoraram a conquista e preformaram uma breve coreografia ao som de Estúpido Cupido, da cantora brasileira Celly Campello, sucesso lançado em 1959 e que se tornaria um ícone da juventude da época. A escolha da música reforçava a ideia de mudança de época, juventude e novos ares culturais que sopravam sobre Arapuá com a chegada deste símbolo do progresso. No final da coreografia, há um breve diálogo entre Mel e Manoel, os alunos-viajantes do tempo. Já visivelmente cansados de sua longa jornada, eles refletem sobre tudo o que presenciaram e vivenciaram, indicando uma possível retomada ao presente.

Mel: Você também se sente cansado? O tempo está todo estranho, mas sinto que realmente vivemos todos esses acontecimentos.

Manoel: É porque vivemos sim, mas tudo de uma vez, todos os sentimentos acumulando...

Ação: Os dois são interrompidos pelo barulho da estrutura que representa a igreja caindo.

Mel: Meu Deus, o que foi isso?

Dono do Boteco: O teto da igreja caiu! O TETO DA IGREJA CAIU!

*Ação: Um barulho como o de um relógio começa a tocar, os dois pegam-no de seu bolso e então as luzes apagam novamente e as cortinas se fecham.*¹⁴⁰

A escolha do acontecimento final foi intencional, ao analisar o livro de tombo é possível enxergar um espaço de tempo, de 1970 a 1973 onde não há nenhuma entrada de anotações, só voltam a escrever novamente em 1984, exatamente a data que o teto da igreja cai, o que serve de ponto de virada;

“Arapuá, de 1970 a 1973, passaram por aqui os seguintes Padres: Paulo Felipe, Derálho Rodrigues, José Jordina, João Guido, José Maria Teixeira, padre Paulino, Cônego José Guimarães, Natalino Aristeu Marcelo, Monsenhor Manoel Geraldo

¹⁴⁰ DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. p.11./12

Correia, (1974) Marciano Leopoldo Sebastião. Frei Salvador, (1980) Marciano em (1975 e 1976), Leopoldo em (1977 e 1978), Sebastião, Frei Salvador, em (1980) e também podemos contar com a presença de dom Jorge Scarso, que por várias vezes veio atender a esta paróquia, neste período aconteceram coisas incríveis que foram relatadas em um livro que seria de número 2, segundo as pessoas que conhecem a história dessa paróquia. Nós procuramos este relatório, mas não foi possível encontrá-lo parece ter evaporado, portanto, fica em branco essa parte da história da igreja, com a chegada do padre João Gonçalves Ferreira, que veio de Presidente Olegário por volta de 1983, que ficou como vigário residente a partir de 1984, e começou então a construção da casa paroquial. Padre João montou também a creche comunitária e criança feliz, inaugurada em 1984. Logo após, deu início à reforma da igreja, pesquisada e analisada por engenheiros especializados no assunto infelizmente, a estrutura da mesma não resistiu e ao colocar a Laje no dia 13 de novembro de 1986 a 1 da manhã, o teto da igreja veio abaixo e tudo ficou em ruína. Graças a Deus ninguém ficou ferido”¹⁴¹

O cenário retorna ao que era antes representando Arapuá em 2024, nele a professora anda de um lado pro outro preocupada com os seus alunos, do outro lado os dois retornam vindos do corredor e uma música animada toca, os alunos sobem no palco, ela vai até eles e os abraça.

Professora: Meu Deus, vocês estão bem?

Mel: Me desculpa, desculpa ter sido idiota e grossa, desculpa não ter prestado atenção e debochado, é importante, a nossa história é muito importante!

Manoel: Nós vimos tantas pessoas, pessoas que erraram, pessoas que mudaram a cidade pra melhor, aprendemos muito, muito mesmo!

Professora: Fico feliz, porque eu estava honestamente com medo de vocês saírem traumatizados!

Manoel: Desculpa, o seu relógio quebrou...

Professora: Não tem importância, só me importo que vocês voltaram pra casa.

Mel: Estamos em casa.¹⁴²

O encerramento emocional da peça, com o retorno dos alunos ao presente, em Arapuá no ano de 2024 é o marco do final. O cenário volta ao seu formato inicial quando a cortina é puxada, e o painel de tecido simbolizando a atualidade volta a ser o centro. Enquanto a professora caminha inquieta, demonstrando preocupação com o sumiço dos alunos, eles finalmente reaparecem pelo corredor, embalados por uma música animada. O reencontro é marcado por um forte abraço e palavras de alívio e arrependimento. Mel, agora transformada pela experiência, reconhece a importância da história local com humildade e emoção e o

¹⁴¹ LIVRO DE TOMBO – Paroquia São João Batista de Arapuá, 1937 -1986. p. 66-67.

¹⁴² DOMINGUES, Livia. **Entre a Serra e a Saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Arapuá, 2024. p.11/12

aprendizado adquirido ao longo da jornada. A professora, aliviada, acolhe os dois sem se importar com o relógio quebrado, símbolo do tempo e da experiência vivida, pois o essencial, para ela, era que os estudantes tivessem voltado simplesmente a presença deles é o suficiente mostrando que a verdadeira importância é a conexão entre as pessoas. A fala final de Mel, “estamos em casa”, sela a reconexão dos jovens com suas raízes, enriquecidos da experiência temporal, encerrando a peça.

6. QUINTO ATO: O QUE NOS TOCA E O QUE NOS (CO)MOVE?

Trabalhar com a história local e regional é em muitos sentidos desafiador. O historiador precisa de fontes que geralmente são escassas ou que não estão sistematizadas. Muitos registros estão dispersos, esquecidos, perdidos, inacessíveis ao pesquisador ou ainda não foram organizados e catalogados, o que exige um trabalho de pesquisa intensa e, muitas vezes, baseada em fontes orais ou documentos fragmentados que podem induzir a uma interpretação errônea de determinado aspecto. Além disso, há um certo desinteresse social e institucional por essas narrativas e entidades políticas públicas com posições conservadoras que acreditam piamente que o passado deve ser deixado para trás. Outro desafio é o viés presente nas fontes, principalmente aquelas de origem eclesiásticas como livros de tombo, atas e memórias locais, que foram escritos por grupos específicos e refletem seus valores, silenciando vozes divergentes ou não hegemônicas dando menor importância para seguimentos já marginalizados da sociedade.

Por fim, é comum que a história de comunidades interioranas faça irromper os sentimentos, positivos ou negativos, das pessoas, uma vez que as fontes fazem referência a antepassados queridos, figuras conhecidas localmente ou eventos que ainda ressoam no imaginário coletivo. Diferente das narrativas que adotam uma escala nacional, que pode parecer distante, a história local envolve laços afetivos próximos e profundos: nomes de ruas, igrejas, escolas e praças carregam memórias de avós, tios e vizinhos. Esse aspecto torna o trabalho ainda mais delicado, pois lidar com essas lembranças exige respeito, sensibilidade e responsabilidade. Ao mesmo tempo, é justamente essa conexão emocional que torna a história local e regional tão rica e poderosa, capaz de despertar um sentimento de pertencimento e identidade nas novas gerações.

Para o pesquisador, é preciso cuidado para que esse vínculo afetivo não leve a uma visão romantizada da história local, que suavize ou apague conflitos, disputas e relações de poder que também fazem parte de seu tecido social.:

“Não é difícil encontrarmos reflexões que fazem uso da chamada história local – sobretudo quando a temática de ensino ou pesquisa é um bairro, uma comunidade ou uma vila, por exemplo – por meio de objetos de ensino ou pesquisa, como se esses se constituíssem, praticamente, sem conflitos. Às vezes, os conflitos aparecem de forma suavizada ou minimizada, como se nas relações de poder, nesses espaços estudados, inexistissem confrontos, disputas, alianças e enfrentamentos.”¹⁴³

¹⁴³CAVALCANTI, Erinaldo. **História e História Local: desafios, limites e possibilidades**. Revista História Hoje, v. 7, nº 13. 2018 p.9/10.

Eu já tinha isso em mente ao decidir lidar com as fontes históricas do município de Arapuá, mas a verdadeira surpresa foi perceber o quanto as pessoas ficaram emocionalmente tocadas com a oportunidade de relembrar, valorizar e honrar o passado, oportunidades assim que são escassas no ritmo da sociedade do consumo. A peça teatral, além de envolver os alunos, seus pais e os professores falou direto junto aos muitos moradores que naquela noite foram representados, reconhecidos ou até mesmo confortados, ao ver suas memórias, ou as de seus familiares, ganharem voz e espaço em uma narrativa. Em meio às diversas cenas que foram pensadas para representar o coletivo, a comunidade, surgiu um sentimento de pertencimento, como se aquela história fosse mais do que objetiva ser no início: um conteúdo escolar e passou a ser algo vivo, pulsante, construído com os rostos e nomes que fazem parte do cotidiano. Essa resposta afetiva evidenciou o poder da história contada pela linguagem do teatro em fortalecer vínculos comunitários e emocionais, algo que nenhuma grande narrativa nacional generalizada pode substituir. Ao se depararem com eventos, nomes e memórias que pertencem à sua própria realidade, representados diante de seus olhos, os moradores se envolveram pessoalmente com os personagens. Esse movimento de reconhecimento criou laços profundos entre público, história e encenação, gerando momentos de forte comoção e pertencimento.

Na segunda cena do segundo ato, por exemplo, quando as Irmãs Cândida sobem ao palco, algo especial acontece nos detalhes. A aluna A. L. (figura 8, à direita), que interpretava Francisca Maria, usava uma saia e um blazer verde-escuro de tecido firme com leve estampa, de corte clássico, mangas compridas e gola dobrada, uma roupa elegante, carregada de história. Aquela peça de vestuário não era um figurino qualquer: era o terno original de Francisca, gentilmente emprestado por sua filha, a pedagoga aposentada Maria Bárbara, uma testemunha histórica essencial para a construção da cena. Dona Maria Bárbara, que conheceu todas as irmãs pessoalmente, não apenas compartilhou memórias, mas também objetos carregados de afeto. Assim, enquanto A. L. interpretava a personagem, a memória viva vestida daquela mulher tão importante para aqueles sujeitos determinados, sua roupa, seu legado, sua presença.

Figura 8 - Figurino das alunas G. B. e A. L.



Fonte: Acervo pessoal, Arapuá 2024.

Ainda na mesma cena, outra aluna, T. B., usava um vestido roxo de corte e modelo vintage, cuidadosamente confeccionado, enquanto representava Ozídia Maria, uma das nove irmãs. Mas aquele figurino ia além da estética: o tecido foi fornecido por mim e transformado pelas mãos habilidosas de Célia Ozídia Domingues, hoje uma senhora, costureira de coração e filha do meio de Ozídia. Cada ponto da costura carregava desejo de memória, carinho e orgulho. Assim, quando T. B. subiu ao palco, ela não apenas interpretava a mãe de Célia, ela vestia um gesto de amor, um tributo silencioso.

Figura 9 - Figurino das alunas T. B. e N. R.



Fonte: Acervo pessoal, Arapuá 2024

A cena que retratava a história do Expedicionário Moura Neto foi pensada na intenção de ser o mais respeitosa possível. Inicialmente seus pais também apareceriam para se despedir de seu filho, mas como ele nunca voltou da guerra esta talvez fosse uma maneira cruel de relembrar a família de sua perda, Francisco de Paula Moura Neto foi então colocado como um rapaz sonhador cheio de objetivos prestes a viajar para a guerra. Como sua história é bastante inspiradora, principalmente para os meninos que também compartilham de seu ideal de bravura imaginei que não haveria problema ao escalar um aluno para interpretá-lo. Minha surpresa foi que o papel foi um dos primeiros a ser escolhidos, e por um aluno que até então tinha se mostrado quieto e reservado, ele se voluntariou e conseguiu providenciar com esmero todo o uniforme militar baseado nas referências que eu apresentei, confeccionando artesanalmente o capacete, réplica exata daqueles usados. Por se enxergar no personagem, o aluno saiu da sua zona de conforto e se dispôs a participar: o resultado foi excelente, e por coincidência, eles também são fisicamente parecidos.

Figura 10 – Comparação entre o Figurino aluno E. R e a Foto de Francisco de Paulo Moura Neto



Fonte: Fonte: Boaventura, Emílio. Arapuá, print de um story postado em nov. 2024



Fonte: GONÇALVES, Vasti. Gôiania, Print de um story postado em jan 2022.

A cena em que a aluna I L. interpretou a professora e poetisa Terezinha Borges foi, por si só, foi carregada de emoção e significado. Ter acesso aos seus poemas e conhecer sua

trajetória pessoal foi uma experiência tocante, que revelou uma nova faceta cultural da comunidade. Terezinha não era apenas uma educadora respeitada, mas também uma mulher sensível, cuja produção poética ajudava a traduzir os sentimentos de uma época. Conseguimos, pessoalmente, convidar apenas sua filha mais velha, que ainda morava na cidade. No entanto, no dia da apresentação, fomos surpreendidos: todos os filhos que ainda viviam na região conseguiram comparecer para assistir à peça. Sentados na plateia, ouviram Isabel declamar com a voz firme e delicada as palavras que Terizinha Borges havia escrito quarenta anos antes. Por alguns minutos, puderam reencontrá-la em versos, em memória, e carregar consigo mais um pedacinho dela para lembrar.

Por fim, um momento marcou a apresentação, novas amizades e relações sociais nasceram de sua colaboração.

7. EPÍLOGO: O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS POSSIBILIDADES EM CENA.

O teatro se mostrou, para mim, a forma ideal de integrar pesquisa, ensino e extensão. A busca por fontes que revelassem aspectos da vida cultural e comunitária de Arapuá foi meu primeiro contato significativo com a pesquisa universitária, um momento fundamental dentro da formação em licenciatura. Desde o início, o planejamento de uma atividade voltada ao ensino esteve presente, guiado pelo desejo de, enquanto professora de história em formação, envolver os alunos de forma criativa e colaborativa. Ao mesmo tempo, o projeto se concretizou como uma ação extensionista, promovendo o diálogo entre universidade e comunidade¹⁴⁴, além é claro da profunda correlação entre a prática teatral e a construção do pensamento histórico.

“O desenvolvimento do pensamento histórico foca em quatro aspectos-chave: a consciência do tempo histórico, a representação da história por meio de narrativas e explicações, a empatia histórica e a capacidade de contextualizar e interpretar fontes (Santisteban, 2010). Jara e Santisteban (2018) destacam a importância de formar cidadãos críticos por meio da investigação histórica.”¹⁴⁵

Aprender a pensar historicamente é um desenvolvimento, como uma habilidade que precisa ser aprendida, aprofundada e praticada tendo em vista a consciência do tempo histórico; é a capacidade de entender que os acontecimentos ocorrem em tempos diferentes e que o passado, o presente e o futuro se relacionam, em um exemplo prático é compreender que certas ideias, comportamentos ou sistemas políticos são produtos de sua época e não podem ser julgados apenas com os valores do presente, como os alunos - personagens (esperançosamente) compreenderam, outro aspecto é lidar com a representação da história por meio de narrativas e explicações, a forma como contamos e explicamos os acontecimentos do passado é uma reconstituição baseada em vestígios. No caso da peça, a intenção era lidar e analisar narrativas históricas (in)coerentes, exercitar diferentes pontos de vista. Ao interpretar e dialogarem com figuras históricas do município os alunos (e o público, provavelmente) desenvolveram empatia histórica :o esforço de se colocar no lugar do outro (das pessoas do passado), tentando entender suas ações, decisões e sentimentos com base no contexto em que viviam, sem julgá-las com os olhos do presente, mas enxergando-as como sujeitos históricos autônomos – condição fundamental para a construção de uma sociedade democrática.

Ao analisar as fontes e elaborar um produto (um roteiro teatral) também propuzemos

¹⁴⁴ Atividade de Extensão: cadastro SIEX/UFU: 32584/24

¹⁴⁵ ESCAMILLA, Wilman Escobar. RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico, LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades, Asunción, Paraguay.ISSN en línea: 2789-3855, noviembre, 2024, Volumen V, Número 5 p 5171.

um processo, para contextualizar e interpretar, documentos, imagens, objetos e outros meios são vestígios do passado de forma crítica, levando em conta quem os produziu, por que foram produzidos e em que contexto na história. Estudar história não é apenas memorizar datas e fatos, mas sim aprender a questionar, investigar e entender a realidade de forma mais profunda. Assim são formados os cidadãos críticos, mais consciente e responsável na sociedade.

O teatro, e a arte de forma geral, têm a capacidade de sensibilizar, provocar reflexões profundas, dar voz a diferentes narrativas e transformar percepções, conectando emoção e conhecimento de forma única e inesquecível.

Teatro é o estudo dessa forma e sua realização em função de uma postura em cena, isto é, de uma interpretação para um público de uma determinada época. Pode – se dizer que, nas escolas de Teatro, os estudantes fazem um trabalho dramatúrgico preparatório, cujo objetivo é colocar em cena o texto dramático, estabelecendo relações entre literatura dramática e o teatro.¹⁴⁶

Olga Reverbel discute como o teatro pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz, proporcionando aos alunos uma compreensão mais profunda e crítica da realidade. A obra enfatiza a importância do teatro como meio de expressão e reflexão, permitindo que os estudantes se conectem com a história e a cultura de maneira envolvente.

“[...] o teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”¹⁴⁷ Quando ele é usado como ferramenta educacional, valoriza as habilidades e talentos naturais que todas as pessoas já têm como a expressão, a criatividade e a comunicação. Porém, o teatro não só reconhece essas capacidades, mas também as desenvolve e aprimora, tornando esse potencial algo consciente, intencional e estruturado, através do aprendizado e da prática.

Além disso, estudantes são preparados, na maioria das vezes, a partir de uma educação muito técnica, em que não é dada ao indivíduo a oportunidade de criar. É como se não fossem seres pensantes, sempre rodeados de práticas laborais uniformes, que muitas vezes estão a serviço de um mercado de consumo, em um mundo onde as respostas já estão prontas e onde tudo parece ser “descartável”, inclusive os seres humanos. Em um mundo onde o pensar, o ser crítico e o criar já não têm valor.¹⁴⁸

Essa é uma realidade preocupante da educação contemporânea: a predominância de um modelo técnico e padronizado que limita a criatividade e o pensamento crítico dos estudantes. Quando a formação escolar fica reduzida a preparar indivíduos para tarefas mecânicas, sem estimular o questionamento e a invenção, corre-se o risco de formar pessoas conformadas, que apenas reproduzem respostas prontas, em vez de serem agentes ativos da

¹⁴⁶ REVEREL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

¹⁴⁷ KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

¹⁴⁸ ALCANTRA, Leide Rosane. *Pedagogia do Teatro: Uma Experiência de Ensino - Aprendizagem na sala de aula*. REVISTA NUPEART. VOLUME 17, 2017.

transformação social. Esse cenário reflete uma lógica de mercado que valoriza o consumo e a produção em massa, onde tudo é efêmero e descartável, inclusive as próprias potencialidades humanas. Em contrapartida, o papel da educação deveria ser justamente o oposto: fomentar a capacidade de pensar livremente, desenvolver a criticidade e incentivar a criatividade como ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e consciente. Combina cognições e emoções para entender a história. Gera empatia e humaniza as perspectivas históricas.

Por isso, escolher o formato da extensão como uma peça teatral foi fundamental para seguir esse caminho de repensar práticas pedagógicas, fazer uso dessas metodologias que valorizem a singularidade de cada aluno e que promovam o seu protagonismo, reconhecendo-o como sujeito pensante e capaz de contribuir com ideias novas para o mundo foi um meio para empolgar toda uma nova geração na construção do conhecimento histórico. O teatro foi o nosso poderoso recurso nesse processo, foi ele capaz de estimular a expressão, a reflexão e a criação, rompendo com a lógica da educação puramente técnica e dando espaço para a humanização do aprendizado, pesquisar, escrever, produzir a peça foi minha forma de assumir a perspectiva de professora de história daqueles x alunos, com os quais aprendi, ensinei, me emocionei, ainda que não fosse sua professora efetiva.

A realização da peça teatral como atividade de ensino, pesquisa e extensão representou, para mim, uma das experiências mais significativas e completas de toda a formação em licenciatura, principalmente pelo seu caráter prático, algo que, infelizmente, ainda é escasso no cotidiano dos cursos de formação de professores, especialmente na modalidade noturna. Muitos estudantes que frequentam o ensino noturno enfrentam jornadas duplas ou triplas, conciliando trabalho, estudos e responsabilidades familiares, o que limita não só o tempo disponível para experiências formativas mais aprofundadas, como também o acesso a vivências pedagógicas mais integradoras e criativas. Nesse contexto, a proposta teatral foi uma oportunidade rara de aplicar, de forma concreta e sensível, os conhecimentos construídos ao longo da graduação, rompendo com a fragmentação entre teoria e prática que frequentemente marca o percurso formativo do licenciando.

Mais do que cumprir uma etapa obrigatória do curso, essa experiência me possibilitou compreender, de maneira viva, o papel do professor como mediador de saberes, como alguém que investiga, planeja e atua de forma intencional para promover aprendizagens significativas. O projeto exigiu envolvimento intelectual, sensibilidade artística, diálogo com a comunidade e um esforço de articulação entre os campos da história, da educação e da cultura local. Ao mobilizar essas dimensões de forma conjunta, a peça contribuiu não apenas para minha formação

acadêmica, mas também para minha constituição como futura educadora comprometida com uma prática docente crítica, criativa e engajada com as realidades dos alunos e do território de onde me constitui como estudante e cidadã e onde atuarei como profesora de história. Foi, sem dúvida, um dos momentos em que mais me senti pertencente à universidade e à profissão docente.

Desde a investigação de fontes históricas até a construção coletiva do roteiro e a atuação dos alunos no palco, cada etapa do processo foi marcada pela descoberta e pelo envolvimento ativo com o conhecimento. A produção da peça teatral estimulou a criatividade, o engajamento e o protagonismo dos jovens, permitindo-lhes enxergar-se como sujeitos ativos na produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que estreitavam laços com a comunidade e com a memória coletiva, rompeu com a lógica da educação puramente técnica e padronizada, que muitas vezes reduz os alunos a executores de tarefas sem espaço para a criação ou o pensamento autônomo.

O teatro se revelou um poderoso instrumento de mediação entre saberes acadêmicos e vivências comunitárias, permitindo que a história de Arapuá fosse contada de forma sensível, crítica e participativa. A escolha por dramatizar a história local de Arapuá não foi apenas um recurso didático, mas uma estratégia para ativar a construção do pensamento histórico em seus múltiplos aspectos: a consciência do tempo, a análise de narrativas, o desenvolvimento da empatia e a interpretação crítica de fontes: a consciência do tempo de modo geral, um reforço para compreender que os acontecimentos se inserem em contextos específicos, reinterpretando de narrativas e fontes em todo o âmbito subjetivo que cada uma carrega, exercitar a empatia ao se colocarem no lugar de personagens históricos reais, e perceber que estudar história vai muito além de memorizar datas e fatos distantes da realidade, trazer para os alunos em sala de aula o ato de investigar, interpretar, refletir e dialogar com o passado para compreender melhor o presente. Nesse sentido, a peça não foi apenas um produto artístico, mas uma síntese prática de tudo que vivi no curso de história enquanto estudante que, para chegar até esta proposta, amadureceu sua prática nos Projetos Interdisciplinas, nos estágios de docência e no PIBID. Para os estudantes que estiveram comigo no projeto, foi também um exercício do direito a uma educação verdadeiramente significativa, pautada na formação de sujeitos críticos e conscientes,

Além de tudo, escolher o teatro como recurso pedagógico representou uma ruptura proposital com a lógica da educação tecnicista, repetitiva e desumanizadora que ainda marca muitas práticas escolares. Em um tempo em que o sistema educacional tende a formar estudantes para tarefas automatizadas, respostas prontas e um mercado de trabalho desanimador, o teatro abriu espaço para a criatividade, a expressão individual e coletiva, a escuta e a emoção, dimensões fundamentais para a formação humana que não podem ser negligenciadas. O potencial da arte em transformar a maneira como os alunos se relacionam com o conhecimento, com o outro e consigo mesmos ficou evidente ao longo do processo: eles se viram como autores, intérpretes e criadores,

não apenas como receptores passivos de conteúdo. A arte, em especial o teatro, desestabiliza certezas e promove o pensamento crítico, pois exige que o aluno sinta, questione, pesquise, compreenda contextos e tome decisões criativas.

Essa abordagem rompe com a estrutura verticalizada e rígida que tradicionalmente organiza o espaço escolar, oferecendo, em seu lugar, uma proposta mais democrática e participativa de construção do saber. O palco se tornou sala de aula, o roteiro se converteu em ferramenta de pesquisa histórica, e os ensaios em momentos de troca, escuta e aprendizado coletivo. O teatro permitiu não apenas vivenciar a história, mas humanizá-la, tornando mais acessível a compreensão das complexidades do passado e das experiências humanas que o compõem. Ao fomentar a sensibilidade, o trabalho em equipe, a autonomia e a reflexão crítica, o projeto contribuiu para reimaginar o papel da escola como espaço de criação e não apenas de reprodução. Assim, a arte se reafirma como aliada potente da educação emancipadora, aquela que não forma apenas trabalhadores, mas cidadãos capazes de pensar, sentir, intervir e transformar a sociedade em que vivem.

O Teatro tem potencial como proposta de educação transformadora, capaz de despertar habilidades naturais, e de convertê-las em ações conscientes, críticas e reflexivas. Ao convidar os alunos a criarem, pensarem e representarem o passado com liberdade e responsabilidade, a atividade proporcionou uma vivência autêntica do que significa ensinar e aprender história. Para mim, escrever, pesquisar e produzir essa peça foi também uma maneira de vivenciar, na prática, o papel de professora de história: alguém que, mesmo ainda em formação, se compromete com uma educação que valoriza a autonomia dos estudantes, que reconhece a cultura local como campo legítimo de saber e que entende o ensino como um processo coletivo, afetivo e transformador. Ao final, tendo sido a história de Arapuá posta em cena, não foi apenas a peça que ficou na memória, foi a certeza de que a educação pode, sim, ser um espaço de criação, de humanidade e de mudança real.

8. REFERÊNCIAS.

8.1 FONTES

Arquivo Público Mineiro – Mapas de População (1839).

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Série Registro de Terras. Notação: TP-1-201 (anterior: RP-201). Registro efetuado por vigários, contendo descrição de localização, limites, datas e proprietários. Rio Paranaíba (MG), [s.d.].

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Série Registro de Terras São Francisco das Chagas do Campo Grande 1855–1858, Rio Paranaíba (MG). Minas Gerais: Arquivo Público Mineiro, 2025. Sistema Integrado de Acesso do APM. p. 854.

ATA e Termo de Instalação da Cidade de Arapuá. Arapuá, 01 mar. 1963.

BORGES, Terezinha. **A Árvore**. Mimeografado. Arapuá, 1966. p. 1.

BORGES, Terezinha. **A Frô do Maracujá**. Mimeografado. Arapuá, 1986. p. 1–2.

BORGES, Terezinha. **Saudades**. Mimeografado. Arapuá, 1986. p. 1–2.

BORGES, Terezinha. **Poesia**. Mimeografado. Arapuá, [s.d.]. p. 1–6.

BRASIL. Lei nº 6.795, de 17 de agosto de 1944. Cria, no Exército, as condecorações denominadas Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e Cruz de Combate. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, 17 ago. 1944.

DICIONÁRIO de Termos Técnicos e Gírias de Teatro. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

DOMINGUES, Ivan. **Hino de Arapuá** - MG. Arapuá, 1998.

DOMINGUES, Livia. **Caderno de campo**. Arapuá, 2024.

DOMINGUES, Livia. **Entre a serra e a saudade**. [Roteiro teatral inédito]. Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, Arapuá, nov. 2024. p. 1.

DOMINGUES, Livia. Etapa 1 desenvolvimento do roteiro. Resultados do questionário aplicado via Google Forms. [S.l.], 2024. Resultado não publicado.

DUQUE ESTRADA, Joaquim Osório; DA SILVA, Francisco Manuel. Hino Nacional Brasileiro. Letra de Joaquim Osório Duque Estrada; música de Francisco Manuel da Silva.

FURTADO, Tunísia. **Dossiê de Tombamento da Fazenda Fradiques em Arapuá – MG**. Quadro IIB – Proteção. Arapuá, 2022.

FURTADO, Tunísia. **Dossiê de Tombamento do Conjunto Paisagístico Praça São João Batista**. Quadro IIB – Proteção. Arapuá, 2020. p. 1–87.

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS. Nossa história. Disponível em: <https://ieadip.com/nossa-historia/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

LIVRO DE ATAS – Congregação Evangélica Presbiteriana de Arapuá, 1936–1937. p. 2.

LIVROS DE ATAS PASTORAIS – Congregação Presbiteriana de Arapuá. Arapuá, 1959. p. 3.

LIVRO DE TOMBO – Paróquia São João Batista, 1937–1994. p. 4.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais: Etapa do Ensino Fundamental** – anos finais. Belo Horizonte: SEE/MG, 2025.

MOURA, Francisco dos Santos. [Carta]. Belo Horizonte, 27 abr. 1944. Acervo pessoal de familiares, Arapuá – MG.

OLIVEIRA, Maria Bárbara. Assembleia de Deus de Arapuá. Revista em Comemoração ao Jubileu de Diamante 1944–2004. Arapuá – MG, v. único, p. 7, 2004.

ROCHA, José Joaquim. Mapa da Capitania de Minas Gerais com a divisa de suas comarcas. Minas Gerais: Arquivo Público Mineiro, [s.d.]. Fundo Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro – APM, Série APM - 085(01). 1778.

ROCHA, José Joaquim. Mapa da região compreendida entre a Mata da Corda e o Rio São Francisco. Minas Gerais: Arquivo Público Mineiro, [s.d.]. Fundo Seção Colonial (Secretaria de Governo da Capitania) – SC, Série SC - 007. 1778–1800 (data provável).

SILVA, Letícia Cristina. **Livreto autoral**: lembranças de minha querida avó. Carmo do Paranaíba: [s.n.], [s.d.]. Mimeografado. p. 1–13.

8.2 BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTRA, Patrícia C. Limites e alcances da propaganda do Estado Novo para mobilização nacional durante a Segunda Guerra Mundial. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, vol. 11, 2019.

ALCANTRA, Leide Rosane. Pedagogia do Teatro: Uma Experiência de Ensino - Aprendizagem na sala de aula. **Revista NUPEART**, v. 17, 2017.

AZEVEDO, Lavine Jordane Queiroz; FIRMINO, Simone Gomes. Os Processos Históricos Da Feminização Da Profissão Docente: Uma Análise No Interior Do Estado De Goiás. Repositório IF Goiano. Disponível em https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1459/1/mon_Especializacao_Lavine_Jordane_Queiroz_de_Azevedo_FEMINIZA%C3%87%C3%83O_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em 08 ago. 2025.

BARROS, Márcio Rogério. **Dinâmicas Teatrais no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Perdizes - SP: Cortez Editora, 2005.
- BOAVENTURA, Sinval. **Município de Rio Paranaíba foi ali que começou a minha Boaventura**. Publicação independente, 1995.
- CAVALCANTI, Erinaldo. **História e História Local: desafios, limites e possibilidades**. Revista História Hoje, v. 7, nº 13, 2018.
- CHAGAS, Honorato C. **O Brasil em Guerra: os preparativos, a arregimentação e o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para os campos de batalha na II Guerra Mundial (1942-1944)**. Trabalho de Conclusão de Curso – UFU, Uberlândia, 2015.
- ESCALANTE, Paulina Latapi. El teatro histórico como ámbito educativo. Análisis de cuatro obras para conmemorar el triunfo de la República en Querétaro, México. **hist.mem.**, n. 17, 2018.
- ESCAMILLA, Wilman Escobar; RODRÍGUEZ, María Laura Alvarado. La pedagogía teatral como estrategia de enseñanza para desarrollar el pensamiento histórico. **LATAM Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales y Humanidades**, Asunción, Paraguay, v. 5, n. 5, nov. 2024.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125–141, 2012.
- FREIRE, Karen Pessoa. Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. 29, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. **Anais do Museu Paulista**, v. 17, n. 2, jul./dez. 2009.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIOVANNETTI, Carolina. **Documentos curriculares em contexto de avanço reacionário: os silêncios das histórias das mulheres e as relações de gênero no Ensino Médio brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HEGEL, Georg W. F. **A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história**. São Paulo: Centauro, 2004.
- KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP:

Editora da Unicamp, 1990.

MACHADO, Cristiane; JACOMELI, Mara Regina Martins. O golpe e a gestão democrática das escolas. In: **O Golpe de 2016 e a Educação no Brasil**. Uberlândia, 2018.

MANO, Marcel. Metáforas históricas e realidades etnográficas: a construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 2, 2010.

MANO, Marcel. O impossível plausível: transformações e história dos contatos de grupos Jê – Cayapó. Ilha – **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2024.

MAXIMIANO, Cesar C. **Barbudos, sujos e fatigados**: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. 2. ed. São Paulo: Grua, 2021. Recurso eletrônico.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48–67, set./nov. 2005.

OLIVEIRA, Márcio César. **Lembrar e não chorar**: a memória enquanto forma de resistência social - Arapuá (1963 - 1980). Monografia (Licenciatura em História) – UNIPAM, 2005.

OLIVEIRA, Victor R. **Arapuá**: nascimento, emancipação e crescimento tardio. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – UNIPAM, Patos de Minas, 2006.

REIS, Laís Naiara Gonçalves dos. Mapeamento das áreas de conversão do uso da terra para cana-de-açúcar na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG. **Caminhos de Geografia**, v. 13, n. 41, 2012.

REIS, Wilson Rodrigues. **O Patriarca**: Osmar dos Santos Moura. Rio de Janeiro: Betel, 2018.

REVEREL, Olga. **Um Caminho do Teatro na Escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTOS, Luciana Ibarra. **Há algo de novo no front**: a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SARI, Novi Rusita; YANTI, Serly Fatma. Sejarah Lokal dan Desentralisasi Pendidikan di Indonesia. **Tarikhuna: Journal of History and History Education**, v. 4, n. 2.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura histórica e aprendizagem histórica. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014.

SILVA, Sâmea Cristina. **Os impactos da eletricidade nos ofícios tradicionais** (Arapuá 1970 – 2010). Monografia (Licenciatura em História) – UNIPAM, 2010.

SILVA NETO, Dom Belchior Joaquim da Silva. **O Pastor de Luz**. Contagem: Littera Maciel, 1984.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Uma adolescente vê o trabalho docente. **Educação & Realidade**, v. 19, n. 2, p. 67–82, jul./dez. 1994.

VARGAS, José R. **Rio Paranaíba**: histórias e estórias da terra de São Francisco das Chagas

do Campo Grande. Uberlândia: Gráfica e Editora Impresso, 1995.

XAVIER, Joelma Eliz Aves; FILHO, Robson Rodrigues Gomes. Protestantismo vs. catolicismo: o conflito religioso em Goiás e a fundação da cidade de Cristianópolis. **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, v. 5, n. 1, 1º trim. 2020.

9. ANEXOS

Anexo I: DOMINGUES, Livia. Entre a serra e a saudade. [Roteiro teatral inédito] Apresentado na Escola Estadual Manoel Gonçalves Boaventura, Arapuá, nov. 2024. p. 1 – 12.

Título: 2024.

Ato 1, Cena 1 (10 Min).

Cenário: *Composto pelo Paineiro da praça da prefeitura cobrindo todo o palco, e um banco no mesmo estilo daquele na praça onde os alunos estão sentados conversando.*

Manoel: (Fechando o livro com desânimo) - Então esse é o único livro sobre a história de Arapuá? É engraçado, mas não fala sobre a origem da cidade. Pelo menos aprendemos algo na aula de hoje.

Mel: (bebendo uma coca) - Sim, aprendemos a perder tempo! Além da professora, ninguém sabia nada sobre a história de Arapuá. E ninguém liga também, é uma cidade pequena demais. Completamente inútil.

Manoel: (Desanimado) Eu vou ter que concordar.

Ação: *Os dois começam a rir e fazer piadas com a situação, sem perceber que a professora em questão estava atrás deles ouvindo tudo.*

Professora: Que bonito hein, menosprezando o trabalho dos outros e a história da cidade de vocês, tudo de uma vez.

Ação: *eles se viram assustados Manoel abaixa a cabeça envergonhado, enquanto Mel olha para a professora rindo e debochando*

Mel: Olha, me desculpe professora, mas é verdade, até a senhora admitiu que é difícil estudar a história daqui.

Professora: Mesmo que seja difícil e que a cidade seja interiorana não significa que não devemos estudar a história daqui todo conjunto populacional e comunitário no mundo possui história e cultura e nós devemos valorizar...

Mel: (De maneira irônica) Então fala para gente um fato importante da história da cidade?

Professora: Bom, depende do que vocês consideram importante. Vejam, isso tudo é subjetivo...

Manoel: (Desanimado e com um pouco de raiva) Nem você sabe...

Professora: Quer saber? Nada do que eu disser vai mudar a opinião de vocês, mas e se eu pudesse mostrar para vocês?

Ação: *A professora mexe na bolsa e tira de lá um relógio de bolso, ela o levanta para que todos possam dar uma olhada, a trilha sonora toca dando ênfase ao objeto, todos ficam em silêncio por um momento.*

Professora: Eu comprei esse relógio num bazar, era para ser uma herança de família passada de avó para neta, mas, aparentemente ninguém se importou muito em estudar o relógio e o venderam junto com o resto dos objetos da pessoa falecida. Havia dentro uma carta que explicava como ele funcionava, e quando eu o comprei achei que valia a tentativa.

Manoel: Como funcionava? O que quer dizer?

Professora: Olha vocês precisam acreditar nisso, esse relógio é capaz de voltar no tempo!!!

Ação: Os dois olharam para ela com os olhos arregalados então caem na risada.

Professora: Bom, é impossível decidir exatamente o ano da viagem, abrange apenas o passado e o relógio decide o que o portador precisa ver, ele também decide quando vocês vão voltar.

Manoel: Isso é impossível.

Professora: Eu não sei a explicação científica para isso, mas sei que funciona e não machuca o viajante o que já é suficiente. Ele prioriza lugares com multidões, e é importante que uma vez no passado vocês se misturem com as pessoas de lá, Não queremos causar nenhum problema.

Mel: Como nos misturar?

Professora: Bom, vestindo as roupas da época por exemplo. Arrumando o cabelo ou falando com o sotaque parecido, coisas assim.

Mel: Então vamos viajar?

Professora: Sim!

Manoel: Pra quando?

Professora: O relógio decide, depende muito...

Mel: Então vamos logo! Se isso for verdade, é claro...

Ação: A professora ajeita a bolsa no ombro e se levanta.

Professora: Eu vou ir lá em casa buscar algumas roupas de época para nós e...

Mel: Deixa o relógio com a gente! Não confia na gente?

Professora: Eu....

Manoel: Somos alunos tão bons!

Professora: Ah tudo bem! Mas me esperem aqui por favor.

Ação: A professora deixou o relógio com Manoel e saiu de cena. Os dois ficam quietos até que ela sumir de vista e logo depois começaram a discutir, (Uma música tensa começa) Mel tenta pegar o relógio da mão dele, Manoel tenta manter o relógio, e a briga vai piorando.

Mel: ME DEIXA VER!

Manoel: Toma cuidado com o relógio da professora.

Ação: O relógio cai das mãos deles aberto, (a música tensa para, tudo fica em silêncio) os dois ficam olhando para o relógio preocupados, então lentamente se abaixam e tocam nele. Ao mesmo tempo, as luzes se apagam, e as cortinas se fecham, os alunos saem para fora lá eles trocarão rapidamente de roupa e vão arrumar o cabelo. (5 Min).

Ato 1, Cena 2 (10 min).

Cenário: o painel é tirado da frente e o cenário montado atrás aparece, o palco vai estar decorado

como uma floresta, e apenas uma pequena igreja está erguida, enquanto uma música calma toca. Logo, ao fundo uma família aparece, uma mãe com um bebê no colo e um trabalhador de aparência humilde, ela começa a varrer o chão e ele retira uma casa cinematográfica escondida atrás da capela, colocando-a ao lado da igrejinha representando as primeiras casas erguidas, um personagem secundário abre então um boteco no local, também tirando a sua fachada e colocando-a mais de lado.

Título: 1891.

Ação: Os dois personagens chegam pela entrada do principal do refeitório conversando, ajeitando suas roupas e seu cabelo.

Mel: Nós realmente voltamos no tempo? Sério?!

Manoel: E que outra explicação existe Mel? Pelo amor de Deus. Será que ninguém vai sentir falta dessas roupas?

Ação: Mel olha para o próprio vestido com uma cara de desgosto.

Mel: Se sentir, problema deles! Quem mandou deixar secando numa cerca perto da estrada. Em que ano será que estamos?

Manoel: Não há nenhuma casa à vista, então eu chuto que estamos em 1890, mais ou menos perto do bar do Wando¹⁴⁹.

Mel: Se a gente saiu lá da praça não deveria ter uma igreja?

Manoel: Você não se lembra da professora falar que a igreja não ficava na praça? Ela ficava mais ou menos onde é a academia....

Ação: Os dois olham para o palco e avistam a igrejinha, sobem no palco observando-a.

Mel: Então é isso? Isso é tudo o que Arapuá era?

Manoel: Pelo menos no começo. É um lugar bonito.

Ação: Francisco Barboza entra em cena, usando roupas de época de aparência rica e parecendo bravo, entra pela porta a esquerda.

Francisco Barboza: Quem são ocês e o que seis quer nas minha terras?

Manoel: Nós? Nós somos...

Ação: Luiz Cassiano entra pelo canto direito e fala assustando os dois.

Luiz Cassiano: A terra não é sua mais, é do Santo!

Ação: Os dois olham para o recém-chegado, ficando confusos entre os dois homens.

Luiz Cassiano: Seis é fio de quem?

Mel: Nós somos... Netos da Dona Maria! Isso.

Ação: Os fazendeiros parecem aceitar bem isso e concordam, sem querer admitir que não conhecem

as pessoas citadas.

Luiz Cassiano: E oéis vieram prestar respeito pro Santo?

Ação: Eles concordam.

Luiz Cassiano: Oéis sabe que foi eu que fiz a doação de meia quarta de terra pro santo? Sou o seu Luiz Cassiano da Silva!

Francisco Barboza: E eu também fiz doação, dois pratos de terra pra construir essa capela, e a madeira do cruzeiro era um jatobá aqui das minhas terra, Francisco Barboza a dispor de mercê!

Ação: Francisco se abaixa e beija a mão de Mel, ela discretamente limpa o beijo nas roupas. Eles falam como se estivessem competindo.

Mel: Qual o nome dessa... desse lugar?

Ação: Eles falam e gesticulam como se estivessem relembrando, os alunos se sentam também.

Francisco: Oia o povo passava muito por essa estrada pra chegar nas roças, essa árvore grande marcava o lugar e nela tinha uma colmeia de abelha, ninguém sabia o nome então saímos perguntando, no fim as abelha chamava Arapuã, começaram a chamar de Arapuá depois que o Padre veio rezar aqui, chamaram de São João Batista de Arapuá, nois fizemos a Ermidazinha, marcamos a terra com um cruzeiro e então foram surgindo umas taperinhas em volta dela...

Luiz Cassiano: As terras era do Santo, mas aí o povo foi se acumulando, uns eram parentes, eles vinham de Pitangui, Ouro Preto, Goiás, uns jovens que nem vocês, casaram e vieram pra cá, o povo morava aqui mas se queria as coisas tinha que ir até São Francisco das Chagas...

Mel: São Francisco das Chagas? No caso, Rio Paranaíba....

Manoel: Você precisa disfarçar melhor...

Eles tem uma conversa silenciosa, pelo olhar.

Francisco: É foi assim... Hora que nois viu, o lugar foi crescendo um povo foi acumulando e construindo as casas deles perto da igreja e nois... só deixou. O tempo foi passando e aqui foi se tornando um lar, famílias começaram e terminaram, foram fazendo as moradias do barro, mistura de esterco e areia¹⁵⁰, os carros de boi passando na estrada levando as coisa necessárias pra viver, as mulher lavando as roupas no corgo, as crianças novas marcando essa terra num lugar novo, a lida foi dura mas tudo veio com o suor de gente honesta.

Luiz Cassiano: Num foi fácil, ês construíram sozinhos, no meio da Mata, no pé da serra, doamos este pedaço de chão pela fé em São João Batista, e hoje, as casas vai surgindo as pessoas se acomodam e são felizes, sinto orgulho, isso aqui pode crescer num lugar bão desde que o povo continue honrando e trabalhando nessa terra, fazendo dela um bom lugar no mundo.

Ação: Os dois olham em volta notando as mudanças, Francisco e Luiz se levantam prontos para voltar para casa deles, acenando em despedida.

Mel: Espera! Eu queria dizer... acho que os senhores fizeram uma coisa boa. Acho que aqui no futuro se tornará um bom lugar.

Ação: Eles parecem felizes, dão as costas e vão embora pela escada.

Ato 2, Cena 3 (20 min).

Título: 1923.

Ação: Manoel se afasta em direção à mercearia, e começa a conversar com o vendedor tentando pagar com dinheiro moderno algumas bebidas. Mel se senta no banco.

Ação: Tudo parece calmo, uma música divertida começa a tocar, da plateia nove moças se levantam e se encontram no palco, elas se dispõem conversando juntas, todas vestidas com roupas típicas de 1920. Manoel que estava de costas se vira e percebe a quantidade de meninas agora no recinto.

Manoel: Nossa.

Dono do Boteco: Pois é; essas são as Irmãs Cândida, as moças mais bonitas da cidade.

Maria Rita, junto **da Francisca Maria** se aproximam da venda e de **Manoel**.

Dono do Boteco: Boa tarde! Ritinha! Dinha Chica!

Francisca Maria: Boa tarde! Nós veio buscar as encomendas para o forró de hoje à noite.

Ação: O dono do Boteco pega o vinho e entrega a elas, no meio do palco Nicolina conversa com Mel.

Nicolina: Oeis não são daqui, né? Eu num conheço ocêis e eu conheço todo mundo daqui.

Ozídia: Nicolina oia a educação, Calilica (Maria Cândida) vem cá oia isso.

Maria Cândida: A Nicolina está incomodando oeis? Didida o que foi que ela falou?

Mel: Não não, tudo bem. Nós não somos daqui mesmo, viemos visitar nossa avó.

Geralda Maria: Oia coisa boa, Oeis falam tão chique parece até da cidade grande, oeis não quer vim no forró lá em casa não, o que oce acha Analina, ês parece gente boa?

Analina Maria: Oia Tuta (Geralda) parece sim, viu? Nois mora logo ali em cima do morro, oeis tão tudo convidado.

Mel: Nós dois adoraríamos ir, que ocasião seria?

Ozídia: Nosso pai está feliz. Ficou sabendo pelo padre, São João Batista de Arapuá se tornou distrito! Ele é um homem saudoso mora nessa região há muitos anos e quer comemorar essa conquista.

Ação: Manoel se aproxima da roda de mulheres, ao seu lado Francisca e Maria Rita estão carregando as encomendas do seu pai.

Nicolina: Ô Santa (Leontina), Gogome (Maria Antônia) chega aqui, nos fez uns novos amigos, qual que é o nome do seis?

Ação: Todos juntos agora em um semi círculo.

Manoel: O meu nome é Manoel... Boaventura, essas é a minha prima Mel, viemos visitar nossa avó.

Maria Rita: Bão demais, meu nome é Maria Rita mas todo mundo me chama de Ritinha ou Dinha, eu sou a mais velha de nois tudo.

Francisca: Meu nome é Francisca Maria mas pode me chamar de Dinha Chica, vai ser muito bão conversar com oseis lá na festa.

Maria Antônia: Eu sou a Maria Antônia, me chamam de Gogome.

Ação: Ela dá um sorriso tímido.

Nicolina: Ela é a mais calada de nois tudo.

Ozídia: Eu sou a Ozídia mas é Didida pra oéis, muito bão conhecer oéis.

Maria Cândida: Meu nome é Maria Cândida mas pros bons é Calilica, Prazer.

Ação: Ela responde de maneira séria.

Nicolina: Eu sou a Nicolina ou só Colina as vezes, e quero dançar pelo menos uma vez contigo ô rapaz.

Ação: Manoel parece envergonhado e abaixa a cabeça.

Leontina: Meu nome é Leontina todos me chamam de Santa viu, faço gosto de conhecer oéis.

Geralda Maria: Eu sou a Geralda Maria, ou Tuta, nós vai preparar tudo lá em casa para receber oéis viu.

Analina: Já eu sou a mais nova, me chamo Analina, nós espera oéis lá.

Ação: As nove saem do palco felizes.

Mel: Nós vamos?

Manoel: Acho que não podemos Mel, temos que nos manter fora de confusões.

Mel: A escola foi nomeada em homenagem a elas?

Manoel: Sim, nós estudamos lá e agora conhecemos as nove irmãs... pessoalmente elas parecem tão normais.

Mel: Parecidas com a gente eu acho, gostam de se divertir, conversar, é estranho pensar que todas as pessoas um dia todos tiveram a nossa idade.

Manoel: Acho que receberam essa homenagem porque foram matriarcas importantes.

Mel: O que é uma matriarca?

Manoel: Uma matriarca é o centro de uma família, imaginem, cada uma delas se casarão e vão ter filhos, eu chuto que juntas elas tiveram 58 filhos, e cada um deles se casou e formou a própria família, elas têm muitos descendentes que tiveram importância na história da cidade.

Mel: Meu Deus isso é muita coisa!

Ato 3, Cena 4 (10 min)

Ação: Manoel mexe nervoso no relógio...

Manoel: Isso é muito estranho! Nós conhecemos os descendentes daquelas meninas, vivemos em um tempo em que todas elas estão já se foram...

Ação: Os dois andam pelo palco pesarosos e preocupados, não há outros figurantes em cena, quando se veem sozinhos se aproximam do relógio e olham para ele em suas mãos.

Mel: Meu Deus, como a gente vai voltar pra casa?

Manoel: Fica calma!

Ação: Mel passa as mãos pelo cabelo parecendo desesperada.

Mel: Ficar calma? Nada fácil! Estamos muito longe, não há história regional no currículo das escolas! Podemos estar correndo perigo!

Manoel: Olha pelo menos sabendo que não houve uma guerra nem nada.

Ação: Nesse momento um rapaz vestido de soldado aparece, ele passa na venda para se despedir do dono com um abraço. Curiosos os dois alunos se aproximam dele. Os dois o cercam e procuram

conversar.

Mel: Oi, desculpa a curiosidade, mas, você está com um uniforme militar... qual o seu nome?

Ação: Manoel fica mais distante ouvindo, Mel parece ter um interesse genuíno no jovem soldado.

Dono do Bar: Quem é esse aqui, Mocinha? Um rapaz corajoso, parte hoje com mais alguns pra São João Del Rey. Vai lá ser herói.

Ação: O rapaz sorri e parece divertido com o amigo.

Francisco: Meu nome menina, é Francisco de Paula Moura Neto, muito prazer, qual o seu nome?

Ação: Ela sorri animada.

Mel: Me chamo Mel, me diga você vai para a guerra na Europa? Como nos filmes?

Ação: O dono do bar decide então entrar de volta em seu estabelecimento deixando os estudantes e o jovem soldado sozinhos.

Francisco: Eu vou sim! Vou lutar na Europa! Vou defender a pátria com muito orgulho, filhos do Brasil nunca fogem à luta!¹⁵¹ E eles vão se arrepender por afundar nossos navios!

Mel: Nossa, isso é muito legal: um ato de heroísmo mesmo!

Ação: Ele sorri pra ela, mesmo achando estranho as suas falas, anda um pouco pelo palco mostrando uma presença. Bella Ciao começa a tocar.

Francisco: Disseram tantas coisas... nos menosprezaram, mas não podem ignorar eternamente as agressões e eu te digo moça, o Brasil vai fazer bonito vamos mostrar pra eles bravura, mesmo com menos treinamento, mesmo com dificuldades!

Manoel: Boa sorte, se orgulhe mesmo disso! Você lutará contra a pior face da maldade e da crueldade Humana, e o mundo verá dias melhores por causa disso.

Francisco: Obrigado, tenho que ir então. Adeus para vocês!

Ação: Francisco e Manoel apertam as mãos sorrindo, ele se despede e dá um sorriso para Mel enquanto sai pelo corredor.

Mel: Eu simplesmente não tinha ideia que havia um veterano de guerra aqui de Arapuá!

Manoel: Ele foi um herói, uma rua recebeu o nome dele...

Ação: Mel parece bastante encantada com ele, olhando pensativa pro caminho que ele seguiu.

Mel: E com quem será que ele casou quando voltou da guerra?

Ação: Manoel parece triste e olha para a amiga preocupado com sua reação.

Manoel: Ele não volta, Mel.

Mel: Como assim?

Manoel: Francisco de Paula Moura Neto e outros 453 soldados da força expedicionária Brasileira não voltam da guerra.

Mel: Mas... ele... que isso todo mundo que sai de Arapuá volta para cá em algum momento.

Manoel: Ele não volta, faleceu em combate, o Francisco nunca retornou...

Ação: Mel olha para ele meios triste, (talvez chorando)

Mel: Mas ele estava bem aqui, na nossa frente..., ele merecia ter uma família.

Ação: Ela faz menção de ir atrás dele para impedir que viaje e vá para a Europa, mas Manoel segura o seu braço.

Manoel: Você não pode interferir.

Mel: Podíamos pelo menos avisá-lo! Pra ele tomar cuidado!

Ação: Manoel segura a mão dela.

Manoel: Não podemos mudar nada no passado, o que tiver de ser será.
Ação: Eles ficam em silêncio por um momento, logo o barulho de um avião pode ser ouvido junto da música, folhetinhos são jogados do céu (Espalhados a partir da prova, as crianças pegam a maioria deles, os outros são jogados para a plateia) neles o piloto, doutor Francisco de Araújo, médico de bom despacho, sobrevoou a cidade jogou o boletim que foi lido por todos no qual o ilustre clínico dá parabéns ao vigário e ao povo pela festa de São João (Junho de 1945).

Ação: Mel lê os informes do folhetim e sorri.

Mel: O ilustre clínico doutor Francisco de Araújo, médico de Bom Despacho congratula o vigário e o povo de Arapua pela festa de São João Batista. Junho de 1945.

Manoel: Eu não acredito que a festa já existe a uns 80 anos! É tradição é uma antiga e famosa manifestação cultural da nossa cidade! E a gente nem pensa nisso quando vai lá ver as barraquinhas.

Ação: Manoel diz isso olhando especificamente para a Mel.

Mel: Olha tá meio óbvio que eu menosprezei muita coisa que não deveria, você quer por favor parar de me fazer ficar culpada!

Ato 2, Cena 5 (15 min)

Ação: Os dois ficam em silêncio, na cena, um personagem (Criança) entra e joga uma pedra no telhado de uma casa, Manoel a pega pelo bracinho e pergunta sério.

Manoel: Por que você fez isso menino?

Pedro Pires: Aninha já disse pra não fazer isso, viu!

Ação: Aninha pisa no pé de Manoel e corre para o pai chega perto dele e coloca a língua para fora, um personagem secundário que aparenta raiva de Pedro Pires.

Personagem Católico: Oia se num encosta na minha filha não!

Mel: A menina tava jogando Pedra na casa das pessoas! Isso é muito feio.

Manoel: Não pode fazer isso...

Pedro Pires: Isso é verdade, eu vi, tacou pedra na casa de Seu Nicanor.

Personagem Católico: Pois fui eu que mandei ô Pedro Pires, que que tem? É uma casa de protestante.

Ação: Os dois alunos ficam calados, pois nunca haviam visto intolerância religiosa aparente assim.

Pedro Pires: Pois eu venho dizendo, não é certo ficar com agressividade e hostilidade, afinal somos

todos cristãos, né?

Personagem Católico: E o que que você tem com isso ô Baiano? Oê nem é daqui.

Pedro Pires: Eu não nasci aqui, mas gosto de morar em Arapuá. Separar o povo não é a resposta. Arapuá é nosso lar, e a gente devia era trabalhar junto pra deixá-la forte e boa.

Personagem Católico: Pois eu não dou a resposta que ocê merece por que estou na frente da criança, mas oce vai ver!

Ação: O pai sai de cena segurando o filho pela mão.

Manoel: Nossa, por que ele agiu assim?

Ação: Pedro se vira para os alunos, e abaixa a cabeça parecendo cansado.

Pedro: A primeira religião que chegou aqui foi a católica, com os párocos vindo de Rio Paranaíba. Depois, vieram os presbiterianos e a Assembleia de Deus. Mas os católicos não aceitaram isso muito bem, e tá virando, pouco a pouco, uma briga feia.

Mel: Isso é sério senhor... Pedro?

Pedro: Os cultos tão acontecendo nas casas dos irmãos, e eles tão se esforçando pra construir o templo deles, mas não tão sendo bem recebidos, não.

Mel: Mas ninguém vai fazer nada de mal não é?

Pedro: Não sei lhe dizer, mas espero que não. Bom, já tô indo, espero que a visita de vocês seja sossegada. Aproveitem, viu?

Ação: Pedro se afasta pelo corredor, caminhando calmamente com sua bengala, ele para atrás da casa mais próxima da porta, parecendo preocupado.

Manoel: Está tudo bem Mel?

Mel: Estou com um pressentimento ruim...

Ação: Nesse momento o pastor da Igreja Evangélica se aproxima da porta da casa a direita, logo os irmãos se destacam do fundo e vem andando em pares e grupos para suas orações, por um minuto o culto parece começar, mas nesse momento uma música de rock pesado começa a tocar, pessoas com pedaços de paus e pedras se juntam para bater nos religiosos reunidos, logo sons de disparos são ouvidos e Pedro Pires manda todo mundo para casa.

Pedro Pires: Que falta de respeito! Pode parar!

Ato 2, Cena 6 (10 min)

Ação: Depois da briga as pessoas vão se dispersando, católicos para um lado e protestantes para outro, os dois alunos ficaram escondidos atrás de um ponto do cenário, voltam em cena lentamente como se estivessem com medo.

Manoel: Nossa as pessoas de antigamente são um pouco... radicais.

Mel: Você quer dizer violentas né.

Manoel: Sim mas nós não podemos julga-las.

Manoel: Eu sei, não digo que as atitudes deles foram corretas, isso é errado mesmo nesse tempo, o Senhor Pedro mesmo disse, a questão é que julgar o passado não adianta de nada, devemos entendê-lo, talvez aprender com ele e não repetir os seus erros, mas julgar não é a resposta.

Mel: Pois eu digo: Todos malucos, todos eles!

Manoel: Concorde que é melhor ir pra casa?

Ação: Durante o diálogo Terezinha Borges se aproxima do grupo, ela veste roupas de época (1960) e traz alguns indícios de sua profissão (Professora) ela interrompe o diálogo deles com a experiência de uma professora que já lidou com uma sala de aula cheia de alunos.

Terezinha: E quem são vocês?

Ação: Os dois se olham assustados.

Mel: Nós somos netos da dona...

Terezinha: Por favor, me poupe das histórias que vocês contaram para os outros, sei muito bem que é mentira, eu sempre sei, tratem logo de me dizer a verdade.

Mel: A verdade é que é um castigo!

Terezinha: Que castigo?

Ação: Mel parece envergonhada e arrependida, Manoel abaixa a cabeça e parece triste.

Mel: Estávamos rindo e debochando, agora, estamos percebendo que tudo o que ela falou faz sentido.

Terezinha: Eu sabia! Alunos quando aprontam ficam sempre com o mesmo rostinho.

Manoel: Mas como sabia? Você é professora? Mas quantos anos você tem...

Terezinha: 15!

Mel: Você é professora... com 15 anos?

Terezinha: Sim, na verdade sou professora desde os 13 anos, eu e diversas outras mulheres da região exercemos essa profissão!

Manoel: Acho que as primeiras professoras foram mulheres certo?

Terezinha: Sim! Também tivemos muitos homens como colegas de profissão, mas sem dúvidas é inegável a influência das mulheres na educação, gerações inteiras foram educadas pelas filhas de Arapuá, mulheres integras e de bom coração, mas que sabiam puxar a orelha quando era necessário! Maria Caetana da Rocha e suas filhas, Amélia Rodrigues Boaventura, Dona Glória, a Dona Bárbara todas com influência na história daqui!

Mel: Mas como é possível ser professora nessa idade? Você tem um curso para isso?

Terezinha: Quando surgiu uma oportunidade para ensinar numa escola rural eu fui e desde então trabalhei com muitas crianças, ensinei a ler e as primeiras contas, li histórias e escrevi poemas para elas!

Mel: Você mesma escreveu os poemas!? Seria incrível de ouvir.

Terezinha: Tudo bem então, vou ler um pra vocês!

Ação: Terezinha parece um pouco tímida, mas tira de seus cadernos um especial com o poema escrito e declama para todos.

Mel: Mas eu queria elogiar seu poema, foi muito bem escrito!

Manoel: Eu adorei.

Terezinha: Brigada então, eu posso dizer que vocês uns alunos bons, então quando virem seus professores sejam mais humildes e aceitem as aulas como uma oportunidade para compartilhar conhecimentos não como algo a ser principalmente criticado, discutam e estejam abertos a aprender pois sem a ajuda de vocês o trabalho do professor fica impossível!

Terezinha: Vai ficar tudo bem, vocês vão ver, tenho que ir agora, mas foi um prazer!

Ação: Terezinha sai do palco satisfeita com a conversa, os dois permanecem ali.

Ato 2, Cena 7 (8 min)

Ação: Logo uma música muito animada começa a tocar, pessoas emergem de todos os locais, o casal Sinval e Odete entram pelo corredor trazendo uma faixa a ser anexada no palco, nela vemos os dizeres de Arapuá comemorando sua emancipação, dois jovens com roupas da época trazem uma tribuna para frente, logo aparecem famílias que se sentam no banco da praça (estimativa de 10 pessoas reunidas no palco). Sinval Boaventura se aproxima do Podium.

Sinval Boaventura: Boa noite amigos e amigas, é com alegria hoje que comemoramos Arapuá finalmente se emancipou em um município próprio!!

Ação: Há uma salva de palmas, as pessoas e os dois alunos parecem felizes, ao fundo as pessoas não percebem, mas há a instalação no palco de postes de luz, indo por trás do cenário e fazendo parte.

Sinval Boaventura: Foi uma manobra política bem executada meus amigos, a câmara municipal de Rio Paranaíba permitiu que conseguíssemos autonomia finalmente! E agora tenho o prazer de informar que com a nova estabilidade a prefeitura municipal de Arapuá propôs entendimento com as Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG) e daqui a pouco em 1966, faremos a instalação de energia elétrica na cidade!

Ação: Os postes são ligados e todos batem palmas de felicidade, depois disso a esposa de Sinval Odete Boaventura se apresenta ao pódio para discursar!

Odete Boaventura: Saudações amigos! Muita felicidade de estar aqui hoje, venho compartilhar boas notícias, movida pelo amor à nossa cidade, ajudada pela influência de meu marido consegui um mais um marco no desenvolvimento de Arapuá! Minha terra, o lugar onde nasci, me criei, contraí núpcias e dei a luz aos meus dois primeiros filhos, o lugar que sempre amei, estamos indo bem amigos! Temos educação, água e energia, e quando escrevi à primeira-dama desse país Scylla Médici pedi apenas um gesto para complementar isso, mais um marco de progresso e facilidade ao público, hoje recebemos a verba e a autorização para o asfalto ligando Arapuá até a BR-354! Hoje é um dia de alegria por mais uma melhoria na nossa comunidade!

Ação: Dois homens estendem um tapete cinza para representar o asfalto. Todos comemoram batendo palmas felizes, logo uma música toca, alguns casais começam a dançar por um tempinho, aos poucos as pessoas vão deixando o palco e sobra apenas os dois estudantes, estão sentados desanimados um ao lado do outro.

Mel: Você também se sente cansado? O tempo está todo estranho, mas sinto que realmente vivemos todos esses acontecimentos.

Manoel: É porque vivemos sim, mas tudo de uma vez, todos os sentimentos acumulando...

Ação: Os dois são interrompidos pelo barulho da estrutura que representa a igreja caindo.

Mel: Meu Deus o que foi isso?

Dono do Boteco: O teto da igreja caiu! O TETO DA IGREJA CAIU!

Ação: Um barulho como o de um relógio começa a tocar, os dois pegam ele de seu bolso e então as luzes apagam novamente e as cortinas se fecham.

O cenário retorna ao que era antes representando Arapuá em 2024, nele a professora anda de um lado pro outro preocupada com os seus alunos, do outro lado os dois retornam vindos do corredor e uma música animada toca, os alunos sobem no palco, ela vai até eles e os abraça.

Professora: Meu Deus vocês estão bem?

Mel: Me desculpa, desculpa ter sido idiota e grossa, desculpa não ter prestado atenção e debochado, é importante, a nossa história é muito importante!

Manoel: Nós vimos tantas pessoas, pessoas que erraram, pessoas que mudaram a cidade pra melhor, aprendemos muito, muito mesmo!

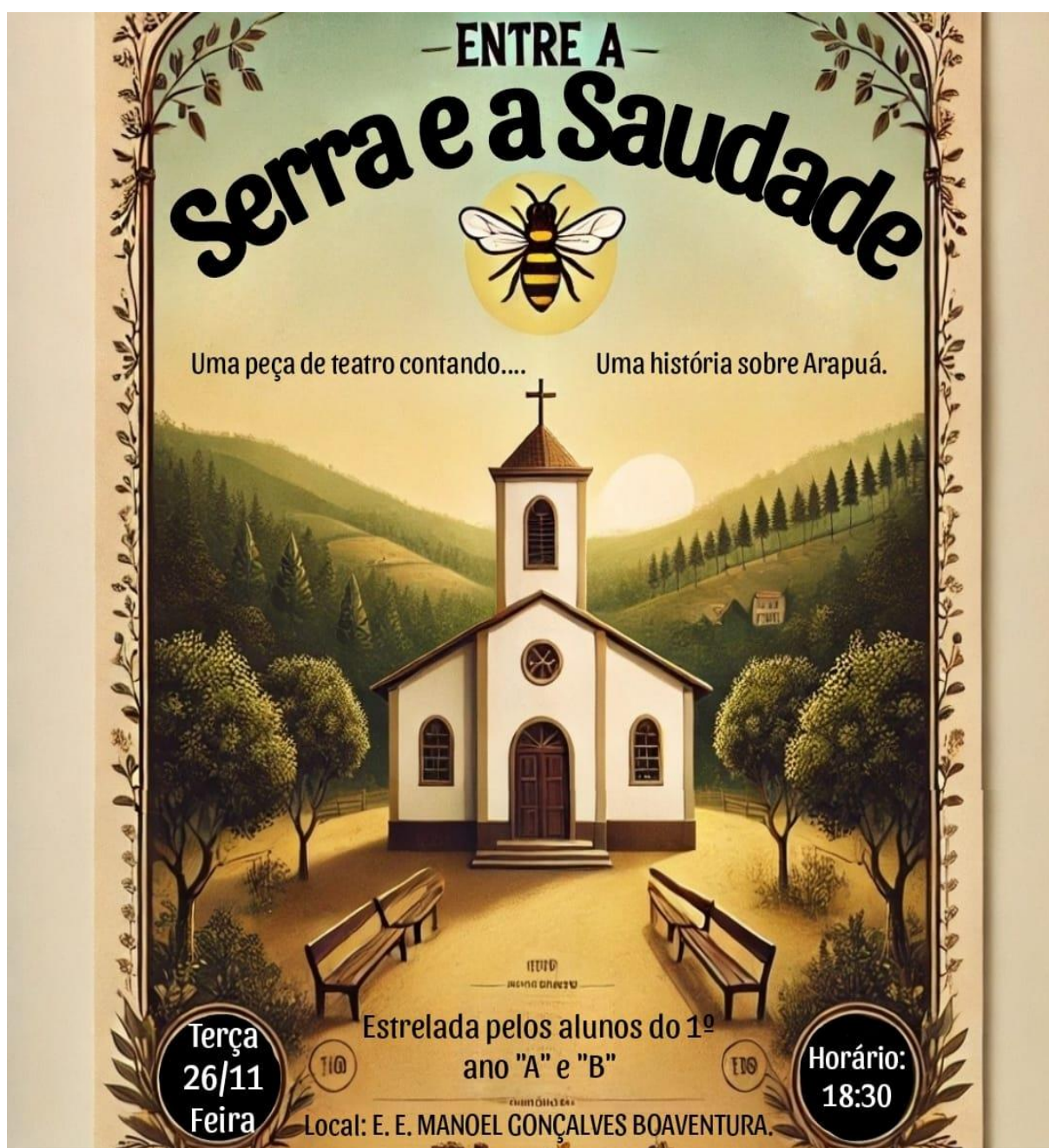
Professora: Fico feliz, porque eu estava honestamente com medo de vocês saírem traumatizados!

Manoel: Desculpa o seu relógio quebrou...

Professora: Não tem importância, só me importo que vocês voltaram pra casa.

Mel: Estamos em casa.

ANEXO II: Panfleto de Divulgação da Peça Teatral.



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

ANEXO III: BORGES, Terezinha. Poesia. Mimeografado. Arapuá, [s.d.]. p. 1–6.

POESIA.

Um grande pai de família
residente neste estado
era sempre um homem honrado,
mas lhe veio a desventura
de morrer suicidado.

Depois de morto e enterrado
E seus filhos já crescido,
A mulher por desventura
Arranjou outro marido,
pois o pai destas crianças
já havia esquecido

Passaram - se os meses
E seu marido soldado,
odiavam os pobres órfãos
que viviam desprezados

Aconteceu que um dia
Um deles mais odiado,
brigando com o padrasto
por ele foi atirado,
o inocente não morreu
por Deus foi ajudado

Este soldado perverso
Homem sem coração,
Partiu com sua família
pois viu sua perdição,
Derramou sangue inocente
jamais terá perdão

Depois de muito tratar
o atirado sarou,
E dentro da mesma casa
com seus irmãozinhos ficou,
pois a mãe que possuía
o soldado acompanhou

Havia um, o mais velho
Cabisbaixo e calado,
só pensava em vingar
pelo irmão desventurado,
não comia nem dormia
seu peito estava trancado

Pensou então no momento
como havia de fazer,
se matasse o soldado
sua mãe ia sofrer,
seus irmãozinhos pequenos
sem pai, não queria ver

Permanecia calado
sofrendo tanta amargura,
Ainda a saudades da mãe
a mais santa criatura,
E o pai que encontrava
a anos na sepultura

Até que um dia, coitado
de tanto que planejou,
pegou o seu revólver
em si mesmo atirou,
pois a vingança que fêz
pelo irmão que ficou

Passaram – se os anos
mas Joaquim não esqueceu,
casaram suas irmãs
solteiro ele permaneceu,
E embriagado vivia
Por tudo que aconteceu

Cansado de viver só
Arranjou uma companheira,
Honesto, boa e fiel
Que ajudou a vida inteira,
não recebeu sacramento
por esta sorte traiçoeira

Vivendo assim, fazendeiro
trabalhador e estimado,
ao redor de sua casa
de pobres era cercado,
pois fazia caridade
pelo pai foi ensinado,

Um dia indo a Tiros
legalizar uns documentos,
E de volta da cidade
foi chegando seu momento,
pois Deus queria livrá-lo
de outro acontecimento

Isto se deu em janeiro
lá no rio Abeté,
o rio estava alto
para nada dava pé,
Só se via canoeiros
remando contra maré,

Este moço veio chegando
meio ébrio a galopar,
pelo canoeiro avisado
que não podia passar,
jogando o cavalo n'água
não temendo afogar,

O rio estava alto
parecia até roncar,
nada via senão água
as ondas a balançar,
barulho de correnteza
que até fazia cismar

O canoeiro ainda remou
vendo o cavalo afogar,
sem o arreio e sem o dono
no rio a atravessar
E o moço afogando,
Pedia para lhe salvar

Ia e voltava ao fundo
lutando para não afogar,
dava os braços ao canoeiro
Que queria lhe salvar
a canoa passou por cima,
e não pode ajudar

Depois que isto aconteceu
foi ao povo avisar,
abalou toda cidade
pela notícia espalhar,
parecia dia de festa
com tanto carro a passar

Lá na beira deste rio
nunca se viu triste assim,
tanta gente a rodeá-lo
a procura de Joaquim

Sua mulher esperava
chorando sem consolação,
pois queria ainda vê-lo
mesmo dentro do caixão,
E mostrar os seus filhos
o pai do coração

Remava os canoieiros
esperando encontrar,
gente a beira do rio
Só se via senão água
E as ondas a balançar.

Cercaram com fios de arame
Puseram rede a esperar,
Que com o espaço do dia
seu corpo iria boiar
sobre as águas deste rio,
para assim sepultar
Cinco dias se passaram
esperança já não tinha,
Distância de 15 léguas

num garimpo em Varginha
Encontraram seu corpo,
numa bela tardezinha

Todos foram avisados
partiram com emoção,
levaram dentro dum carro
um belo e rico caixão,
pedindo sempre a Deus
que lhes desse Salvação

Em Pimentas foi enterrado
Junto a família unida,
visto pela esposa amada
E pelos seus filhos queridos,
E fica aqui esta história
Lembrada por toda vida.